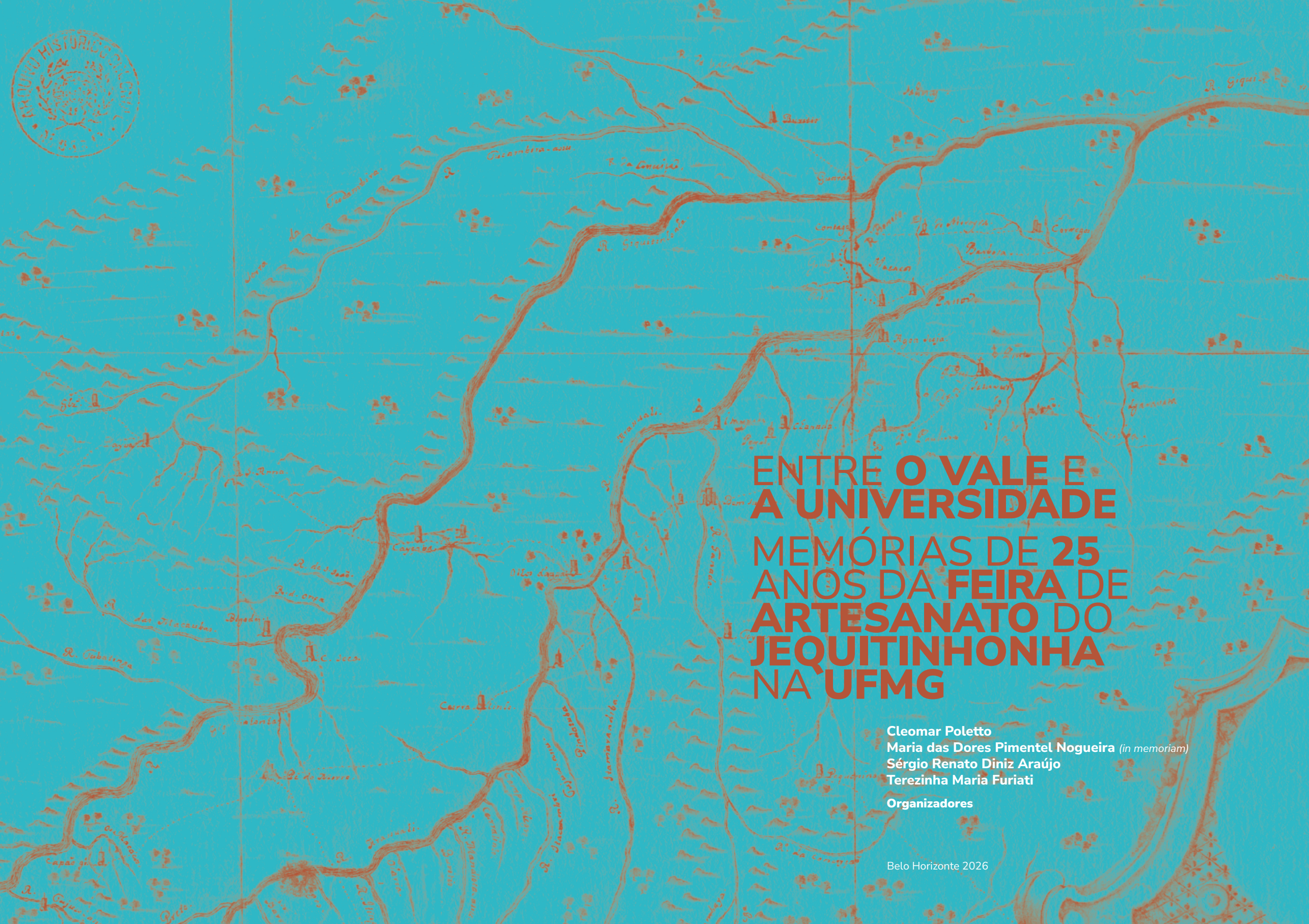




Cleomar Poletto
Maria das Dores Pimentel Nogueira *(in memoriam)*
Sérgio Renato Diniz Araújo
Terezinha Maria Furiati
Organizadores

ENTRE O VALE E A UNIVERSIDADE

MEMÓRIAS DE 25
ANOS DA FEIRA DE
ARTESANATO DO
JEQUITINHONHA
NA UFMG



ENTRE O VALE E A UNIVERSIDADE MEMÓRIAS DE 25 ANOS DA FEIRA DE ARTESANATO DO JEQUITINHONHA NA UFMG

Cleomar Poletto
Maria das Dores Pimentel Nogueira *(in memoriam)*
Sérgio Renato Diniz Araújo
Terezinha Maria Furiati
Organizadores

Belo Horizonte 2026

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor

Alessandro Fernandes Moreira

Vice-Reitora

Alamanda Kfoury Pereira

Pró-Reitor de Cultura

Fernando Antonio Mencarelli

Pró-Reitora Adjunta de Cultura

Mônica Medeiros Ribeiro

Programa Polo Jequitinhonha

Coordenador

Cleomar Poletto

Bolsista

Dominique Alves Damacena

Produção editorial

Produção executiva

Gaia Cultural (cultura e meio ambiente)

Direção de produção

Roseli Raquel de Aguiar

Capa e projeto gráfico

Márcia Larica

Arquitetura editorial, copidesque e revisão de provas

Lílian de Oliveira

Editoração

Fábio de Assis

Fotografia

Acervo Polo Jequitinhonha

Preparação de originais

Claudine Andrada

Imagens

Mapa histórico [Carta da Capitania de Minas Gerais entre os rios das Velhas e o Araçuaí], Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa, Portugal).

Impressão

Rona Editora

Agradecemos aos biólogos Gilberto Nepomuceno Salvador e Tiago Yoshi C. Pessali, do Laboratório de Peixes da UFMG.

Pró-Reitoria de Cultura UFMG / Polo Jequitinhonha UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 Campus Pampulha Prédio Campus 2000
CEP 31.270-901 Belo Horizonte/MG Tel. (31) 3409-4067

Este livro é dedicado aos artesãos e às artesãs do Jequitinhonha, por sua arte e por tudo o que ela guarda.

E a Marizinha Nogueira (*in memoriam*), amiga leal, que primeiro sonhou com estas páginas.

Há 25 edições, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG transforma a Universidade Federal de Minas Gerais em um espaço de encontro entre pessoas, saberes e territórios. O que o público vivencia a cada edição é resultado de um trabalho construído ao longo de décadas por artesãos, comunidades, estudantes, servidores técnico-administrativos, professores, gestores e parceiros institucionais.

Seria impossível contar essa história sem reconhecer quem esteve à frente da organização da Feira. A continuidade do projeto se deve muito ao trabalho de pessoas que assumiram sua coordenação em diferentes períodos, preservando seus princípios e garantindo sua continuidade. Márcia Fonseca Rocha foi coordenadora de 2001 a 2008 e Terezinha Maria Furiati, de 2009 a 2016, ambas vinculadas à então Diretoria de Ação Cultural da UFMG, hoje Pró-Reitoria de Cultura (Procult).

Por sua vez, a professora Maria Aparecida Moura coordenou a Feira entre 2017 e 2018.

Desde 2019, Sérgio Renato Diniz coordena a Feira, cuja produção passou a ser realizada pela Procult. No mesmo período, o Polo Jequitinhonha foi incorporado à mesma estrutura, estreitando os vínculos entre cultura, extensão e desenvolvimento regional que orientam, há décadas, a presença da Universidade no Vale. Nosso reconhecimento se estende a todos os servidores da Pró-Reitoria envolvidos nesse trabalho. Muito do que fazem permanece longe dos olhos do público, mas está

presente em cada etapa: no planejamento, na acolhida aos artesãos, na montagem dos espaços, na programação, no atendimento aos visitantes e nas inúmeras providências que tornam possível cada edição.

Ao longo de sua trajetória, a Feira também se sustentou por uma ampla rede de instituições parceiras. A Associação dos Servidores da UFMG (Assufemg), o Sindicato dos Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros (Apubh), a Caixa de Assistência à Saúde da Universidade (Casu/UFMG), a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e Administrativas

e Contábeis de Minas Gerais (Ipead/UFMG), a Organização dos Aposentados e Pensionistas (OAP/UFMG), o Sindicato dos Trabalhadores das Instituições Federais de Ensino (Sindifes) e muitas outras organizações estiveram presentes em diferentes momentos, oferecendo

suporte para que o projeto prosseguisse e ampliasse seu alcance.

Há quase duas décadas, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (Sede), por meio da Diretoria do Artesanato Mineiro, integra essa rede de colaboração. Em parceria com a coordenação da Feira, a Secretaria utiliza o caminhão do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) para transportar o artesanato do Vale. Em nome do diretor de Artesanato, Thiago Tomaz de Souza Chaveiro, agradecemos a todos os profissionais da Sede que participam dessa operação.

NINGUÉM
FAZ UMA
FEIRA
SOZINHO

CLEOMAR POLETTTO

No atual contexto, este livro só se tornou possível graças ao apoio do mandato do deputado federal Rogério Correia e do mandato Juntos para Servir, dos deputados Pe. João e Leleco Pimentel, bem como da deputada estadual Andréia de Jesus, que viabilizaram recursos por meio de emendas parlamentares destinadas ao Polo Jequitinhonha/ Procult/UFMG. A esses parlamentares, registramos nosso sincero agradecimento pelo compromisso com a valorização da cultura, da memória e do desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha.

Agradecemos, ainda, às companheiras de coordenação do Fórum da Mulher do Jequitinhonha, Maria do Carmo Ferreira da Silva (Cacá) e Luziete Rodrigues Novais, cuja dedicação foi fundamental para a concretização deste projeto. Com empenho e compromisso, mediaram contatos institucionais e mobilizaram o apoio dos parlamentares, contribuindo decisivamente para que esta publicação se tornasse realidade.

Enfim, acreditamos que, assim como um grande rio não nasce de uma única fonte, mas da confluência de inúmeras nascentes, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha também se constitui pela reunião de múltiplas trajetórias, saberes, mãos e histórias. Cada artesão, cada comunidade, cada associação, cada município e cada instituição parceira representa uma nascente que alimenta esse fluxo coletivo de criação, resistência e pertencimento.

Ao convergirem, esses diferentes percursos formam um curso caudaloso, capaz de transportar memórias, técnicas, modos de fazer, histórias de vida e expressões culturais que atravessam gerações. Ao longo de suas 25 edições, a Feira consolidou-se como esse grande rio: um espaço de encontro, circulação e renovação, onde tradição e criatividade se entrelaçam continuamente, fortalecendo a identidade cultural do Vale do Jequitinhonha e reafirmando o artesanato como patrimônio vivo, expressão da diversidade e da potência de seu povo.

10 A Universidade e o Vale
Fernando Antonio Mencarelli

12 Uma Feira, um livro
Cleomar Poletto

19 O NASCIMENTO DO PERCURSO

- 20 **Cultura e desenvolvimento regional: a UFMG no Vale do Jequitinhonha**
João Antonio de Paula
- 32 **O artesanato do Vale do Jequitinhonha em contexto de arte e resistência**
Maria das Dores Pimentel Nogueira

39 O RIO EM MOVIMENTO

- 40 **Um rio de muitas nascentes**
Márcia Fonseca Rocha
- 42 **Feira do Vale do Jequitinhonha na UFMG: onde as águas se encontram**
Terezinha Furiati
- 46 **Saberes e fazeres do Vale do Jequitinhonha: imaginar, compartilhar e (re)existir**
Maria Aparecida Moura
- 50 **Trabalho e encontros: o rio segue seu curso**
Sérgio Renato Diniz Araújo

55 TERRAS DO JEQUITINHONHA

- 58 **Nos afluentes do Vale**
Terezinha Maria Furiati
- 72 **Guardiões dos saberes**
Terezinha Maria Furiati
Sérgio Renato Diniz Araújo
- 154 **Perspectivas em foco: o artesão, a artesã, a Feira, a arte, as pessoas**

167 O TEMPO DAS ÁGUAS

- 168 **Desaguar saberes**
Terezinha Maria Furiati
- 172 **Artesanato em tempos pandêmicos: estratégias de comunicação e ações do Programa Polo Jequitinhonha**
Daniel Reis Silva
Bárbara Emília Ribeiro da Silva
Bárbara Paixão de Alencar
Dayanne Goulart Cortez
Laura Ribeiro Melo
Luidy Siqueira Santos

181 UMA MULHER DO JEQUITINHONHA
Rubinho do Vale

A UNIVERSIDADE E O VALE

FERNANDO ANTONIO MENCARELLI

Professor titular da UFMG, pesquisador CNPq e diretor teatral. Pró-Reitor de Cultura da UFMG. Doutor e mestre pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na área de História Social da Cultura, com trabalhos sobre a história do teatro brasileiro.

A Feira do Jequitinhonha é um dos eventos mais marcantes do calendário anual da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As 25 edições já realizadas teceram uma verdadeira rede de afetos de várias naturezas. A primeira e mais fundadora dessas conexões nasce da presença da Universidade no Vale do Jequitinhonha, por meio de seu também longo Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.

Essa relação ganhou rosto, energia e permanência na força, na determinação e na paixão de Marizinha Nogueira (*in memoriam*), nossa admirada e querida colega, que nos deixou em setembro de 2025, logo após sua última viagem de trabalho ao Vale. Ao lado dela, Márcia Fonseca Rocha, Terezinha Furiati, Maria Aparecida Moura, Sérgio Diniz, Cleomar Poletto e tantos outros parceiros fizeram da Feira um ponto de encontro para artistas e artesãos da região, mobilizados em associações e reunidos em torno de sua arte e de seu ofício, em um circuito de economia solidária, comunitária e criativa.

Por isso, a Feira nunca se resumiu a um evento. Transformou-se em um movimento carregado de sentidos de mobilização social e de reinvenção dos modos de convívio e trabalho. A equipe da Pró-Reitoria de Cultura (Procult) tem enorme prazer em realizá-la porque reconhece, a cada edição, seu alcance social e cultural.

As centenas de artesãos presentes e representados formam uma rede de criadores que domina as mais sofisticadas técnicas de tapeçaria, bordado, marçhetaria, escultura e marcenaria. São conhecimentos transmitidos de geração em geração e moldados pelas matérias-primas, pelas cores e pelos aromas das terras amplas do Baixo, Médio e Alto Jequitinhonha. Poetas, cantores e atores também se somam, desenhando a atmosfera sonora que entretece as conversas em torno dos modos de fazer surgir do barro figuras únicas da imaginação, cortinas cor de terra que emergem dos teares e os sabores únicos dos doces e cachaças produzidos nas dezenas de cidades reunidas na Feira.

A rede se estende por um amplo público fiel, continuamente renovado e ampliado, que aguarda, todos os anos, esse encontro com as belezas do Vale. O encontro com os artistas e suas obras é uma experiência única, que nos coloca diante de um conhecimento cultivado por mestres e mestras formados na tradição e na reinvenção dessas formas poéticas.

Muita gente diz que a Feira é um dos momentos mais esperados e lindos do calendário da UFMG. E eu estou plenamente de acordo. É dessas redes de afetos que se trata esse momento. Que a Feira do Jequitinhonha continue cumprindo seu papel articulador e permaneça como uma das pontes que conectam a UFMG às riquezas do Vale do Jequitinhonha.

UMA FEIRA, UM LIVRO

CLEOMAR POLETTTO

Formado em Filosofia pela PUC Minas. Mestre em Educação e Docência pela Faculdade de Educação (FaE) da UFMG. Doutorando em Estudos em Linguagem no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Atual coordenador do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha/Procult/UFMG.

Este livro celebra os 25 anos da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG, iniciativa que, ao longo de mais de duas décadas, aproximou a Universidade dos artesãos e de suas comunidades. As páginas que seguem recuperam esse percurso, revelando como a Feira foi construída e se ampliou ao longo do tempo. Para compreender essa história, porém, é preciso voltar alguns anos e acompanhar o caminho que lhe deu origem: o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha e o trabalho coletivo que fez da extensão universitária um compromisso permanente com o território.

Extensão no Vale: 30 anos do Polo Jequitinhonha UFMG

Criado em 1996, o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha comemora 30 anos em 2026. Desde sua origem, construiu pontes entre a Universidade e as comunidades por meio de ações de extensão articuladas às áreas da saúde, educação, cultura, comunicação, desenvolvimento regional, geração de renda, direitos humanos e meio ambiente.

Fundamentado no diálogo entre a universidade e a sociedade, o Programa reconhece e valoriza os saberes, as práticas e as experiências das populações locais como elementos essenciais para a construção de processos de desenvolvimento socialmente justos e culturalmente contextualizados. O Polo aproximou moradores, lideranças locais, instituições públicas, associações comunitárias e a Universidade. Dessa convivência surgiram parcerias que atravessaram o tempo e deram origem a projetos voltados ao desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha e ao fortalecimento da cidadania.

Durante essas três décadas de atuação do Polo, a UFMG – que neste ano celebra seu centenário – foi dirigida por diferentes reitores e reitoras, cada qual com sua concepção de gestão. No entanto, foi nos períodos de 2015-2016 e 2021-2022 que tanto o Programa quanto a Universidade foram submetidos aos maiores contingenciamentos financeiros de sua história, com reflexos diretos sobre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Todos esses desafios não impediram, contudo, o funcionamento do Polo, que, mesmo enfrentando inúmeros obstáculos, vem resistindo com resiliência e determinação diante da contenção de recursos. Boa parte dos projetos que o Programa gestou com o Vale, ainda que no período de incertezas, deve-se,

creio, ao empenho de sua principal fundadora, Maria das Dores Pimentel Nogueira (*in memoriam*), nossa querida Marizinha Nogueira, como fazia questão de ser chamada.

Durante os 29 anos em que esteve à frente do Polo Jequitinhonha, Marizinha defendia, tanto na Universidade quanto nas comunidades em que atuava, que as ações de extensão aconteciam “com o Vale, e não para o Vale”. Tal postura evidencia uma dimensão epistemológica e dialógica na construção de todos os projetos que foram gestados, mais de 100 ao longo desse período. Freiriana por convicção e por prática, dedicou sua vida à construção de uma educação dialógica, participativa e transformadora, em profunda sintonia com os ideais de Paulo Freire.

Sua atuação com o Vale do Jequitinhonha foi marcada pela escuta sensível, pelo respeito aos saberes tradicionais e pela convicção de que o conhecimento se constrói no diálogo entre diferentes experiências, culturas e formas de compreender o mundo. Em suas andanças, compreendeu que ensinar e aprender são processos inseparáveis, construídos na troca e na participação coletiva, na extensão “com” o povo.

A presença de Marizinha nas comunidades ia além da transmissão vertical de conteúdos. Ela tinha disposição em aprender com as pessoas, reconhecendo nelas seu potencial e suas capacidades de transformação. Sua prática educativa fortaleceu a autonomia, valorizou a cultura local e estimulou a construção compartilhada de respostas para os desafios vividos pelas populações do Vale.

Com a sensibilidade de quem conhecia de perto as amarguras e as esperanças do povo do Jequitinhonha, caminhou por comunidades e associações, semeando ideias, articulando oportunidades. A atuação de Marizinha ultrapassava o campo institucional: ela era presença acolhedora, liderança firme e afável, capaz de reconhecer, em cada artesã, trabalhadora e liderança comunitária, a força transformadora das mulheres.

Defensora incansável da autonomia feminina, ajudou a construir espaços de escuta, organização e valorização dos saberes tradicionais, contribuindo para que inúmeras mulheres encontrassem voz, reconhecimento e dignidade por meio do artesanato.

Um dos mais expressivos legados desse trabalho foi a criação coletiva do Fórum da Mulher do Jequitinhonha, realizado pela primeira vez em 2011 na cidade de Jequitinhonha. Nesse espaço de encontro, escuta e mobilização, testemunhamos profundas transformações: mulheres historicamente silenciadas

pela cultura patriarcal, pela violência e pelas desigualdades sociais chegam tímidas, muitas vezes receosas de ocupar a palavra, e saem fortalecidas, conscientes de seus direitos, ativas, altivas. Ao longo dos anos, o Fórum tornou-se um território de partilha de experiências, formação política e valorização das trajetórias femininas.

Marizinha tinha a capacidade de reconhecer o valor das pessoas antes mesmo que elas próprias o percebessem. Incentivava, aproximava, abria caminhos. Ao seu lado, artesãos, estudantes, pesquisadores e parceiros encontravam espaço para participar, propor e assumir responsabilidades.

Muito simbolicamente, encantou-se em uma serena paz após nossa última jornada pelo Vale do Jequitinhonha. Viagens que tantas vezes foram realizadas por ela e outros(as) extensionistas sob as visadas dos longos horizontes da Serra do Espinhaço, ano após ano. Sua partida ocorreu em Belo Horizonte, em 9 de setembro de 2025, já no romper da noite, como quem conclui uma travessia marcada por encontros, aprendizados e profunda dedicação à vida e às comunidades que tanto amou.

Entre os muitos projetos que tiveram origem dessa maneira de compreender a extensão universitária, um ocupa lugar especial nesta história: a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG.

A ponte para a UFMG: 26 Anos da Feira de Artesanato

Concebida em 2000 por Marizinha Nogueira e outros companheiros e companheiras do Polo, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha brotou da mesma maneira de compreender a extensão universitária que orientou o Programa desde sua criação: caminhar com o Vale, reconhecer seus saberes e aprender com quem abriu esses caminhos muito antes da Universidade.

Defensora e difusora da cultura do Vale, Marizinha sustentava que o Jequitinhonha não se revela tão somente pelos indicadores econômicos estampados nos jornais e pelas campanhas políticas. O Vale também se conhece por sua arte, sua cultura, sua música e sua rica agricultura de subsistência, que abastece importantes feiras livres, como as de Araçuaí, Itaobim, Itinga, Virgem da Lapa e Padre Paraíso. Esses encontros semanais dinamizam a economia e reúnem o que há de mais expressivo na cultura local e regional.

Assim nasceu a Feira do Jequitinhonha na UFMG. A cada ano, o caminho se inverte: o Vale chega à Universidade levando consigo o barro, a madeira, os

tecidos, as fibras, os cantos, os sabores e as histórias de quem molda a vida com as próprias mãos. A Universidade, por sua vez, reencontra ali a razão primeira da extensão universitária: ouvir, aprender e partilhar.

Vinte e cinco edições depois, a Feira tornou-se o principal espaço de comercialização em âmbito nacional para artesãos e artesãs do Vale e um dos mais duradouros projetos de extensão cultural da UFMG. Emerge como uma experiência que transcende a simples exposição e comercialização de produtos artesanais. Configura-se como um lugar de encontro, de circulação de conhecimentos e de reconhecimento da cultura como patrimônio vivo.

A cada edição, a Feira corrobora o entendimento de que o artesanato não se constitui apenas como objeto material; ele é, simultaneamente, expressão estética, documento histórico, prática social e manifestação de uma memória coletiva construída ao longo do tempo. Cada peça exposta carrega marcas de trajetórias familiares, de técnicas transmitidas entre gerações e de modos particulares de compreender e representar o mundo.

A artesanania dos mestres e mestras do Vale do Jequitinhonha aqui apresentados revela a vitalidade e a resistência das epistemologias do Sul Global¹. Por meio de saberes transmitidos entre gerações, seus métodos, processos e técnicas de criação preservam formas singulares de compreender e se relacionar com o mundo. São conhecimentos forjados na experiência, na coletividade, na ancestralidade e no vínculo com os territórios. Em um contexto marcado pelas rápidas transformações da modernidade e pela crescente homogeneização cultural, esses fazeres tradicionais permanecem vivos, renovando-se sem romper com a memória que os sustenta. Constituem modos de existência e de produção de conhecimento que desafiam hierarquias epistemológicas e reconhecem nos saberes populares um patrimônio cultural e humano.

Realizar a 25ª edição da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG concomitantemente com o lançamento deste livro significa reconhecer a força da cultura popular como instrumento de resistência, criação e transformação social. Significa compreender que as peças expostas, as histórias narradas e os encontros promovidos ao longo dessas décadas constituem parte de um patrimônio coletivo que precisa ser continuamente preservado, estudado e valorizado.

¹ Epistemologias do Sul Global: são perspectivas que reconhecem a diversidade dos modos de produzir conhecimento, valorizando os saberes historicamente invisibilizados e promovendo o diálogo entre ciência, tradição e experiências sociais na busca de transformação social.

Mapa da travessia

Este livro está dividido em quatro partes. Na primeira, denominada ***O nascimento do percurso***, apresentam-se a constituição histórica da presença da UFMG no Vale do Jequitinhonha e os desdobramentos dessa relação ao longo de três décadas. Em vez de narrar apenas a história da Feira de Artesanato, a obra retorna às suas origens, apresentando o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha como o solo em que a Feira germinou. Os textos dessa primeira parte discutem os fundamentos da extensão universitária, o conceito ampliado de desenvolvimento regional, a valorização dos saberes tradicionais e o artesanato como expressão de identidade, resistência e patrimônio cultural. Desse modo, o nascimento da Feira é compreendido como resultado de um processo coletivo, construído pelo diálogo entre Universidade e comunidades, e não como um acontecimento isolado.

Com base nesses fundamentos, os capítulos seguintes acompanham o amadurecimento desse percurso, adotando a metáfora do rio para representar o movimento contínuo de pessoas, ideias, saberes e experiências. Em ***O rio em movimento***, são reunidas memórias das diferentes coordenações da Feira, evidenciando sua consolidação como espaço de encontro, circulação de conhecimentos e fortalecimento da economia solidária, tendo o associativismo como princípio de sua estruturação.

Na sequência, em ***Terras do Jequitinhonha***, o foco recai sobre os sujeitos que dão vida à Feira (artesãos e artesãs) por meio de narrativas, perfis, autorretratos, descrições que revelam a diversidade dos saberes tradicionais. ***O tempo das águas*** apresenta os desafios contemporâneos, especialmente aqueles vividos durante a pandemia, e demonstra a capacidade de reinvenção da Feira e do Programa Polo.

Encerra a obra ***Uma mulher do Jequitinhonha***, justa homenagem a Marizinha Nogueira, precursora e idealizadora da Feira de Artesanato e do Programa Polo. Com essa organização, a publicação é estruturada como um percurso em que origem, caminho, território e continuidade se articulam em torno de um mesmo fio condutor: o encontro entre a Universidade e o Vale, mediado pela cultura, pela extensão universitária e pelos saberes populares.

O NASCIMENTO DO PERCURSO

CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: A UFMG NO VALE DO JEQUITINHONHA

JOÃO ANTONIO DE PAULA

Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (1973), mestre em Economia pela Unicamp (1977) e doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo – USP (1988). É professor titular do Departamento de Ciências Econômicas e do Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas). Foi pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento e pró-reitor de Extensão da UFMG.

Este texto busca registrar, em grandes linhas, uma significativa iniciativa da Universidade Federal de Minas Gerais no campo da extensão universitária: a criação, em 1996, do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. Mantido por sucessivos reitorados, sua permanência até aqui confirma o compromisso republicano da Universidade com o interesse público. Nesses 30 anos de existência, muito de meritório foi empreendido – programas, projetos, cursos, assessorias em áreas técnicas, científicas, artísticas, sociais e culturais – por meio de sistemática interação entre a UFMG, de seus professores, seus estudantes, seus servidores técnicos-administrativos e as comunidades locais; e representantes do poder público, associações e outros grupos representativos.

Entre os muitos aspectos do Polo, um merece destaque: sua dupla titularidade. A UFMG nunca se arvorou em ser monopolista de um conhecimento que se ministra a sujeitos tomados como passivos e incapazes, senão que a mais decisiva característica da extensão universitária é sua disponibilidade para o diálogo, para a troca, para o reconhecimento da potência ética e heurística dos saberes tradicionais, de que resulta um duplo enriquecimento cognitivo e prático, com desdobramentos positivos seja sobre o ensino e a pesquisa, seja sobre o bem-estar social das comunidades envolvidas no Programa.

Processo coletivo, que mobilizou centenas de pessoas da UFMG e milhares de pessoas do Vale do Jequitinhonha, o Programa Polo é resultado da maturidade da extensão universitária no Brasil, na UFMG; processo que tem referência na decisão contribuíção de Paulo Freire. Será uma omissão indesculpável se não se considerar a decisiva atuação de Maria das Dores Pimentel Nogueira no que de melhor o Programa tem alcançado. Assim é como justa homenagem que seu nome é lembrado aqui. Outros nomes também merecem registro especial, como é o caso de Terezinha Maria Furiati, que está na origem do projeto Feira do Jequitinhonha na UFMG, que comemora 26 anos em 2026. Também de primeira hora foi a participação do professor Roberto do Nascimento Rodrigues, que acompanhou várias fases do Programa com sua costureira força tranquila. Citem-se ainda dois nomes, os dos professores Márcio Simeone Henriques e Maria Aparecida Moura, para que a lista de omissões indesculpáveis não se torne maior.

O Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha realizou, exemplarmente, o mais fecundo da atividade universitária. As centenas de ações desenvolvidas pelo Programa contemplaram o ensino e a pesquisa em perspectiva colaborativa, em que a difusão e a produção de conhecimentos foram acompanhadas pelos efetivos destinatários da ação universitária, que são as comunidades em suas variadas carências e demandas, na reivindicação de seus direitos.

A Universidade não ignora as limitações de suas competências e capacidades, não quer substituir o poder público em suas obrigações. Por outro lado, também ela, universidade, desde o século XIX, descobriu que sua atuação não poderia ficar restrita aos seus muros e abriu-se para as variadas demandas sociais, seja no referente à difusão de conhecimentos, seja no atendimento a demandas concretas de assistência técnica ao setor produtivo, seja na elaboração de propostas de políticas públicas em áreas como educação, saúde, cultura, tecnologia e inovação, meio ambiente, direitos humanos e valorização da cidadania, entre outras.

Um inventário do realizado no âmbito do Polo no Vale do Jequitinhonha mostrará não só a significativa aderência da sua atuação no enfrentamento das grandes questões regionais, e o quanto essas diversas ações estiveram sintonizadas a um conjunto estratégico de valores, a saber: à democracia, à solidariedade, à sustentabilidade, à valorização da diversidade e da alteridade, ao diálogo e ao compartilhamento.

Entre o muito a ser destacado, cite-se um exemplo da decisiva contribuição do Programa, que foi a criação, em 2011, do Fórum da Mulher do Jequitinhonha, “atendendo à demanda feita por diversos grupos da região por uma atuação mais estruturada da UFMG na área dos direitos humanos das mulheres e combate às diversas formas de violências contra a mulher. A partir de então, o Fórum tornou-se itinerante e já foi realizado nos municípios de Itaobim (2012), Capelinha (2013), Araçuaí (2014), Virgem da Lapa (2015), Araçuaí (2017), Diamantina (2018) e Berilo (2019), sempre em parceria com as respectivas prefeituras municipais”¹ E ainda, Araçuaí (2022), Almenara (2023), Itamarandiba (2024) e Itaobim (2025).

O Vale do Jequitinhonha tem história política e cultural expressiva, destacando-se pela luta de seus camponeses pela terra, de que é exemplar a atuação de Vicente Nica; pela riqueza de suas manifestações culturais, tanto eruditas quanto populares; pela riqueza de sua arte – artesanato com seus vários nomes, de homens e mulheres, utilizando-se do barro, da madeira, do couro, das fibras vegetais dos fios dos tecidos para produzir objetos cuja utilidade vem carregada de comovente beleza humilde e poderosa.

Em 2015, a professora Maria Aparecida Moura coordenou o projeto Saberes Plurais – Museu Virtual, que contribuiu para “a visibilidade e reconhecimento das vozes, experiências e saberes dos mestres de ofício do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, com o cuidado de não reduzir a cultura popular a um simples ornamento. O projeto aposta na relação dialógica como caminho prioritário para

a democratização das relações/instituições e sociedade de forma ampla”, como disseram as professoras Benigna Maria de Oliveira e Cláudia Mayorga, em 2015, pró-reitora e pró-reitora adjunta de extensão da UFMG, na apresentação dos livretos dedicados aos mestres/mestras de ofício do Vale: Joana, de Turmalina; Geralda, de Francisco Badaró; Família Pereira, de Caraí; Ulisses Mendes, de Itinga; Noemisa, de Caraí; Ana do Baú, de Minas Novas; Zefa, de Araçuaí; Lira, de Araçuaí; Paulo de Guaranilândia; Dona Zizi, de Jequitinhonha; Dona Pretinha, de Itaobim; Zé do Ponto, de Chapada do Norte; Dona Izabel, de Itinga; Mestre Antônio, de Minas Novas; Zezinha, de Turmalina; e Valmir, de Datas.

O Projeto Saberes Plurais resultou em dois tipos de produtos: um conjunto de livretos dedicados aos artesãos e um site. Em 2018, o Projeto nos deu outro belo produto, que é o livro *Sabença*, organizado por Maria Aparecida Moura, Maria das Dores Pimentel Nogueira e Terezinha Maria Furiati.²

Falou-se de cultura erudita no Vale do Jequitinhonha e não são poucos nomes a se destacar, seja no campo da literatura, seja no campo do pensamento jurídico, seja com pensadores e agentes da gestão pública e empresarial, como são, exponencialmente, Teófilo Otoni, João Pinheiro e Juscelino Kubitschek, que estão entre os maiores estadistas brasileiros do período imperial e da República, os dois primeiros nascidos no Serro, o outro em Diamantina. Também do Serro é o grande classicista, tradutor da *Eneida* de Virgílio, Leopoldo Pereira; e o escritor Oswaldo França Júnior. De Diamantina são grandes nomes do romantismo brasileiro como Aureliano Lessa e João Júlio dos Santos Ferreira. Jurista, historiador, romancista e político, entre os maiores do período imperial, é Joaquim Felício dos Santos. De Diamantina, nascida no final do século XIX, é a extraordinária memória ativista Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, sobre a qual houve quem dissesse que o seu texto só não era superior ao de Machado de Assis, no Brasil do século XIX. Não menos digna de reconhecimento é a literatura, perfeitamente iconoclasta, de Antonio Torres, nascido em Diamantina, que galvanizou a crônica política e cultural do Rio de Janeiro nas décadas de 1910 e 1920. Da região de Diamantina são, ainda, o historiador e escritor Abílio Barreto, o filólogo e historiador Aires da Mata Machado Filho e o historiador Soter Couto. Um último registro é para reconhecer a decisiva contribuição de Luís Santiago na elaboração de uma história cultural do Vale do Jequitinhonha, que ele continua a realizar.

As manifestações da cultura popular no Vale do Jequitinhonha foram objeto de atenção cuidadosa do frei Francisco Van Der Poel, Frei Chico, que em 2013

¹ NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel; BRAGA, Maria Alice; MATOS, Marlise. Apresentação. **Fórum da Mulher do Jequitinhonha**. VI. Araçuaí - 2017; VII. Diamantina - 2018; VIII. Berilo - 2019. Belo Horizonte: DAC/UFMG, 2021. p. 8-9.

² MOURA, Maria Aparecida; NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel; FURIATI, Terezinha Maria. **Sabença** (Org.). Belo Horizonte, PROEX/UFMG, 2018.

publicou o *Dicionário da religiosidade popular, cultura e religião no Brasil*, resultado de sua longa convivência com o povo do Vale do Jequitinhonha. Também importante veículo de divulgação-valorização da cultura popular e das lutas sociais do Jequitinhonha foi o jornal *Geraes*, lançado em 1978, por iniciativa de Aurélio Silby, George Abner e Tadeu Martins. Em julho de 1980 ocorreu o primeiro Festivale, em Itaobim, “o festival da canção popular do Vale do Jequitinhonha, que faz violas, violões, sanfonas, zabumbas e pratos se unirem, para junto ao artesanato do Vale, contarem a história de um povo sofrido, mas que luta e canta”³.

O Polo envolveu também ações diretas de geração de renda e emprego, como é o caso da Feira do Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG, lançada no ano de 2000, e que tem ocorrido anualmente, desde então, permitindo a ampliação do mercado de consumidores do artesanato do Vale em escala regional, nacional e internacional.

Políticas de proteção social e promoção da cidadania

Considerado de maneira abrangente e ao longo do tempo, é forçoso reconhecer melhorias relativas em alguns aspectos da realidade social do Vale do Jequitinhonha. No início dos anos 2000, ocorreram modificações positivas nos índices de desenvolvimento humano da região, que ainda assim continuam abaixo da média do estado de Minas Gerais. Um exemplo significativo disso é a diminuição da mortalidade infantil na região, que ainda assim é maior que a da média de Minas Gerais. Essas variações positivas de indicadores sociais refletiram tanto o papel importante da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) quanto do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ao lado de Programas como o Bolsa Família, o aumento real do salário-mínimo, do Programa Nacional de Agricultura Familiar, entre outras medidas, e que acompanharam um ciclo expansivo de crescimento da economia brasileira até meados da década 2010.

Assim, não se fale em estagnação ou em retrocesso nas condições de vida da população do Vale do Jequitinhonha, sobretudo durante os governos petistas, que modificações positivas ocorreram, ainda que não tenham sido capazes de transformar estruturalmente a realidade regional, e, ainda mais decisivamente, sua capacidade de sustentação ao longo do tempo. Assim o Vale do Jequitinhonha continuou perdendo população, que corresponde a 4% da população de Minas Gerais, com um produto interno regional em torno de 2% do produto estadual.

³ GERAES. 1º-10, julho de 1980, p. 8.

Às velhas questões estruturais do Vale do Jequitinhonha têm se somado hoje “novos” problemas, como: o comprometimento dos recursos hídricos da região; o aumento das tendências à desertificação de suas áreas pressionadas pelo reflorestamento de eucalipto, pela pecuária extensiva, pelo garimpo e mineração depredatórios, pelo aumento da defasagem digital, pela permanência da concentração fundiária e pelo aumento da precarização e superexploração do trabalho.

O Programa Polo enfrentou as grandes questões econômico-sociais, nos limites de suas atribuições institucionais, a partir de ações diretas e indiretas, que tanto responderam às demandas diretas de geração de renda e emprego, quanto de planejamento e assessoramento na implementação de políticas públicas, quanto na formação de recursos humanos, quanto na formação de competências técnico-administrativas locais. Vejam-se alguns exemplos. No campo do Desenvolvimento Regional e Geração de Ocupação e Renda – coordenados pelo professor Roberto do Nascimento Rodrigues –, destacam-se os projetos Diagnósticos Socioeconômicos; Reestruturação Socioespacial e Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha; Centro de Experimentação, Treinamento e Prestação de Serviços; que desenvolveu vários projetos em áreas como arquitetura, urbanismo; cadastros e mapeamentos, construção de base de dados e redação de projetos de leis de códigos de obras municipais.

O Polo desenvolveu outros tantos projetos, entre os quais se destacam:

- Carbonita Cidade Futuro: infraestrutura e articulação do Polo Jequitinhonha;
- Criação de cabras e combate à desnutrição e à pobreza;
- Associativismo e ação educacional no Vale do Jequitinhonha;
- Simpósio de Turismo e Desenvolvimento Sustentável no Vale do Jequitinhonha;
- Arranjo produtivo de gemas e joias do Norte/Nordeste de Minas Gerais;
- Raça e gênero em projetos de geração de renda da Mesorregião do Vale do Jequitinhonha e Mucuri;
- Telecentros comunitários do Vale do Jequitinhonha;
- Assistência social: formação e gestão qualificada;
- Incubação de cooperativas e associações para o fortalecimento de grupos de mulheres e jovens na geração de trabalho e renda;
- Seminário Cultura e Desenvolvimento; e
- PAIR – Programa de Ações Integradas e Referências de Enfrentamentos à Violência Sexual Infantojuvenil em Minas Gerais.

Ainda cinco outras grandes áreas desenvolveram projetos no âmbito do Programa:

- Educação, coordenada pelo professor João Valdir Alves de Souza;
- Cultura, coordenada pela professora Sônia Queiroz;
- Comunicação, coordenada pelo professor Márcio Simeone;
- Meio Ambiente, coordenado pelo professor Luiz Guilherme Knauer;
- Saúde, coordenado pelos professores Edison José Corrêa e Mara Vasconcelos.

Destaque-se, ainda, o projeto de gerenciamento de resíduos sólidos urbanos do Médio Vale do Jequitinhonha, que foi objeto de um livro-síntese – *Lixo e Cidadania: uma experiência inovadora no Médio Vale do Jequitinhonha*, publicado em 2006 –, de autoria de Maria das Dores Pimentel Nogueira, Luiz Guilherme Knauer, Márcio Simeone Henriques e Angela Bibiana Nogueira.⁴

A menção recorrente a um Vale do Jequitinhonha pode induzir à visão de que se trata de região homogênea, seja fisicamente, seja econômica e socialmente. Essa visão, corrente em grande medida, é parte do véu de invisibilidade que séculos de exclusão, marginalização e desconhecimento tem recoberto a região. Com efeito, o Vale do Jequitinhonha está longe de ser homogêneo, em qualquer dimensão, senão a da igual capacidade de resistência e de luta de suas gentes. A divisão tradicional do Vale em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha traduz diferenças de relevo, florísticas e hídricas, além de significativas diferenças socioeconômicas, em que a região do Alto Jequitinhonha apresenta indicadores socioeconômicos superiores aos do Médio e Baixo. Entre as várias determinações dessas desigualdades tem protagonismo a concentração fundiária que domina a região inteira e ainda mais fortemente o Médio-Baixo Jequitinhonha, tomado pela expansão da silvicultura de eucalipto, pela pecuária e agricultura latifundiárias. A concentração da riqueza e a renda generalizada, na região, em Minas Gerais, no Brasil, assume no Médio-Baixo Jequitinhonha dimensão ainda mais forte, de que resultam as precárias condições de vida de grande parte da população da região.

É esse o quadro geral que o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha foi dado enfrentar. Assim, o primeiro grande desafio que qualquer projeto ou programa consequente sobre o Vale do Jequitinhonha tem de vencer é a própria síndrome dos “Planos-Programas-Projetos” fracassados, que, sobretudo a partir da década de 1960, marcam a história da região, desde que ela se tornou a mais explícita denúncia de nossas crônicas e estruturais mazelas sociais. Desde então,

4 NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel; KNAUER, Luiz Guilherme; HENRIQUES, Mário Simeone; NOGUEIRA, Angela Bibiana. *Lixo e cidadania: uma experiência inovadora no Médio Vale do Jequitinhonha*/Minas Gerais. Belo Horizonte: Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha/Proex/UFMG, 2006.

constituiu-se uma outra indústria – a indústria de planos de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha, que garantiu empregos, eleições, prestígios e vexames. Não é, com certeza, por falta de planos, diagnósticos, instituições, legislações, discursos, boas e não tão boas intenções que o Vale do Jequitinhonha tem se mantido pobre.

E por que terão fracassado tantos e tão variados projetos e instrumentos? Cada projeto, cada propósito, talvez tenha fracassado por suas específicas e intransponíveis debilidades. Contudo, há um traço comum em vários desses projetos, que é o fato de atribuírem a pobreza do Vale a um seu apego, masoquista com certeza, ao subdesenvolvimento. Essa mesma operação, transplantada para o plano criminal, significaria atribuir à vítima a culpa por seus próprios infortúnios. Num texto lúcido lê-se:

Em suma, contentando-se com a exteriorização de algumas características do quadro econômico supostamente homogêneo do Vale, estes diagnósticos em análises descritivas, aistóricas e generalizantes eximem-se da explicação dos determinantes e das especificidades subespaciais do processo emigratório regional. Nesse sentido, as causas da emigração estariam ausentes no quadro da pobreza e subdesenvolvimento reinantes, comumente creditado à própria região, decorrente da inexistência de estímulos endógenos necessários para dinamizar sua economia o que, hipoteticamente, fixaria sua população.⁵

O quadro reportado aqui mostra que, se a miséria e a precariedade são constantes no Vale ao longo das últimas décadas, elas não são fruto de estagnação, de imobilismo. Ocorreram mudanças no quadro econômico: às atividades tradicionais da região – pecuária de corte; agricultura de subsistência; garimpo-mineração – vieram se somar, nos anos 1970/80, o reflorestamento com eucalipto e a cafeicultura. Contudo, essas mudanças não alteraram, senão que reforçaram, traços característicos da economia da região – a concentração fundiária aumentou; as atividades implantadas são pouco demandantes de mão de obra. Assim, mantiveram-se os processos de exclusão social, cidadania restrita e esvaziamento demográfico.

Não é o caso de abandonar a esperança, porque estamos condenados a ela, e, sobretudo, porque o Vale não é só lágrimas. Há a alegria e a força de uma cultura regional rica e diversificada. Há um enorme potencial mineral a ser explorado e beneficiado, de maneira sustentável, com seus frutos mantidos na região. Há todo um potencial agroindustrial a ser desenvolvido com base em novas tecnologias e padrões distributivos e includentes de uso e posse da terra.

5 SILVA, Napoleão de Medeiros. *Vale do Jequitinhonha: transformações estruturais e intensificação do êxodo no pós-guerra*. Belo Horizonte Dissertação (Mestrado) – Cedeplar/UFMG, 1992. p. 2.

Trata-se, enfim, de buscar um novo conceito de desenvolvimento regional, baseado na constatação do equívoco das perspectivas que entendem o desenvolvimento como sinônimo puro e simples de crescimento. A experiência do Vale do Jequitinhonha e as ações da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) em vários momentos mostram que a simples presença de atividades produtivas, mesmo as mais dinâmicas, não implica mudanças significativas do quadro regional quando essas atividades se consolidam como enclaves, isto é, não estabelecem interações fortes e distributivas com a região.

A razão disso é que só há efetivo desenvolvimento econômico e social quando os frutos do desenvolvimento econômico são retidos e distribuídos na região, resultado do efetivo processo de ampliação da renda regional, mediante geração, ampliação e qualificação da mão de obra e melhor distribuição da riqueza.

Isso significa dizer que, mesmo grandes investimentos, quando não acompanhados de melhoria nos padrões de distribuição de renda e riqueza, podem não produzir melhoria na qualidade de vida regional, na medida em que se destinam a atividades econômicas desconectadas da realidade regional do ponto de vista ecológico, econômico, social, político e cultural.

Nesse sentido, a condição capaz de garantir a melhoria das condições de vida da maioria da população depende da implementação de transformações estruturais capazes de distribuir renda, riqueza, poder e informação, de valorização da diversidade socioambiental, da sustentabilidade.

A experiência histórica brasileira, desde os anos 1940, tem sido marcada pela coexistência de processos de grande complexidade e amplitude. O Brasil efetivamente é a economia da periferia capitalista que mais cresceu entre 1940 e 1980; modernizou-se, urbanizou-se, criou parques industriais importantes. Contudo, todos esses inegáveis aspectos, normalmente associados à prosperidade, à riqueza, ao desenvolvimento, não produziram aqui essas consequências ou pelo menos elas não se universalizaram, na medida em que esse crescimento-modernização-urbanização-industrialização coexistiram com a continuidade e expansão das desigualdades regionais, da exclusão social, da concentração da renda e da riqueza, da expansão da fome, da miséria, do desemprego, da deterioração dos sistemas de saúde e educação, da piora do quadro ambiental.

De tal modo são contundentes essas questões que não há quem, de boa-fé, não reconheça a necessidade de ampliar o conceito de desenvolvimento, de modo que contemple também as dimensões sociais, políticas, culturais, tecnológicas, científicas e ambientais. Mais que isto, é essencial construir um conceito de

desenvolvimento que tenha como pressuposto a democratização da terra e do mundo do trabalho, do Estado e da sociedade, da informação e do lazer, para abranger os amplos segmentos sociais excluídos do processo tecnológico, da modernização e da industrialização que se verificam no Brasil, num processo que, em um dos seus últimos livros, Celso Furtado chamou de distribuição primária da renda. Essa distribuição é, na verdade, mais que um pressuposto, é a garantia efetiva da universalização do desenvolvimento, uma vez que significa a ampliação e a consolidação de um mercado interno de consumo de massas, que é base consistente e democrática para um processo de desenvolvimento econômico socialmente justo.

A palavra desenvolvimento tem conteúdos semânticos que vale a pena lembrar haja vista que ampliam os seus significados mais costumeiros. No Dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Moraes Silva, 5ª edição, 1844, a palavra desenvolvimento aparece remetida às ações de desdobrar; desenrolar; descobrir o que estava envolto; o crescimento de uma flor, de um feto, de uma planta; a ampliação ou explicação de alguma coisa, de um plano, de um sistema. Em outros idiomas, são ainda mais expressivos certos sentidos da palavra que em português só são sugeridos. Em espanhol, a palavra desenvolvimento expressa-se como desenvolver, retirar a rolha, permitir que alguma coisa que está contida possa se libertar, fluir. Em francês, o sentido é, igualmente, significativo: desenvolvimento é o ato de retirar do envelope, desenvolver, revelar, explicitar o que estava oculto.

Com essas referências semânticas, a palavra foi incorporada ao vocabulário do pensamento econômico, ainda que nem sempre explorando todas as possibilidades de sentido que lhe são constitutivas, reduzida que foi, quase sempre, à simples ideia de crescimento. Mais rica foi a apropriação que a filosofia faz do termo. Em Hegel, a palavra *Entwicklung* tem lugar especial, designando conceito importante no modo como ele apresenta a história da filosofia, que seria a apreensão do desenvolvimento do concreto, isto é, a explicitação das potencialidades do ser, sua efetiva presentificação como ato, pela extrinsecação do que desde sempre esteve presente no ser, e que precisa experimentar, colocar-se fora de si mesmo, negar-se, para realizar-se plenamente. Nas palavras de Hegel: “Todo o conhecimento e cultura, a ciência e a própria ação, não visa o outro escopo senão a exprimir de si o que é em si, e deste modo a se converter em objeto por si mesmo. Embora aquilo que é em si entre na existência e fique sujeito à variação, continua a ser uma e a mesma coisa, porque o que é implícito regula todo o processo”⁶

6 HEGEL, G. W. F. **Introdução à história da filosofia**. 2. ed. Trad. port. Coimbra: Armênio Amado Editor, Sucessor, 1961. p. 62.

É com base nesses sentidos que tanto a semântica quanto a filosofia imprimem ao termo desenvolvimento que é preciso considerar a questão do ponto de vista de suas determinações e implicações políticas, econômicas e culturais. O desenvolvimento, para ser autêntico e legítimo como processo efetivamente emancipatório, tem de ser a explicitação das potencialidades, contidas em todos os seres, em todas as realidades histórico-sociais e que os credenciam a ser melhores, a realizarem o que neles convalida o autoaperfeiçoamento, o que vale dizer, o trabalho da cultura, da paideia. É uma experiência histórica várias vezes confirmada, a constatação de que a capacidade de certos povos, de certas nações, de certas sociedades serem grandes como referências civilizatórias está perfeitamente ligada à capacidade desses povos, dessas nações, dessas sociedades em vislumbrarem a possibilidade da realização humana para além da opressão e da injustiça. Que esses conteúdos emancipatórios tenham se dado, concretamente, no âmbito de dilacerantes contradições – a tirania, a escravidão, a miséria... – não anula o que em todas as épocas históricas, em todos os contextos, denuncia a opressão, convoca a vida não danificada.

Todos os casos bem-sucedidos de desenvolvimento econômico e social, todos os casos de nações, regiões que conseguiram superar constrangimentos e precariedades materiais e distribuíram, ao menos parcialmente, os frutos do crescimento da riqueza e da cultura, têm em comum tanto terem realizado transformações estruturais no referente à distribuição da renda e da riqueza quanto terem mobilizado-valorizado suas culturas como instrumentos decisivos de suas experiências históricas.

Celso Furtado apresentou, mais de uma vez, três ideias teses que é preciso sublinhar:

1. que o processo desenvolvimento, de países-regiões submetidos a condições de subdesenvolvidos, dar-se-á como resultado de transformações das suas estruturas econômicas, políticas, sociais e tecnológicas;
2. que o subdesenvolvimento de países-regiões não é fenômeno natural, resultado de atraso relativo na participação da modernidade capitalista. Com efeito, países-regiões subdesenvolvidos hoje estão presentes na modernidade capitalista desde sua emergência, só que em condição subalterna, dependente. Daí que, precisamente, o subdesenvolvimento seja uma produção histórica do modo desigual e combinado do desenvolvimento capitalista, como bem viu Trotsky;
3. finalmente, o processo de desenvolvimento pressupõe a mobilização da vontade coletiva, disse Furtado:

Ora, essa vontade coletiva só poderá surgir se se der um reencontro das lideranças políticas com os valores permanentes de nossa cultura, cujas raízes estão na massa da população. Portanto, o ponto de partida do processo de reconstrução que temos pela frente terá que ser uma maior participação do povo no sistema de decisões. (...) A superação do impasse estrutural que está no fundo da nossa crise somente será lograda se o desenvolvimento futuro conduzir a uma crescente homogenização da nossa sociedade e abrir espaço à realização das potencialidades da nossa cultura.⁷

Significa reconhecer que o desenvolvimento que se impõe buscar tem como pressuposto básico um conjunto de reformas que efetivamente distribuam a renda, a riqueza, o poder e a informação. Nesse processo, são claros os limites do papel da universidade. Contudo, ainda que limitado, o papel da universidade é intransferível. A universidade, pela amplitude de sua visão, pelo espírito crítico que deve nortear a sua ação, por sua independência e autonomia, por sua competência e credibilidade, tem papel importante na construção deste novo conceito de desenvolvimento.

Esse papel importante que a universidade está chamada a exercer na construção de um novo conceito de desenvolvimento passa, em primeiro lugar, por uma definição estratégica referente à sua ação. Essa definição implica, basicamente, construir instrumentos de intervenção institucional e de abordagem teórico-metodológica centrados na interdisciplinaridade. Concretamente, significa construir instrumentos de intervenção que articulem as três atividades-fim da universidade, ensino-pesquisa-extensão, com base em um quadro de referências teóricas e de categorias e métodos analíticos, adequadamente compartilhados por disciplinas e “olhares” distintos, mas que busquem construir um terreno comum de linguagens, conceitos, preocupações e perspectivas.

A UFMG está particularmente aparelhada para dar conta dessa tarefa por várias razões: em primeiro lugar, tem presença institucional relevante e consolidada na região. O desenvolvimento da universidade pública no Brasil depende de sua cada vez mais ativa presença junto às comunidades, busca dar respostas concretas às dificuldades decorrentes das precariedades de toda ordem que têm sido impostas a grandes contingentes de nossa população.

Trata-se, enfim, de mobilizar toda a competência técnico-científica-gerencial da Universidade para contribuir com um processo de desenvolvimento efetivamente emancipatório na medida em que comprometido com a liberdade, a igualdade, a diversidade e a sustentabilidade.

⁷ FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 30.

O ARTESANATO DO VALE DO JEQUITINHONHA EM CONTEXTO DE ARTE E RESISTÊNCIA

MARIA DAS DORES PIMENTEL NOGUEIRA

Doutora em Educação na América Latina e mestra em Políticas Públicas em Educação, ambos pela FaE/UFMG. Foi Pró-Reitora Adjunta de Extensão da UFMG, nas gestões 2002/2006 e 2010/2014. Foi coordenadora do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha por 29 anos.

O Vale do Jequitinhonha situa-se no nordeste de Minas Gerais, terra de contrastes. De um lado, a riqueza do subsolo abundante em recursos minerais – ouro, pedras semipreciosas, diamante, lítio. De outro, a mineração desregrada que compromete o meio ambiente, enquanto parcela significativa da população convive com a extrema pobreza.

Terras férteis caracterizadas pelas grotas ou margens de rios e córregos e extensas áreas de pastagens figuram ao lado de chapadas áridas, grandes áreas desmatadas para produção de carvão e reflorestamento.

O patrimônio cultural, material e imaterial, manifesta-se nos casarões, nas igrejas, na culinária, no artesanato, na música, nas festas religiosas e nas narrativas preservadas por seus contadores de histórias. Em muitos municípios, porém, esse patrimônio enfrenta a deterioração do casario histórico e a insuficiência de apoio aos grupos culturais, artesãos, músicos e escritores, seja pela limitação de recursos das administrações municipais, seja pela fragilidade ou pela dificuldade de acesso às políticas públicas voltadas ao setor.

Embora a cerâmica, marcada pelas características do barro da região, a tecelagem, o trabalho com a palha e a madeira tenham projetado o artesanato do Vale para além das fronteiras brasileiras, muitos artesãos enfrentam dificuldades para comercializar sua produção e até obter matéria-prima.

É dessa realidade que se forja uma população forte, resistente e resiliente, que, diante das desigualdades e da exclusão socioeconômica, desenvolve soluções e constrói formas de vida marcadas pela criatividade, pela dignidade e pelo profundo vínculo com sua terra.

A região é banhada, em toda sua extensão territorial, pelo rio Jequitinhonha, que tem importante papel na identidade regional e no sentimento de pertencimento que tão fortemente caracteriza a pessoa do Vale. Atuar na região é decisão política da UFMG, em função do seu compromisso social como universidade pública, empenhada na busca de soluções para os problemas que atingem a população, comprometida com o exercício pleno da cidadania, a emancipação e a superação das formas de exclusão e marginalização.

Os fundamentos do Polo

O Polo Jequitinhonha foi concebido como um programa de desenvolvimento regional, na perspectiva de que desenvolvimento não se restringe a crescimento econômico, mas constitui processo mais complexo de mudanças estruturais

que passa, sim, pela economia, mas contempla, também, as dimensões sociais, políticas, culturais, tecnológicas, as questões educacionais, científicas, ambientais, agrárias. O Programa tem a bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha como espaço territorial de atuação.

A concepção e construção do Polo foram executadas tendo o Vale como parceiro, discutindo seus rumos e suas necessidades. A população para a qual o Programa se destina interfere efetivamente no processo, redefinindo rumos e metas, reorientando ações, participando e criticando. Ou seja, a população do Vale do Jequitinhonha não é um sujeito passivo, é um sujeito que a cada momento nos ensina, em uma efetiva troca de saberes, criando uma relação de confiança e respeito mútuos entre academia e as populações locais. Uma de suas diretrizes fundamentais, conhecida e praticada pelos que atuam no Programa, é “o Polo é um programa concebido *com* o Vale, e não *para* o Vale”.

Para cumprir seus objetivos com a região, o Polo mobilizou dezenas de professores, técnicos e centenas de estudantes com conhecimentos, capacidades, compromisso e disposição para atuar na e com a região de forma interdisciplinar, para conviver e aprender em ações que integram a extensão, a pesquisa e o ensino – de graduação e de pós-graduação.

Atuar na região do Vale do Jequitinhonha exigiu de todas as equipes do Programa uma postura de extremo respeito e valorização da diversidade étnica e cultural do Vale, dos conhecimentos, saberes e fazeres que as comunidades e suas populações detêm, produzem e disseminam.

Vários projetos do Programa Polo se dedicaram ao conhecimento e à divulgação das manifestações das artes e da cultura regional, ao incentivo à preservação do patrimônio material e imaterial locais, ao tombamento e guarda de acervos. Buscaram identificar os produtores das manifestações culturais, fazer o registro e a divulgação. Mais que isso, foram realizadas dezenas de oficinas de criação e produção em escolas e espaços culturais, com participação de pessoas da região, professores, técnicos e estudantes da universidade, no sentido da valorização da cultura regional nas escolas, por meio das quais, os professores das redes públicas de ensino tomaram contato com o trabalho de releitura da cultura regional, podendo participar da criação desse novo olhar, na busca de um sentido construtor de cidadania que conduza a uma participação social comprometida.

Entre tantas belezas, destaca-se o artesanato. Mulheres e homens que em suas peças magníficas preservam, enriquecem e transmitem saberes tradicionais passados de geração em geração. Nas cerâmicas esculpidas com esmero, retratando o cotidiano, o simbólico, o imaginário com seus barros coloridos em

combinações maravilhosas. Nas tramas de palha, couro e taboa tecidas com arte e precisão. Na tecelagem com fios tingidos com cascas de mangueira, ipê, jenipapo, aroeira e tantas outras árvores da região. Nas esculturas em madeira, nos tambores, nos bordados: pura beleza e encantamento.

A atuação da UFMG com as artesãs e os artesãos do Vale sempre foi de reconhecimento e valorização da sua arte e do seu trabalho, pautada pela troca e pelo diálogo entre os saberes da academia e os saberes tradicionais que esses grupos detêm.

A Feira de Artesanato

Após a percepção das grandes dificuldades do artesão em expor e vender sua produção, a coordenação do Programa criou, em 2000, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG, em uma parceria com prefeituras de municípios e o apoio de órgãos como a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de Minas Gerais (Sede). O evento conta com a participação de mais de uma centena de artesãos, representando cerca de 45 associações de quase 30 municípios da região.

Em 2003, realizou-se o diagnóstico participativo da situação do artesanato na região do Jequitinhonha, com importantes desdobramentos em articulação com a Secretaria de Estado encarregada da promoção e implementação de políticas públicas na área do artesanato. Entre as ações decorrentes do diagnóstico, registra-se a realização de um minicurso para os artesãos sobre criação de associações e cooperativas.

Outras atividades foram realizadas no âmbito da Feira, tais como: encontros com grupos de diversas unidades acadêmicas, grupos multidisciplinares da Estação Ecológica, para realização de discussões, oficinas e cursos ministrados pelos artesãos com participação de professores, alunos, técnicos de diversas áreas e comunidade externa. Foi realizado um profundo e delicado trabalho no âmbito do Programa Saberes Plurais em parceria com a Coordenadoria de Políticas de Inclusão Informacional (CPINFO), de 2012 a 2017, que se dedicou à identificação, ao registro, à preservação e à difusão das memórias de mestras e mestres de ofício da região do Vale do Jequitinhonha. O Programa buscou, ainda, compreender a repercussão dos saberes de mestres de ofício na formação de uma nova geração de jovens artistas, promovendo o registro, a sistematização e a disseminação de acervos.

Durante esse percurso de realização da Feira, vários cursos foram ministrados para os artesãos, atendendo às suas próprias demandas. A coordenação da

Feira produziu guias, roteiros, formulários que orientam a criação e a administração das associações pelos próprios artesãos, além de discutir sobre formas de captação e gestão de recursos.

A Feira abre espaço ainda para comercialização e divulgação de produtos provenientes da agricultura familiar tradicionalmente produzidos no Vale do Jequitinhonha, como cachaça, doces, biscoitos, pimentas, licores e queijos. O evento tem se constituído como espaço de divulgação de manifestações culturais, da música e de artistas da região, promovendo shows com artistas do Vale e sessões de contação de histórias.

A Feira de Artesanato do Jequitinhonha, realizada de forma ininterrupta desde o ano 2000, não pôde ser realizada, presencialmente, nos anos de 2020 e 2021, em função da pandemia de covid-19 e das exigências de isolamento social. A impossibilidade de participar de feiras diversas causou uma significativa redução de recursos para os artesãos. O Polo, por meio do projeto Suporte de Comunicação do Programa, atuou no sentido de apoiar e ajudar os artesãos e suas associações a operacionalizarem formas de comercialização on-line de seus produtos.

A busca por novas formas para sobreviver e superar as dificuldades no cenário de pandemia veio reafirmar a força, a resistência e a solidariedade do povo do Vale. Entre as ações realizadas por instituições do Vale em apoio a artesãos/artesãs, ceramistas, fiandeiras, tecelãs, bordadeiras e suas associações, merecem destaque o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica, sediado em Turmalina; e a Associação Tingui, sediada em Jenipapo de Minas.

Em 2022, a Feira de Artesanato do Jequitinhonha voltou a acontecer na UFMG. E a Praça de Serviços foi novamente inundada pela beleza e pelas cores do artesanato, pela alegria contagiante do povo do Vale.¹

Em 2026, celebramos com grande alegria a realização da 25ª edição da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG, marco que reafirma sua trajetória de valorização da cultura popular, fortalecimento do artesanato e promoção do encontro entre artesãos, comunidade universitária e público em geral.

¹ **Nota editorial:** Marizinha Nogueira partiu, em setembro de 2025, enquanto ainda escrevia este texto. Ele se interrompe onde sua escrita parou. Coube aos organizadores realizar apenas ajustes e acrescentar o último parágrafo, que faz referência à 25ª edição da Feira, realizada em 2026.

O RIO EM MOVIMENTO

UM RIO DE MUITAS NASCENTES

MÁRCIA FONSECA ROCHA

Graduada em Pedagogia pela UFMG. Especialista em Gestão Cultural pelo Senac-MG (2010). Trabalhou na Pró-Reitoria de Extensão e na Diretoria de Ação Cultural da UFMG (1980-2013). Foi coordenadora administrativa do Festival de Inverno da UFMG (1993/1995-2011). Coordenou a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG de 2001 a 2008.

A convite de Maria Nogueira (Marizinha), assumi, em 2001, a coordenação da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG. Naquela época, eu não fazia ideia do tamanho do presente que estava recebendo. Não se tratava apenas de mais um projeto, mas de uma porta que se abria para o meu crescimento pessoal.

Aqueles talentosos guerreiros que descarregavam seus trabalhos para a montagem da Feira, a cada edição, faziam-no com tamanha alegria que era impossível imaginar todas as dificuldades enfrentadas por eles até a chegada à nossa Praça de Serviços.

Aos poucos, a comunidade universitária e os demais visitantes reconheceram o valor dos trabalhos dos artesãos. Aumentou o número de municípios participantes, as vendas cresceram e a Feira se solidificou como um excelente espaço não só de venda, mas também de divulgação do artesanato e da cultura do Vale do Jequitinhonha. Além disso, vários artistas daquela região, músicos, compositores e poetas se apresentavam durante a Feira, dando um colorido especial ao evento.

Com o passar dos anos e a entrada em cena da nossa colega de trabalho Terezinha Furiati, outros caminhos foram se abrindo e a troca entre o conhecimento acadêmico e a sabedoria popular passou a fazer parte da proposta da Feira, com a oferta de oficinas, pequenas palestras e homenagens aos mestres do Vale.

Na edição de 2022, tive a alegria de, como visitante, rever vários artesãos que participam da Feira há anos e conhecer tantos outros que se juntaram ao grupo. Pude constatar que a Feira, passados mais de vinte anos, continua com o mesmo vigor e riqueza de suas edições iniciais. Fazer parte desta trajetória é gratificante.

Vida longa à Feira! Viva o *Vale*!

FEIRA DO VALE DO JEQUITINHONHA NA UFMG: ONDE AS ÁGUAS SE ENCONTRAM

TEREZINHA MARIA FURIATI

Mestre em Educação, com especialização em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG. Produtora cultural da mesma universidade. Coordenadora da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG de 2009 a 2016.

Rio que flui com seu cantar... Que escoar.
Rio – caminhos e encontros. Fonte de vida, inspiração.
Rio que alimenta, transporta. Encanto que inspira esperança e fé.
Rio energia, lazer, prazer e ensinamentos.
Rio dos velhos pescadores, dos que sentem muitas dores...
Rio dos ribeirinhos, das senhorinhas lavadeiras, dos artesãos.
Leito marcado, alargando aos poucos à procura de espaços, novos caminhos e mundos.
Rio crescente, abundante em caminhos tortuosos.
Rio origem. Caminho. Vida. Esperança. Alimento. Fé. Referência. Fortalecimento.
Rio e seus afluentes, teia de vida e de percursos.

Assim como ele, o rio Jequitinhonha, a Feira nasceu pequena e tímida em 2000 e se fortaleceu com seus “afluentes”. Concebida nas áreas de desenvolvimento regional, geração de ocupação e renda e de cultura do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, a Feira é uma realização da Universidade Federal de Minas Gerais, por meio de parceria firmada com as prefeituras dos municípios participantes do Programa Polo, a Associação dos Municípios da Microrregião do Médio Jequitinhonha (Ameje) e o apoio de outras instituições. A proposta era criar um espaço, no Campus Pampulha, para mostrar, divulgar e comercializar a rica produção artesanal do Vale do Jequitinhonha. Sucesso!

Idealizadores, parceiros, realizadores e sonhadores persistiram confiantes, e com os afluentes colaboradores seguiram com a proposta de realizar anualmente a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG. A partir de 2001, a Diretoria de Ação Cultural da UFMG assumiu a sua produção, incorporando-a ao seu calendário permanente, tendo sido escolhida a semana que antecede o Dia das Mães para sua realização – decisão tomada após o encerramento da sua primeira edição, em setembro de 2000 –, por ser uma data que movimenta o comércio e, conseqüentemente, aumenta o volume de vendas.

Nas primeiras edições, reuniram-se expositores convidados ou indicados pelas prefeituras integrantes do Programa Polo Jequitinhonha, além de artesãos do Vale que pleiteavam um espaço. Para atrair o público e ampliar a visibilidade da produção cultural do Vale, a programação passou a incluir apresentações artísticas abertas e gratuitas.

Em 2005, a Feira deu mais um passo para sua consolidação com a realização do projeto “Raça e gênero em projetos de geração de renda na Mesorregião dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/Mesovalas/2005”, financiado pela Secretaria Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). A iniciativa

viabilizou duas oficinas voltadas ao fortalecimento do artesanato na região: “Tecendo Arte, Fiando a Vida” e “Educar fazendo: Oficina de Artes e Ofícios”.

A primeira aconteceu em Francisco Badaró e reuniu as comunidades artesãs que trabalham com algodão (Francisco Badaró, Jenipapo de Minas, Berilo). A atividade foi conduzida pelos tecelões Ivone Machado da Silva e Geraldo Enivon Machado, de Berilo, em parceria com Joice Saturnino, professora da disciplina Arte da Fibras da Escola de Belas Artes/UFMG.

A segunda oficina ocorreu em Campo Alegre, comunidade rural de Turmalina reconhecida pela tradição na cerâmica. Participaram, sobretudo, ceramistas da região de Turmalina, Minas Novas, Araçuaí, Itinga, Itaobim, Ponto dos Volantes e Carai. A formação foi conduzida pelos mestres ceramistas Jacinta Francisca Xavier, Ulisses Mendes e Glória Maria de Andrade, ao lado de João Cristelli, professor da disciplina Cerâmica da Escola de Belas Artes/UFMG.

Em 2006, passei a integrar a equipe da Feira e, três anos depois, assumi sua coordenação. Encontrei um projeto já consolidado pelas nove edições anteriores, construído por muitas mãos. Coube a mim e à equipe dar continuidade a esse trabalho e incorporar sugestões apresentadas pelos próprios artesãos. Ainda em 2009, implantamos o projeto “Artesanato Cooperativo: fortalecimento do associativismo para o desenvolvimento da produção artesanal no Vale do Jequitinhonha”. A iniciativa começou com reuniões realizadas nos municípios-polo de Itaobim, Diamantina e Turmalina, envolvendo artesãos e representantes de associações. Dela nasceram duas publicações: o *Guia de Oportunidades para Associações Artesãs* (2009) e o *Guia para Associações – Roteiro para constituição de uma Associação de Artesãos* (2011).

A partir daí e em diálogo com coordenadores de outros projetos realizados pelo Programa Polo Jequitinhonha, bem como pelo convívio com os artesãos durante as Feiras, algumas necessidades e demandas foram percebidas e posteriormente confirmadas por meio de pesquisas com artesãos expositores, comunidade, frequentadores, municípios e comunidades artesãs visitadas, oficinas e rodas de conversas, em um trabalho permanente. Essa abertura ao diálogo constante entre coordenação/equipe realizadora e artesãos fez com que houvesse um fluxo de novas demandas e reivindicações, provocando-nos a promover mudanças conceituais e estruturais.

Artesãos, mestres, transformações/incorporações de demandas, municípios participantes, parceiros, agenda cultural, equipe técnica e bolsistas são como afluentes a contribuir para que a Feira-Rio seja hoje o que é, um rio caudaloso a unir o Vale do Jequitinhonha à UFMG.

SABERES E FAZERES DO VALE DO JEQUITINHONHA: IMAGINAR, COMPARTILHAR E (RE)EXISTIR

MARIA APARECIDA MOURA

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo; Doutora em Sociologia pela UFMG. Possui Pós-doutorado em Semiótica Cognitiva e Novas Mídias pela Fondation Maison des Sciences de l'Homme (FMSH), em Paris. Professora titular da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Os rios, esses seres que habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral porque já estavam aqui. Gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como devir são imemoráveis, já que a passagem do tempo acaba se tornando um ruído em nossa observação sensível do planeta. Mas estamos na Pacha Mama, que não tem fronteiras, então não importa se estamos acima ou abaixo do rio Grande, estamos em todos lugares, pois em tudo estão nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes.

*KRENAK, Ailton. Saudações aos rios. In: KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 11-12.*

Conheci a cultura e a arte do Vale do Jequitinhonha antes mesmo da oportunidade de ter contato com o seu povo e o seu vasto território. Foi encantamento à primeira vista, uma inexplicável sensação de pertencimento e cumplicidade que se apresentou com tamanho arrebatamento, ao ponto de sobrepujar a força ortodoxa do estritamente acadêmico.

Era final dos anos 1990 e eu acabara de chegar à UFMG na condição de docente. Foram tempos de (re)conhecimento institucional, de selar alianças, fortalecer compromissos e escolher caminhos acadêmicos para trilhar. Naquele tempo, o caminho em direção a alianças explícitas entre a Universidade e a sociedade era escolha natural, um chamamento para alargar as bordas do acadêmico em direção à pluriepistemologia¹ e ao saber que emancipa.

No caso da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG, comecei por tornar-me uma diligente apreciadora do evento, dos artesãos e de seus saberes e fazeres. Sempre aguardei com entusiasmo e um pouco de ansiedade a chegada do mês de maio de cada ano para encontrar os companheiros e as companheiras do Vale.

O diálogo que se estabelecia em torno da aquisição das produções trazidas para a Feira era a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as filigranas de inventividade e saber-fazer próprias dos artistas dessa região do país. Ao longo desses anos, argilas, fibras, ferro, flores, couro e grãos chegam à Feira transformados e ressignificados pela acurácia e potência poética do povo do Vale.

O testemunho expresso pelos artistas e suas obras, no contexto da Feira, tem o poder de confrontar as ideias de fácil consumo acerca do muro de contenção representado pela miserabilidade e penúria vividas no território.

¹ É a compreensão de que existem diferentes formas de produzir e compartilhar conhecimento. Além do conhecimento científico, ela reconhece o valor dos saberes tradicionais, populares, indígenas, quilombolas e de outras comunidades, entendendo que cada um contribui, a partir de sua própria experiência e cultura, para compreensão da realidade. Assim, a pluriepistemologia defende o diálogo e o respeito entre diferentes modos de conhecer o mundo.

Desse ponto de vista, compreendo a Feira como uma tecnologia social que, para além da regulação de operacionalidades mercantis permanentes e a associação de sujeitos sociais, coloca em articulação valores éticos, estética, dimensões políticas, filiações plurais, resoluções de problemas, metodologias ancestrais e circulação de saberes e fazeres orientados ao bem comum.

A tecnologia social produzida pelos artesãos do Vale parte do reconhecimento de mestres e mestras como guardiões dos saberes ancestrais daquelas diferentes comunidades e busca romper com os marcadores de privilégio ontológico. Diante disso, incorporam a oralidade, a polimatia, a alteridade, a reciclagem simbólica, a cultura de resistência e a base comunitária característicos desses saberes.

Nesse contexto, os mestres-artesãos são definidos como os:

Indivíduos que detêm grande conhecimento dos saberes e fazeres tradicionais. Estes desenvolvem atividades que possuem grande relevância para a cultura popular e que podem ser entendidas como matriz para várias manifestações culturais. É atribuída a condição de mestre àquele(as) que possui os conhecimentos e as técnicas necessárias para a produção, preservação e repasse das artes e ofícios enraizados no cotidiano de sua comunidade, sendo reconhecido no local onde vivem e por outros setores culturais.²

Por se tratar de saberes orgânicos e de trajetória, o reconhecimento das dimensões anteriormente assinaladas passa necessariamente pela oralidade como método de preservação e circulação e pela atenção às biografias dos sujeitos com foco no diálogo e na horizontalização dos múltiplos saberes. Articulada a esse entendimento, a Feira, enquanto tecnologia social, fomenta a circulação de repertórios e cosmovisões plurais, pautados na valorização dos saberes orgânicos e de trajetória e pela diversidade das expressões culturais.

Em 2012, tivemos a oportunidade de aprovar um belo projeto extensionista – o Programa Saberes Plurais – que envolvia realizar o registro das memórias, dos saberes e fazeres dos mestres e mestras de ofício do Jequitinhonha.³ Senti naquela oportunidade a concretização do sonho de conhecer o Vale e sua diversidade.

O Saberes Plurais buscou fortalecer os espaços de produção, difusão e compartilhamento de dispositivos multimodais dedicados ao imaginário e às oralidades populares, com o propósito de ampliar a memória social brasileira por meio

2 FISCHER, Tânia; SOARES, Rodrigo Maurício Freire. **Catálogo dos mestres em artes e ofícios populares do território do Sisal Bahia**. Salvador: UFBA, CIAGS, 2010. p. 150.

3 MOURA, Maria. Aparecida; FURIATI, Terezinha Maria; NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Sabença**. Belo Horizonte: Proex, 2018.

das histórias de vida e da perspectiva dos cidadãos comuns, tendo como foco de atuação o Vale do Jequitinhonha.

Foram tempos de muito aprendizado, que envolveram o fortalecimento do associativismo cultural, a luta das mulheres, dos quilombolas, dos povos indígenas, da agroecologia, o enfrentamento orgânico contra o epistemicídio e suas múltiplas facetas e, sobretudo, a valorização da ancestralidade no território.

Por esse percurso experienciado, coordenar a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG significou uma grande alegria e desafio, pois implicava criar coletivamente uma ambiência heterotópica propícia às confluências e sensibilidades que pudessem revelar aos visitantes o território e seus artistas em toda a sua potência.

Nesse exercício de extensão universitária, no sentido pleno do termo, pude contar com a parceria experiente, aguerrida e generosa de Terezinha Maria Furiati e Maria das Dores Pimentel Nogueira (Marizinha); bem como com o entusiasmo e a coragem de um grupo sempre ampliado de jovens acadêmicos em formação extensionista e de pesquisa que, durante a preparação e realização do evento, se tornaram exímios e diligentes profissionais nas diferentes frentes de trabalho que criamos. Cabe recordar também a participação imprescindível dos profissionais da DAC (hoje Procult/UFMG), do Centro de Comunicação da UFMG (Cedecom) e do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, além dos *habitués* da Feira, que fazem de sua participação um gesto político imprescindível à valorização da cultura popular.

Em 2023, tive a oportunidade de conhecer a foz do Jequitinhonha, na cidade de Belmonte. Colocar os pés em suas águas, naquele ponto de encontro com o mar, foi muito comovente, pois me permitiu realizar o quanto esse rio de memórias densas e sinuosas, como entidade viva, atravessa e organiza os meus sentidos de pesquisadora e ativista da cultura popular.

Acredito que, ao longo desses anos de conhecimento do Vale do Jequitinhonha e realização da Feira de Artesanato, consolidamos, em associação com artistas, expositores, parceiros e frequentadores, um conjunto de inovações e proposições políticas que buscaram apoiar a autodeterminação cultural do povo do Vale do Jequitinhonha, tendo como ponto de partida a valorização dos saberes e fazeres de mestres e mestras que, desde o território, tornam os exercícios de imaginar, compartilhar e (re)existir potentes gestos de valorização coletiva de nossa memória ancestral.

Assunta, Vale do Jequitinhonha!

TRABALHO E ENCONTROS: O RIO SEGUE SEU CURSO

SÉRGIO RENATO DINIZ ARAÚJO

Produtor cultural e psicanalista. Graduado em Ciências Sociais e especialista em História da Cultura e da Arte, ambos pela UFMG.

Como colocar em palavras a vastidão de experiências concretas e fugazes, os sentimentos vastos vivenciados na realização da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG? Depois de tantas edições, ela se consolida como um organismo vivo na Universidade. Momento aguardado por nós e por tantos, hora de reencontrar, de somar forças, na luta pela vida e na busca pela alegria. Assim tem sido este evento nestes anos. Há percalços, trabalho árduo lá no Jequitinhonha e cá em Belo Horizonte, mas o desejo e a vontade de abrir espaço para que o Vale se faça presente no nosso *campus* tornam as dificuldades irrelevantes e nos impelem a ir adiante, a mover obstáculos no intuito de que tudo transcorra da melhor maneira.

Aconteceu assim: em 2019, recebi a coordenação da Feira como herança, com alegria. Depois de anos de trabalho e dedicação quase religiosa de tantos amigos e colegas queridos na coordenação da Feira do Vale do Jequitinhonha na UFMG, fui convidado a liderar essa frente de trabalho. Naquele ano, a Feira passou, oficialmente, a ser um projeto da então Diretoria de Ação Cultural, atualmente, Pró-Reitoria de Cultura da UFMG. E, atualmente, é um dos eventos mais importantes produzidos pela Procult.

Em projetos desse porte, algo que é preciso salientar é que suas feitura se dão por meio de muitas e muitas mãos e mentes. Com a Feira não é diferente. Somos uma equipe não muito grande, mas muito empenhada em sua realização. A equipe envolve técnicos em assuntos educacionais, produtores culturais, produtores executivos, secretários, coordenadores de infraestrutura, de compras e financeiros, técnicos de som e luz, motoristas, faxineiros, pintores, marceneiros e seguranças, muitos de nós desdobrando-se em mais de uma função.

Penso, então, que é preciso deixar isso registrado e repetido: muitas mãos fazem com que este evento seja o que é. Somos uma equipe apaixonada, pois sabemos da importância que a Feira tem para as diversas comunidades e os diversos artesãos que vêm aqui expor e vender. Além dessa equipe, é claro que outras forças se somam a nós: patrocinadores e parceiros, artistas convidados, prefeituras municipais, representantes do Vale no Legislativo, instituições da sociedade civil e do governo estadual.

Além da exposição e das vendas dos produtos artesanais, a Feira sempre contou com uma agenda cultural importante, com convidados que têm laços com o Vale do Jequitinhonha. Desde o ano 2000 é assim. Por isso, faço a leitura de que o convite feito a mim para assumir a coordenação tenha se dado por esse contexto de já trabalhar em todas as edições da Feira como curador de sua agenda cultural. Nomes como Paulinho Pedra Azul, Déa Trancoso, Rubinho do Vale, Coral Ícaros do Vale, Pereira da Viola, Letícia Leal, Dona Jandira e Meninas de

Sinhá abrilhantaram o palco da Feira, trazendo ainda mais movimento e a possibilidade de conagraamento entre público, artistas e artesãos.

A soma de tantas mãos e almas faz com que a Feira seja um acontecimento especialíssimo para os artesãos e para a UFMG, lugar de confluência de saberes, de conexões e encontros. Também, evidentemente, lugar de comercialização de produtos artesanais. Porém, na Feira, o comércio se dá em sua essência, aquela de seus primórdios enquanto atividade humana, que é a troca daquilo que o artesão sabe produzir por um valor monetário justo.

Na edição de número 20, em 2019, o evento movimentou um montante de R\$ 235.000,00. Em sua 22ª edição, em 2023, chegamos a R\$ 499.000,00. Um crescimento muito, muito expressivo, que denota não só o empenho dos artesãos em trazerem para a Feira uma grande quantidade de peças de muita qualidade, mas também uma demanda reprimida pelos anos de pandemia de covid-19.

Impedidos de realizá-la presencialmente nos anos de 2020 e 2021, por causa da pandemia do coronavírus, nos reunimos virtualmente e, por meio da equipe de comunicação do programa Polo Jequitinhonha, ao qual a Feira está ligada, pensamos na criação de uma mostra virtual dos artesãos, na qual divulgamos seus produtos e seus contatos, para que as vendas pudessem ser feitas diretamente ao consumidor.

Sabíamos que era uma iniciativa com muitas limitações, pois, além de não substituir os encontros que a Feira proporciona, havia as dificuldades logísticas, os custos para envio dos produtos e o contexto econômico muito desfavorável de crise. Fato é que sabíamos da importância de retomarmos a realização na Praça de Serviços tão logo nos fosse possível.

Voltamos ao trabalho presencial em fevereiro de 2022 e fizemos uma edição extraordinária em setembro daquele ano, pois tínhamos consciência da necessidade imperativa de que ela acontecesse. A Feira “voltou com tudo”: muita gente feliz, peças artesanais maravilhosas e um resultado financeiro excelente.

Sabemos que este projeto continuará a acontecer na UFMG enquanto for relevante e necessário, pois a Universidade não se furta à sua responsabilidade social, como instituição de todos os mineiros. Parafraseando Guimarães Rosa, ousar dizer que a Feira é como o Jequitinhonha:

“água que não pára, rio de longas beiras, e *nós*, rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio.”

A Feira é como uma vida que não se dobra, é gana, vontade de fazer e acontecer. De muitos e tantos. Seguimos.



BACIA DO JEQUITINHONHA

BAHIA

MINAS GERAIS

ESPÍRITO SANTO

OCEANO ATLÂNTICO

DIAMANTINA

TURMALINA

ARAÇUAÍ

CORONEL MURTA

ITINGA

ITAOBIM

JEQUITINHONHA

ALMENARA

JACINTO

SALTO DA DIVISA

BELMONTE

RIO JEQUITINHONHA

RIO ARAÇUAÍ

0 50 100 KM



NOS AFLUENTES DO VALE

TEREZINHA MARIA FURIATI

Os municípios apresentados a seguir levam ao público da Feira a diversidade de técnicas, materiais e manifestações culturais que caracterizam a produção artesanal do Vale. Seus artesãos imprimem às peças que produzem narrativas, conhecimentos e modos de vida que constituem o patrimônio cultural e geram trabalho e renda na região.

•

Da região do Serro, local da nascente do rio Jequitinhonha, a UFMG recebe o município de **PRESIDENTE KUBITSCHKE** com a Associação de Artesãos de Presidente Kubitscheck, fundada pela comunidade Quilombo de Raiz e sua Mestra Maria Tereza Alves. Segundo a presidente da Associação, Andreia Santos, “os saberes da comunidade envolvem a relação de harmonia com a natureza. Assim, através da panha de flores, a comunidade reproduz um modo de vida tradicional, respeitando os tempos de cada espécie para colheita e produzindo um lindo artesanato. A espécie de capim-dourado utilizada pelos artesãos é conhecida como ‘sedinha’ e dá vida a diferentes peças, desde brincos, colares até bolsas, potes e fruteiras”.¹

•

Do município de **DATAS**, o Mestre Valmir das Graças Paulino trouxe para a Feira os Divinos. Ele passava seu tempo esculpindo pombas com canivete e cobrindo-as com delicadas lascas de madeira. Aos poucos, essas figuras foram ganhando novos contornos e transformando-se nas peças que hoje identificam seu trabalho. Com resplendores também confeccionados em madeira e adornados por diferentes desenhos, suas criações começaram lentamente a ocupar espaço nas Feiras de Artesanato de Minas Gerais. Mestre Valmir compartilhou seus conhecimentos com outros artesãos e fundou a Associação Divinarte. Rapidamente, essa produção se diversificou, passando a incluir desde pequenas peças destinadas à confecção de colares e brincos até exemplares monumentais, cujos resplendores ultrapassam dois metros de diâmetro.

De Datas também tivemos a participação da Associação Ciranda Cirandinha durante vários anos. São trabalhos de um grupo de mulheres que apresentavam artesanatos diversos, utilizando tecidos, linhas, madeira, sementes, galhos e flores.

•

¹ Bárbara Ribeiro em Mostra Virtual dos Artesãos do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/2020/08/07/mostra-virtual-associacao-de-artesaos-de-presidente-kubitschke-mg/>. Acesso em: 19 out. 2024.

Nas primeiras edições, o município de **GOUVEIA** participou com a Associação dos Moradores de Gouveia (AMG) e a Associação dos Artesãos de Gouveia (Asargo). A partir da 16ª Feira, a Associação Novo Horizonte agregou os artesãos de outras associações do município e até hoje traz trabalhos das artesãs do município e de distritos: bordados tradicionais, bordados em ponto de cruz em tecidos finos, crochês utilizando vários tipos de linhas e pontos compondo toalhas, caminhos de mesa, panos de bandeja e panos de prato. Ainda de crochê, há cortinas, tapetes e objetos para decoração, além de oratórios de cabaça e santos, bonecas e flores de palha de milho. Expressões do saber-fazer local que revelam a criatividade, a delicadeza técnica e a riqueza cultural das artesãs de Gouveia.

•

O município de **DIAMANTINA** nos traz sua riqueza estampada e materializada nos tapetes arraiolos, nos tapetes tecidos em teares tradicionais, nas flores e bonecas de palha de milho e bucha vegetal, nos arranjos de sempre-viva, nos doces cristalizados de casca de limão e laranja. A cada ano, há um novo tipo de artesanato, alguns contemporâneos, outros tradicionais: trabalhos em madeira com detalhes em tecido, bichos de cabaças, azulejos pintados, janelas barrocas, oratórios, castiçais e vários outros confeccionados com materiais descobertos nos arredores do rio Jequitinhonha.

Nas primeiras participações, o município era representado por um pequeno grupo de artesãos. Assim como o serpentear e o acolhimento dos afluentes pelo rio, foram chegando as associações que agregam muitos artesãos e trabalhos variados: Associação dos Artesãos da Arte na Terra (Asarte), Associação de Sopa, da comunidade de Sopa, Associação de Artesãos Sempre-Vivas, da comunidade de Galheiros, e Associação Casa Real.

Diamantina nos presenteou também com Mestra Lia Borges, da comunidade de Galheiros. Com simplicidade, generosidade e alegria, ela compartilhou conhecimentos fundamentais sobre o ciclo das sempre-vivas: a colheita nos campos, o preparo das flores, as técnicas de tingimento e sua transformação em peças decorativas originais e multicoloridas. Seu trabalho e seus ensinamentos contribuíram para valorizar um saber tradicional profundamente ligado ao território, tornando-a uma das grandes referências do artesanato da região.

•

O município de **COUTO DE MAGALHÃES**, durante muitas Feiras, nos presenteou com carros, caminhões e motos de madeira, cópias fiéis de modelos famosos; bonecas confeccionadas com *papier mâché* com saias de trançado de

palha de coqueiro e/ou bambu, retratando as mulheres do interior de Minas e seu cotidiano; bonecas e anjos fabricados com palha de milho e bucha vegetal.

Hoje, assim como o rio, que busca novos caminhos e afluentes, a Associação Arte e Couto traz licores, crochês, bordados e objetos decorativos, buscando associar a criatividade com o reaproveitamento de materiais.

•

A Associação de Artesãos de Felício dos Santos (Artefel), do município de **FELÍCIO DOS SANTOS**, iniciou sua participação na 10ª Feira da UFMG, em 2009. Enriqueceu-a com mandalas muito variadas e originais elaboradas com fibras, sementes, folhas e pedacinhos de madeiras. Inúmeros modelos de flores foram confeccionados com sementes de cores e tamanhos variados, folhas e galhos secos, além de diversas caixas e quadros de fibra de bananeira e madeira.

•

O município de **ITAMARANDIBA** tem uma história interessante. Mãe e filhas começaram a participar das primeiras edições da Feira com seus trabalhos em crochê – bonecas, caminhos de mesa, cachecóis, vestidos infantis. Elas obtiveram muito sucesso: as vendas e encomendas as surpreenderam. Com o incentivo da equipe da UFMG, elas buscaram outras mulheres, criaram um grupo de trabalho, passaram a se reunir e a produção foi aumentando. Criaram a Associação dos Artesãos e Artistas sem Fronteiras de Itamarandiba. Com ajuda da prefeitura, conquistaram uma lojinha na rodoviária da cidade para venderem seu artesanato. Estiveram ausentes da 16ª até 20ª Feira, retornando em 2022.

•

A tradição do bordado em ponto de cruz, executado com lã sobre tecidos de algodão cru urdido em tear, é tradição do município de **VEREDINHA**. As mulheres da cidade apresentam colchas, caminhos de mesa, redes, almofadas. Peças muito coloridas com acabamentos em crochê. A Associação de Artesãs de Veredinha (Artever), fundada em 2000, agrega mulheres de várias idades em torno desse trabalho e leva a feiras de todo Brasil peças originais e belas.

•

A região de **TURMALINA** encanta o Brasil e o mundo com sua cerâmica tradicional e seus bordados em ponto de cruz feitos em tecidos de algodão cru tecido à moda antiga, em teares manuais de baixo liço. A Associação de Artesãos de Turmalina (Astur) e a Associação Comunitária dos Artesãos de Turmalina

(Soarte) desenvolvem trabalhos em bordado e crochê. Nos trabalhos, há uma explosão de cores – flores, borboletas, arabescos e muito bom gosto – que refletem a ousadia das mulheres bordadeiras e crocheteiras do Vale do Jequitinhonha. Ainda hoje também encontramos na cidade e em seus arredores mulheres bordadeiras especialistas em bordados com fios e tecidos finos e rendeiras de bilro.

Durante a 10ª Feira, foi prestada homenagem a Dona Duquinha (Nildete Mendes), reconhecida pela excelência de seus bordados tradicionais, entre eles o rechilieu, as bainhas abertas e o ponto paris.

A artesã Vitalina Xavier foi reconhecida como Mestra pela UFMG, enquanto sua irmã, Jacinta Francisco Xavier, recebeu homenagem *in memoriam*. Ambas foram guardiãs do modo tradicional de produção cerâmica e fundadoras da Associação dos Lavradores e Artesãos de Campo Alegre, contribuindo decisivamente para a preservação e a valorização desse saber ancestral.

Turmalina abriga dois polos de cerâmica tradicional considerados dos mais ricos do país. As artesãs das comunidades de Campo Alegre (Associação dos Lavradores e Artesãos de Campo Alegre) e Coqueiro Campo (Associação dos Artesãos de Coqueiro Campo) produzem objetos de decoração e utilitários com delicadeza de traços e cores tiradas do barro, impressionantes. As bonecas, noivas do Jequitinhonha, povoam a Feira e erguem-se altivas como um retrato fiel das deusas que as modelam. Há também as bonecas brincando de roda, os vestidos de noiva tão sonhados.

Sonhos quase inalcançáveis... Flores, jarros, gamelas, filtros, moringas, galinhas... a vida da roça retratada e levada para o povo da cidade, para a Universidade, para o mundo.

Conservam a tradição do manuseio e a obtenção de seu material de trabalho: a panha do barro, do trato para modelar, do produzir as tintas (oleio), o cuidar das penas de galinha e pauzinhos utilizados na pintura das peças, sabugo de milho, construção e manutenção dos fornos, a busca da lenha no mato, a escolha da madeira apropriada para a queima – a criação.

O resultado, ah, o resultado! Só mesmo conhecendo para comprovar a delicadeza do fazer. Só mesmo vendo para entender a capacidade de uma mulher que transforma o seu duro viver em peças tão delicadas, harmoniosas, simples e sofisticadas.

-

Distante cerca de 55 quilômetros de Turmalina, o município de **CAPELINHA** recebe grande influência do polo cerâmico de Campo Alegre e Coqueiro Campo. A Associação dos Artesãos e Produtores da Agroindústria de Capelinha (Proarte) possui um artesanato cerâmico variado e delicado. As peças têm cores claras e muito bem trabalhadas, com função utilitária e decorativa. O município agrega também artesãos que trabalham com madeira, fibras, licores, doces, crochê e fuxico.

-

As belas, originais e ousadas (para a época) peças em cerâmica de Mestra Ana Fernandes de Souza, Ana do Baú, colocaram o município de **MINAS NOVAS** no circuito cerâmico tradicional do Vale do Jequitinhonha.

O município possui a Associação de Artesãos de Minas Novas e a Associação Independente de Minas Novas que contemplam artesãs das comunidades do Fanado e Forquilha. Essas associações habitam a Feira da UFMG com cores e graça. Casario local – miniaturas de casas, igreja e casarões da cidade –, bonecas, flores para jarros e paredes, móveis, objetos utilitários e decorativos são alguns dos trabalhos apresentados.

A comunidade do Fanado tem um artesanato diferenciado – boizinhos, galinhas, cestas de frutas muito coloridas –, diverso do artesanato predominante na região, mas igualmente lindo.

Minas Novas também nos presenteia com a presença de Mestre Antônio de Bastião, da comunidade de São Benedito do Capivari, tamborzeiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Mestre Antônio traz seus tambores, caixas de folia, pandeiros, reco-recos e ensinamentos, histórias da fé, hábitos, costumes, rezas e remédios do povo negro. A Feira não seria completa sem o som de seus instrumentos ancestrais e sua sabedoria.

-

Do município de **CHAPADA DO NORTE**, o Mestre José Sebastião Vaz – Zé do Ponto, carpinteiro, marcou a história do artesanato local com o trançado em couro e palha de milho nos móveis de madeira. Ofertou sua alegria, rezas e benzeções durante muitos anos aos frequentadores da Feira.

Com os mesmos materiais usados pelo Mestre Zé do Ponto, os artesãos da Associação de Artesãos de Chapada do Norte (Arca) produzem e levam para a Feira trabalhos de marcenaria e cestaria – móveis como bancos, cadeiras, mesas, namoradeiras –, mesclados com trançados de couro e palha de milho – natural

e colorida. Além dos móveis, eles produzem bruacas, cestos e bolsas trançados com palha de milho, instrumentos musicais – tambores, caixas de folia e pandeiros – típicos do Congado. A culinária africana também está presente nos deliciosos pés de moleques e requeijão de raspa. Sementes, argila medicinal, carrinhos e esculturas de madeira, terços de lágrima de Nossa Senhora. Tradição e fé. E assim vai o rio deslizando pelas chapadas com saberes e fazeres muito antigos.

•

O município de **BERILO** conserva a tradição têxtil do Vale do Jequitinhonha. Presenteou-nos com as Mestras Leontina Gonçalves de Oliveira e Maria das Dores Santos, guardiãs dos saberes e segredos ancestrais do processo que envolve o artesanato utilizando o algodão.

A Associação de Produtores e Artesãos de Roça Grande, distrito de Berilo, apresenta na Feira a antiga tradição da tecelagem, mostrando como transformar uma simples semente em um fio e depois em tecido. Colchas, caminhos de mesa, redes e panôs de Berilo são diferenciados, com desenhos de casinhas, flores, barqueiros e figuras geométricas coloridas contrastando com o fundo, tudo feito diretamente no tear.

•

A comunidade de Tocoíós, pertencente ao município de **FRANCISCO BADARÓ**, nos oferece outro afluente, o trabalho tradicional com o algodão: plantar, colher, preparar, descaroçar e bater o algodão cantando, tingir, enrolar fios e transformá-los em colchas, caminhos de mesa, tapetes, redes, almofadas e panôs.

Mestra Geralda recebeu esse título da UFMG em reconhecimento à sua maestria na arte de fiar. Conhecida e respeitada em toda a região, produzia alguns dos fios mais finos já feitos no Vale do Jequitinhonha. Deixou seu legado à filha e contribuiu grandemente para que a Associação dos Artesãos de Francisco Badaró se mantivesse de pé. Foram mulheres guerreiras e incansáveis que transformaram a miséria em grande riqueza. A riqueza de preservar, construir, unir forças e promover as mulheres que estavam sem esperança e fé. Crochê, bordados, cachaça, biscoitos e doces também são levados para a Feira.

•

O município de **ARAÇUAÍ** é um robusto afluente desse rio de caminhos e encontros. Fonte de vida, inspiração. As Mestras de Araçuaí alargaram as margens da Feira, potencializaram e contribuíram para que a academia conhecesse um

pouco mais e valorizasse o saber popular. Quanta riqueza esses afluentes têm desaguado em nossa Feira.

Mestra Maria Lira Marques, pesquisadora e profunda conhecedora do saber e fazer de seu povo, junto com Frei Franciscus Henricus van der Poel – Frei Chico –, enriqueceram a Feira com oficinas, aulas abertas e entrevistas para visitantes, professores e alunos da Escola de Belas Artes.

Mestra Josefa Batista dos Reis não foi à UFMG receber seu título de Mestra, mas mandou seu principal discípulo, Márcio Barbosa Silva, representá-la. Márcio chegou à Feira com uma tora de madeira enorme e começou a trabalhar nela logo no primeiro dia, entregando ao final da Feira uma bela escultura como presente para a UFMG, em agradecimento pelo reconhecimento e pela valorização da cultura popular. A Associação dos Artesãos de Araçuaí expõe na Feira principalmente trabalhos confeccionados em madeira e barro. São cenas bíblicas, santos e episódios da vida diária do povo local – pescadores, bêbados, cantadores, dançantes, presépios, animais –, tatus, galinhas, cobras, pássaros, máscaras, pedras e quadros pintados com tinta de terra e runas de cerâmica.

A Cooperativa Dedo de Gente – lugar de aprendizagem e solidariedade onde se produz arte, cinema e tecnologia – traz à Feira cerâmicas, trabalhos em madeira e ferro, cartões confeccionados com papéis artesanais, licores e doces. A criação das peças é feita por jovens, individual ou coletivamente, tendo como inspiração Minas – suas tradições, cores, crenças e brincadeiras.

Mesmo sendo a cultura indígena um dos pilares dos saberes e fazeres do povo do Vale do Jequitinhonha, sua representação na Feira de Artesanato só passou a acontecer em 2011, na sua 12ª edição. A Associação Indígena Aranã e a Associação Indígena Pataxó Pankararu colaboraram para que nossa Feira se tornasse ainda mais colorida. Colares, brincos, cocares, objetos utilizados nos rituais e brincadeiras infantis, bichinhos do cerrado esculpidos na madeira foram trazidos. Os indígenas estabelecem uma relação muito especial com as crianças na Feira, curiosas que ficam em conhecer a sua cultura e o seu modo de vida.

•

O distrito de Ribeirão Santo Antônio, localizado no município de **CARAI**, banhado pelo ribeirão de mesmo nome – que em grande parte do ano permanece seco –, protege a riqueza do fazer artesanal da região. A beleza e a originalidade dos trabalhos são trazidos para a Feira pela Associação de Artesãos de Santo Antônio. A família Pereira continua a tradição herdada do pai Mestre Ulisses Pereira e de sua esposa, Dona Maria, com preparação das tintas de

barro, esculturas zoomorfas originais e diferenciadas dos outros polos cerâmicos tradicionais do Vale do Jequitinhonha. Toda a família trabalha com o barro, desde as crianças pequenas até os mais velhos, seguindo a tradição do pai, avó e bisavó. A cerâmica da família Pereira, de Caraí, sequer precisa de assinatura, sendo bastante reconhecida por colecionadores e estudiosos do artesanato. A 10ª Feira homenageou os artesãos Ulisses Pereira e Dona Maria.

A artesã Noemisa Batista, da Comunidade de Ribeirão da Capivara, também município de Caraí, recebeu o título de Mestra na 15ª Feira, em 2014. Noemisa mora na zona rural e em hipótese nenhuma abandona seu cantinho, que é cercado de pedras e poeira, no meio do nada. Sua esperada companhia é a chuva que algumas vezes por ano fornece um delicado canto e um filete de água ao ribeirão da Capivara, que passa perto de sua casinha. Para homenageá-la, foi montada uma exposição fotográfica na Praça de Serviços da UFMG durante a Feira e lançado um DVD com sua vida e obra. Posteriormente à realização dessa edição da Feira, a equipe coordenadora foi até Caraí e, em uma pequena cerimônia, exibiu o DVD e entregou simbolicamente seu prêmio, que foi a construção de um banheiro em sua casa, que até aquela época não existia.

Ainda de Caraí, do distrito de Marambaia, o Grupo Crescer participou de algumas Feiras com trabalhos manuais utilizando técnicas de crochê, bordados, tricô, pinturas em tecidos e telas e cerâmicas.

O município de **PADRE PARAÍSO** se alimenta de uma cultura efervescente. Trouxe-nos primeiramente a Associação Bela Vista, formada por mulheres, tendo surgido como parte do trabalho desenvolvido pelo Programa de Extensão Polos de Cidadania da Faculdade de Direito UFMG. Os trabalhos produzidos pelas mulheres eram em patchwork e compunham colchas, almofadas, toalhas, panos de copa e cozinha. Fuxico e crochê também eram técnicas utilizadas.

A Associação dos Produtores e Agentes Culturais (Apaca), iniciada em 2002 e formalizada em 2007 pelos artistas do município, deu visibilidade a vários deles e foi responsável pela criação do grupo Murion de Teatro. Fomentado e coordenado pelo inquieto professor e agente cultural Armando Ribeiro, o grupo se fez presente na Feira com apresentações teatrais. Armando, movido pela influência dos mestres ceramistas de sua região, resolveu tocar no barro e rapidamente se transformou em um dos artistas mais promissores do Vale do Jequitinhonha.

São também de Padre Paraíso as originais pinturas de Gildásio Jardim, que habitaram a Feira em seu início, e muitas delícias da culinária. O Conselho

de Desenvolvimento Comunitário do Córrego do Bengo perfuma a Feira com seus temperos, doces, farinhas, urucuns, polvilhos, queijos, biscoitos, colorau, biju, amendoim e cachaça. Doces, corantes, temperos e principalmente o mel e seus derivados são trazidos pela Associação dos Produtores Rurais do Córrego Comprido, Vila dos Posseiros, que abrange os assentamentos de reforma agrária.

O distrito de Santana do Araçuaí, pertencente ao município de **PONTOS DOS VOLANTES**, é considerado um importante polo do fazer tradicional cerâmico e participa da Feira com peças como galinhas, galinhas-d'angola, flores de inúmeras cores e formas, objetos utilitários e decorativos e muitas bonecas – mulheres grávidas, mães amamentando, noivas e noivos. Na produção dessas peças é utilizado barro de cores variadas encontrado na região, preservando o modo de fazer, pintar e queimar. Mestra Izabel Mendes da Cunha, a bonequeira que conquistou o mundo e ganhou prêmios internacionais, ensinou toda a família e comunidade a trabalhar com o barro. A partir dela, as mulheres e as noivas do Vale passaram a ser retratadas pela grande maioria das artesãs. A Associação dos Artesãos de Santana do Araçuaí e a Mestra Izabel contribuíram para que o ofício com o barro, antes um domínio feminino, fosse aos poucos, assim como o rio, se transformando. Hoje os bonequeiros de Santana também fazem grande sucesso. Afluente robusto.

O município de **ITINGA** é banhado pelo majestoso rio Jequitinhonha. Guarda com zelo e orgulho Mestre Ulisses Mendes com seu trabalho contemporâneo e denunciador das mazelas da região. Às vezes é inimaginável entender do que um rio é capaz: transformar!

Suas grandes e assíduas visitas ao rio, a observância de seus movimentos e cantares transformaram Ulisses em artesão. Apesar de sua família achar loucura, “como um homem vai viver do barro...”, assumiu seu dom maior – o de criação e transformação do barro, o de contar as histórias de seu povo utilizando a matéria-prima ofertada pelo rio.

De Itinga, participam também da Feira a Associação dos Artesãos do Povoado de Pasmado (AAPP) e, a partir da 16ª Feira, em 2015, o Centro Cultural Escrava Feliciano. Essas associações inundam a Feira com painéis, travessas, copos, burrinhos de barro, moringas, cofres, objetos que levam as pessoas a buscarem suas origens, os fogões de lenha e a comidinha mineira feita nas painéis de barro.

-

Em **ITAOBIM**, o rio Jequitinhonha arrebatou Mestra Pretinha e sua família. A criação da Associação da Estação da Luz transformou a comunidade. O trançado de taboa e a diversificação das peças trouxeram novas possibilidades: das esteiras às caixas de vários tamanhos e formas, chapéus e bolsas que hoje são levadas a diversas feiras e vendidas para grandes lojas em várias regiões do Brasil.

Das margens do rio Jequitinhonha vem também a Associação Itaobiense de Artesãos (AIA). As artesãs transformam as cabaças em bonecas elegantes e altivas, coloridas bailarinas, noivas, palhaços ou simplesmente mulheres do Vale. As bonecas de palha de milho também são sucesso. Além delas, rapaduras e pés de moleque também adoçam a Feira.

-

A Associação Medinense de Artesão (Amax), município de **MEDINA**, participa da Feira com seus trabalhos em patchwork (bolsas, almofadas, panos de cozinha), crochê, bonecas construídas com rolinhos de papel, quadros. Há alguns poucos anos, Medina descobriu o senhor Inácio, com seus trabalhos em madeira. São enormes quadros e mandalas esculpidas diretamente na madeira, muitos deles retrabalhados com sementes variadas, outros tons e formas, com recortes de materiais variados.

-

Guaranilândia, distrito do município de **JEQUITINHONHA**, guarda na beira do Rio uma das últimas paneleiras do Vale: Mestra Zizi, cabocla determinada, forte, amante do rio que a transformou em pescadora. Diariamente, ela passa horas em sua canoa admirando o percurso, os segredos e a cantoria de suas águas. Rio. Rio mestre...

Na sua pequenez e silêncio, Guaranilândia deu-nos outra joia: Mestre Paulo, escultor do barro, santeiro que se dedica ao fazer cerâmico há cerca de 50 anos.

Outro patrimônio do pequeno distrito é o Centro Comunitário de Desenvolvimento Rural Cultural de Guaranilândia, que participa da Feira com seus singelos estandartes, panôs, divinos de cerâmica, trabalhos em crochê e tricô.

Do município, a Associação de Artesão de Jequitinhonha traz para a Feira inúmeros São Franciscos de Leo Batista, que retratam os homens do Vale que ora cuidam dos animais, ora estão dormindo, bebendo cachaça, descansando.

Filha de Jequitinhonha, Mestra Elza Có, defensora da arte popular, principalmente do Boi Janeiro e dos fazeres tradicionais, também reconhecida pela UFMG, é mais uma joia do município de Jequitinhonha.

-

Nos primeiros anos da Feira, de **ALMENARA**, a Associação de Artesãos de Almenara (AARTA) trazia balaies e cestos feitos de palha de coqueiro e cipós, objetos feitos de madeira, galhos e sementes, porta-pinga, móveis, sinos dos ventos, carros de boi, crucifixo de bambu, colheres de pau. São empregados materiais naturais na construção de objetos artesanais. Hoje a AARTA continua participando da Feira com trabalhos de crochê, bordados, trançados, pintura em tecidos.

Almenara tem uma grande Mestra bordadeira, Adelícia Amorim, artista que oferece aos nossos olhos o prazer de sonhar e acreditar na capacidade das mãos em criar. Cores e formas, delicadezas – paixão pelo ofício de ensinar. Dona Adelícia recebeu o título de Mestra pela UFMG em 2017. As mulheres de Almenara não podiam deixar de aproveitar essa Delícia; uniram patchwork (técnica que utiliza recortes de tecidos diferentes e os une de forma harmônica) com os bordados tradicionais e criaram a Associação Comunitária das Mulheres Criativas de Almenara. Elas preservam a tradição dos bordados locais criando peças alegres, divertidas e coloridas.

-

A Associação dos artesãos de **PALMÓPOLIS** expõe na Feira da UFMG roupas confeccionadas com americano cru bordadas. O colorido dos bordados tradicionais feitos à mão dá vida, graça e originalidade às peças. Vestidos, saias rodadas, blusas, bolsas trazem versos e causos dos poetas da região. Os bordados estão também em quadros, panos de cozinha e copa. Juntamente com os bordados, há a rapadura, a cachaça, os doces, os frutos e os legumes da agricultura familiar.

-

O município de **TAIOBEIRAS** também tem sua principal manifestação cultural na área do artesanato cerâmico. A Associação de Artesãos de Taiobeiras produz peças que em sua grande maioria retratam o Vale do Jequitinhonha – o costume, as crenças e o dia a dia do seu povo. Os santos, a confecção de bichinhos utilizando sementes, madeira e frutos também fazem parte do imaginário da região. Há algum tempo desvinculado da Associação, o artesão João Alves, exímio contador de histórias dos costumes do povo da roça, apresenta com absoluta fidelidade esses fatos. Suas peças retratam o dia a dia simples e

encantador do povo, com cenas nas quais homens e mulheres realizam atividades como cuidar dos filhos, socar o milho no pilão, fazer biscoitos, alimentar as galinhas, rezar em frente a um oratório e até modelar a cerâmica. João Alves já é um artista reconhecido e tem seu trabalho em várias lojas do circuito Rio/São Paulo, bem como em acervos de vários colecionadores.

-

A Associação de Artesanato Mãos que Criam, do município de **PEDRA AZUL**, oferece aos frequentadores da Feira bonecas artesanais que retratam a história do Vale do Jequitinhonha e da cidade de Pedra Azul. O fazer artesanal ancestral e o fazer artesanal contemporâneo revelam-se nas bonecas de cerâmica e de cabaça com biscuit, além das bonecas, bordados e pinturas em tecidos, vestuário, bolsas e utilitários em patchwork e peças em crochê e amigurumi. Muita criatividade e zelo são também destaque nas peças decorativas em madeira reciclada e sementes.

-

A Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha acolhe também o projeto Catapoesia, que é apresentado pela gestora cultural de Sol Barreto: “tem como objetivo formar coletivos juvenis para serem protagonistas da produção de livros com capas de papelão a partir da coleta de histórias em comunidades e em bairros, incentivando a leitura e a escrita, as artes visuais e a educação patrimonial, privilegiando os conteúdos de caráter cultural e social e dando voz a esses jovens e a autores localizados à margem do mercado editorial”²

São apresentados na Feira os livros artesanais desenvolvidos e produzidos com as comunidades tradicionais do Vale do Jequitinhonha que são vendidos com o objetivo de arrecadar verbas para o projeto.

-

Assim é a Feira de Artesanato do Jequitinhonha UFMG para mim:

Um rio, um tempo, uma história. A vida, os saberes compartilhados, o respeito, a alegria e a força dos artistas artesãos. A alma e a arte do povo do Jequitinhonha, meus grandes amigos e irmãos do Vale do Jequitinhonha.

² Disponível em: <https://catapoesia.wordpress.com/objetivos/>. Acesso em: 30 set. 2023.

GUARDIÕES DOS SABERES

TEREZINHA MARIA FURIATI
SÉRGIO RENATO DINIZ ARAÚJO

A Feira se faz de mestres e mestras,
Se faz de gente,
Se faz de artesãos e artesãs,
A feira se faz na Feira [...]

Em 2009, na 10ª Feira, passamos a homenagear os Mestres de Ofício considerados e indicados pelas comunidades e municípios. Nildete Mendes – Dona Duquinha, bordadeira do município de Turmalina – e Ulisses Pereira – ceramista do município de Carai – , à época já falecido e representado por sua esposa, também ceramista, Dona Maria Pereira, foram os primeiros homenageados. Os municípios e seus homenageados tiveram local de destaque na Feira, e durante o evento ficaram à disposição de quem quisesse aprender um pouco do ofício de cada um deles.

A partir da 11ª Feira, em 2010, os mestres indicados pelos municípios e associações passaram a receber o título de **MESTRE** também pela UFMG. Em parceria com os municípios de origem, foi possível, em sua maioria, tê-los na UFMG durante a Feira. Muitos já estavam com idade avançada, mas, quando conseguiram, ministraram oficinas, participaram de entrevistas e bate-papo com a comunidade acadêmica.

A UFMG, com a colaboração dos apoiadores da Feira, continua homenageando dois artesãos em cada edição, concedendo a eles o título de Mestre e um prêmio simbólico. Durante a Feira, eles ocupam um lugar de destaque juntamente com os seus municípios de origem. É realizado também um evento no qual os Mestres são apresentados à comunidade universitária. São convidados para esse evento representantes municipais, dirigentes da UFMG, professores, apoiadores, patrocinadores e jornalistas. O evento é realizado na Praça de Serviços do Campus Pampulha/UFMG, local onde também acontece a Feira. São apresentados vídeos com vida e obra dos Mestres homenageados e também uma atração musical. Assim, no período de 2009 a 2026 temos os seguintes mestres e mestras homenageados:

10ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2009

– **Mestra Duquinha** – Turmalina

Nildete Mendes (1936-2011)

O seu gosto pelo artesanato começou na infância, quando via a mãe fazendo renda de bilro. Foi com ela que aprendeu, por volta dos seus 8 anos, os

primeiros pontos dessa arte. Ao ver suas primas fazendo outros tipos de bordados, logo se interessou e aprendeu com elas os diversos tipos de pontos: crivo (bordado vazado), ponto cheio, bainha de toalha, abrolho (fios amarrados, parecem uma renda), entre outros. Sempre buscando se atualizar, fez vários cursos, como tapeçaria arraiolo e curso de flores. Dona Duquinha ensinou o bordado a várias gerações.

– **Mestre Ulisses Pereira** – Ribeirão Santo Antônio, Carai

Ulisses Pereira Chaves (1922-2006)

Ulisses, quando menino, trabalhava na lavoura e na lida com o gado. Filho da panelleira Domingas Pereira Santos, que era filha, neta e bisneta de oleiras. Foi um dos maiores ceramistas do Vale do Jequitinhonha. Seu imaginário único e original colocou-o entre os mais importantes escultores do país do século XX. Suas figuras zoomorfas, antropomorfas, entes sobrenaturais de um único pé e outros com inúmeras cabeças, minotauros, lobisomens, povoavam o seu imaginário fantástico. Convivia com o sobrenatural com a maior naturalidade, considerando-o mais verdadeiro do que os fatos perceptíveis por todos nós. Também foi só a partir da geração de Ulisses que os homens adultos do Vale do Jequitinhonha passaram a exercer a arte do barro, pois nas gerações anteriores esta era uma ocupação exclusivamente feminina.

11ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2010

– **Mestra Zefa** – Araçuaí

Josefa Batista dos Reis (1925-2018)

Mestra Zefa nasceu em Poço Verde, no interior de Sergipe. Foi criada no sertão da Bahia driblando a seca. Cansada da penúria em que vivia, acabou migrando e chegou em Araçuaí, em 1962. Passou cerca de dez anos de sua vida buscando encontrar seu verdadeiro caminho no artesanato. Começou misturando farinha de trigo e cinza ao barro úmido e após alguns criativos anos, por acreditar que trabalhar com esse material causava prejuízo à sua saúde, escolheu a madeira como matéria-prima. Conhecia e sabia como poucos explorar em suas peças as características naturais das madeiras da região. Suas esculturas tinham traços duros e rústicos, inconfundíveis. Suas obras estão em galerias, casas de colecionadores, museus – são conhecidas e reconhecidas como obras de arte. Com a idade, foi obrigada a deixar o ofício – que lhe exigia muita força física – passando a dedicar-se a seus gatos, visitas, benzeções e contações de histórias para os visitantes. Histórias que, por sinal, eram maravilhosas. Mestra Zefa foi uma das figuras mais interessantes e amáveis de Araçuaí.

– **Mestra Ana do Baú** – Minas Novas

Ana Fernandes de Souza (1927-2015)

Ana do Baú nasceu na comunidade de Campo Alegre, município de Turmalina. Após a morte dos pais, morou com a irmã adotiva, Natália, na Fazenda do Baú, época em que ficou conhecida como Ana do Baú. “Tinha uns 10 anos quando comecei a fazer as panelinhas, ia na casa dos outros e observava, ninguém nunca me ensinou, eu ia pelejando, pelejando, Deus ajudou e eu aprendi”. Mestra Ana confeccionava mulheres sorridentes, com “rolinhos” nos cabelos, galinhas, vacas, beija-flores, arvoredos, objetos utilitários. Suas esculturas reproduziam com naturalidade as cenas do cotidiano – mulheres de biquíni, roupas curtas, dentes à mostra –, detalhes que impressionaram muito à época pela ousadia. Viveu por muitos anos em uma casinha simples e aconchegante em Minas Novas e parou de trabalhar com cerâmica depois da morte da irmã: “Estava acostumada a trabalhar com a Natália e sozinha ficou pesado, mas eu tenho saudade de quando eu fazia, lembro como era, foi Deus quem me ensinou”.

12ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2011

– **Mestra Zizi** – Guaranilândia, Jequitinhonha

Elzi Gonçalves Pereira (1944-2023)

Mestra Zizi foi a última panelleira de Guaranilândia, distrito de Jequitinhonha (MG). Ainda criança, começou a produzir panelas, potes, moringas, gamelas com ferramentas muito simples: um pilão, um pedaço de couro, algumas pedras e uma pequena faca. Uma confecção completamente artesanal, que lhe exigia dedicação, observação e muita habilidade. Cabocla destemida e amante do rio Jequitinhonha, local onde passava grande parte do seu dia – pescando, pensando, admirando e escutando a poesia do rio. Com o advento dos utensílios de alumínio, as panelas de barro perderam seu espaço. No entanto, a mestra não desanimou e continuou exercendo e ensinando seu ofício, dessa vez aos netos.

– **Mestra Geralda** – Tocoíós, Francisco Badaró

Maria Geralda Leite Sena (1927-2019)

Mestra Geralda nasceu na comunidade de Pacheco, município de Francisco Badaró. Filha de fiandeira, iniciou-se no ofício entre 7 e 8 anos de idade. Seguindo seus antepassados, dedicou toda a sua vida ao algodão, sem nunca ter desistido de fiar e tecer. Do algodão sabia tudo, desde a semente no chão, até a transformação da flor em fios, pavios e cordões – e depois em panos, colchas e roupas. Seus fios eram conhecidos e desejados em toda a região: fios finos, os

mais finos que podiam ser encontrados naquelas bandas de lá, fruto de uma técnica que ela desenvolveu e aperfeiçoou durante toda a vida – com paciência e mãos firmes. Seu saber foi repassado a seus filhos, amigos e vizinhos. Sua presença, seu exemplo de perseverança e fé contribuíram grandemente para a criação e manutenção da Associação de Artesão de Tocoíós.

13ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2012

– Mestra Izabel – Santana do Araçuaí, Ponto dos Volantes

Izabel Mendes Cunha (1924-2014)

Foi aos poucos transformando moringas em bonecas, altivas e elegantes, satisfazendo um sonho de menina não realizado de ter uma boneca. Mestra Izabel nasceu na zona rural do município de Itinga. Começou a brincar com o barro muito cedo, menina ainda, ao lado de sua mãe e de sua avó, que faziam vasilhas. A falta de brinquedos e principalmente de bonecas, que era seu sonho de menina, foi a grande motivadora para que ela comesse, tão cedo, sua vida de artesã e artista do barro. Aos sete anos, ela nunca tinha visto uma boneca, nem sabia como era, mas ouvia falar. “Eu ouvia falar de boneca e tinha vontade de ver o que era boneca. Eu queria brincar de boneca. Eu fazia. Pegava um pedaço de pano, uma toalha, enrolava e falava: eu acho que os nenê que eles fala, as bonecas, acho que é assim”. Com 12 anos, já fazia algumas pecinhas. E vieram depois os jarros com bacias, galo grande que colocava no terreiro para enfeitar, que muitas vezes era quebrado pelos galos de verdade “porque parecia demais”. Fazia personagens, como os padres, vaqueiros e presépios. Presépios completos, com a Sagrada Família, os bichinhos todos em volta, os reis e pastores que eram colocados nas mesas de leilão. Após o sucesso dos presépios e de suas peças tão bem-acabadas e criativas, Mestra Izabel começou a fazer as bonecas. Pensava e fazia. Foi aumentando o tamanho, foi experimentando outros tons de barro para enfeitá-las. Foi criando penteados, cor de pele, olhos azuis, castanhos e negros, vestidos, crianças nos braços, no peito... Noivas e noivos. Barro nas mãos da menina Izabel: para brincar era preciso fazer bonecas, era preciso imaginar, criar e sonhar. Brincar vira viver. Barro nas mãos da mulher Izabel: Viver para dar vida ao barro. Educar, sobreviver, criar. Necessário realizar.

– Mestra Pretinha – Estação da Luz, Itaobim

Maria Gomes Dias (1908-2022)

Mestra Pretinha ensinou muita gente no Vale a fazer esteira e deixou sua marca na história da cultura regional. Começou sua arte amarrando esteira, ofício realizado depois da longa jornada diária na roça, ainda pequena: “Fui jogando a

vida assim até que comecei a trançar taboa”. Foi assim que se tornou conhecida. Inventou bonés, bonecas, caixas e tudo mais que a imaginação lhe permitiu. “Não estou fazendo tanto mais, estou mais devagar, mas continuo. Ultimamente tenho feito umas caixas e levo a vida satisfeita.” Os parentes e amigos que a tinham como referência agradecem a disposição em passar adiante os segredos. “A vida inteira ensinei. Não tenho leitura, se não precisar de leitura, não ligo de ensinar. Hoje tem um tanto de gente aqui fazendo parecido comigo”, orgulhava-se.

14ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2013

– Mestra Lira – Araçuaí

Maria Lira Marques – Nascimento: 1945

Mestra Lira Marques nasceu em Araçuaí, Minas Gerais. Aprendeu a fazer artesanato com a mãe, Dona Odélia, que fazia presépios e caricaturas para presentear e brincar com os amigos, e também com Joana Poteira. Lira dedicou-se à criação de máscaras e às “pinturas de Terra”, como chama as obras realizadas com a terra sobre o papel e pedras. Suas obras são marcadas por elementos da tradição africana, indígena e do cotidiano do Vale Jequitinhonha. Lira é também uma das mais atuantes pesquisadoras da cultura popular da região. Juntamente com Frei Francisco Van der Poel, Frei Chico, fez uma pesquisa enorme sobre as manifestações populares – religiosidade, músicas, causos e história, remédios, simpatias, benzeções – de seu povo, estando toda a pesquisa registrada no endereço <http://tradicaooraljequitinhonha.blogspot.com>. Lira, mulher doce, inquieta e criativa, artista do Vale do Jequitinhonha, conhecida no Brasil e no mundo, tem hoje suas obras expostas e vendidas nas grandes galerias de arte de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

– Mestre Antônio de Bastião – São Benedito do Capivari, Minas Novas

Antônio Luiz de Matos – Nascimento: 1942

Mestre Antônio de Bastião, nascido na comunidade de São Benedito, Minas Novas, veio de um passado que “foi dirigido” por seus antepassados, seus ancestrais. Começou seu trabalho artesanal colocando cruz e todas as ferramentas que crucificou Jesus dentro de litros, sem cortá-los, mas ao herdar as ferramentas de seu avô, passou a dar seguimento, com muita seriedade e carinho, à sua missão de tamborzeiro. Respeitador e zeloso com a natureza, Mestre Antônio dedica parte de seu tempo ensinando a confeccionar tambores, pandeiros, reco-reco, caixas de folia e principalmente a respeitar e cuidar da natureza. Homem de muita fé, guardião das tradições religiosas e familiares, está reconstruindo em seu sítio a casa de seu bisavô e uma capelinha.

15ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2014

– Mestre Ulisses – Itinga

Ulisses Mendes – Nascimento: 1955

Mestre Ulisses nasceu em Itinga, Minas Gerais. Aprendeu a trabalhar o barro com sua mãe. Em seu trabalho, Ulisses retrata o povo: pescadores, camponeses, trabalhadores da terra, da terra seca, sofrendores e sonhadores que lutam para fazer daquela terra e da semente o alimento. Os trabalhos de Ulisses falam de um povo do Vale do Jequitinhonha que confia no tempo e espera a chuva para fazer desabrochar o grão, um tempo melhor, tempo de fartura. São imagens que denunciam a pobreza, o desencanto, o esquecimento, a penúria e o sofrimento. Ulisses retrata camponeses amarrados na cruz, com todas as suas ferramentas de trabalho, denunciando a penúria do trabalhador rural. “São os cristos e as cristas no nosso Vale do Jequitinhonha”, como ele diz. Com discurso articulado, Ulisses fala sobre o papel do artista na sociedade atual e as dificuldades enfrentadas pelos mais pobres que se dedicam aos afazeres rurais. Seu trabalho tem alcance internacional e é difícil falar da cultura e do artesanato do Vale do Jequitinhonha sem lembrar do nome de Mestre Ulisses.

– Mestra Noemisa – Ribeirão da Capivara, Caraí

Noemisa Batista dos Santos (1946-2024)

Mestra Noemisa nasceu em Ribeirão da Capivara, município de Caraí. Morava em uma casinha construída de pau a pique, com janelas de madeira, telhas de barro e chão de terra batida. As paredes brancas, pintadas regularmente de tabatinga (barro branco) são decoradas por seus desenhos florais, desenhados com a mesma terra que usava em seus trabalhos. Aprendeu a moldar o barro com a mãe que era paneleira. Criou um estilo próprio e inconfundível de retratar cenas do cotidiano, com beleza e lirismo. Quase não usava ferramentas – um sabugo de milho, um pedaço de cuia, bambu ou metal para aparar as sobras da argila: um palito ou pena de galinha para os detalhes e pintura. Depois da peça moldada, aplicava adornos, estampas e flores. Antes de o barro secar, ela pintava suas esculturas – ornamentos e minúcias. “Bordar o barro” evidencia a delicadeza de Noemisa. Flores e ramos são detalhes que encantam e disputam com o olhar o tema central de suas peças. Apesar de ser conhecida e considerada uma das artistas mais criativas da região, Noemisa viveu isolada e em condições precárias.

16ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2015

– Mestre Valmir – Datas

Valmir das Graças Paulino – Nascimento: 1952

Em determinado momento de sua vida, Mestre Valmir se viu obrigado a buscar novas formas de sobrevivência, em virtude de problemas de saúde. Utilizando seu canivete, esculpiu o corpinho de uma pomba e o revestiu com pequenas lasquinhas de madeira. Sua religiosidade lhe possibilitou enxergar naquela pequena peça o Divino Espírito Santo. A partir daquele momento, o artesão Valmir iniciou o processo de criação e aperfeiçoamento do Divino Espírito Santo de Datas (Minas Gerais). Em virtude de sua dedicação e perseverança, em 2005, foi criado um grupo para a produção dos Divinos. O empenho, a boa vontade e a generosidade de Seu Valmir para ensinar a técnica por ele criada possibilitou que lentamente o Divino se tornasse fonte de renda não só para ele, mas para todas as pessoas que se interessaram em participar do grupo de artesãos. Em pouco tempo, o Divino de Seu Valmir de Datas passou a fazer parte da história do município. Com se falar manso e discreto, Mestre Valmir nos desperta o encanto pelo Divino Espírito Santo. A entrega e a generosidade em repassar seus ensinamentos evidenciam uma trajetória de dedicação, amor, cuidado e fé. A cidade de Datas, como muitos municípios do Vale do Jequitinhonha, outrora celeiro das descobertas de ouro e diamante, hoje conta com a altivez e a preciosidade da Arte da família de Mestre Valmir.

– Mestre Zé do Ponto – Chapada do Norte

José Vaz (1949-2020)

Mestre Zé do Ponto nasceu no Município de Chapada do Norte. Começou ainda criança a trabalhar ajudando seu pai, conhecido tropeiro do Vale, na labuta diária da lavoura e das tropas. Segundo ele, “com 12 anos já estava na luta, mexia com plantação, fazia lavoura”. O trabalho de lavrador lhe facultou não só o aprendizado de um ofício, mas um modo de vida e o desabrochar de sua expressão interior, além da persistência, da esperança, do cultivo da amizade e do bem-viver. “Eu gostava demais, pra mim era meu prazer. Eu nem pensava, naquele tempo, em namorada. Pensava mais em ter amizade, no diálogo com os amigos”, recordava. Transportando secos e molhados no lombo de mulas, ao lado do pai, rompeu distâncias. Aprendeu a negociar, lidar com a solidão dos caminhos e a valorizar os encontros. Construiu amizades, aprendeu a conhecer e respeitar a natureza, foi iniciado nos ritos religiosos e compreendeu a importância de enfrentar as dificuldades com determinação e tenacidade. O artesanato foi mais uma tentativa de sobrevivência: “Foi vindo aquela influência”. Como

seu pai, foi fazendo alforjes, bruacas, bateias, balaies de taquara, bancos de couro... “E Deus abençoou”. Criativo e muito caprichoso, seus produtos, tamboretas, namoradeiras, cadeiras, mesas, bolsas, bruacas geram encantamento nas feiras de artesanato de todo o país. Ilustre carpinteiro, transformava a madeira bruta em móveis, utilizando-se dos trançados de couro e palha de milho, para dar um toque especial aos objetos construídos. Os diferentes tons e texturas do couro e da palha de milho imprimem em seu trabalho sua marca, sua assinatura, sua identidade.

17ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2016

– **Mestra Vitalina** – Campo Alegre, Turmalina

Vitalina Pereira Xavier (1910-2019)

Mestra Vitalina, nome de força, de saúde, de vida, foi uma das pioneiras na produção de cerâmica do importante polo produtor de Campo Alegre, município de Turmalina. Perguntada sobre suas contemporâneas no ofício, lembra-se de mais cinco mulheres – todas já falecidas – que, como ela, aprenderam com suas mães a fabricar potes, botijas e panelas. Ela nos contava que seu ofício lhe dava asas à imaginação. Lembrava-se de criações que agradaram seus amigos e clientela, como uma velha andando apoiada na bengala. Ela contava que teve que repetir essa peça muitas vezes, para atender a tantas pessoas que lhe encomendaram. Com a maior humildade do mundo, Mestra Vitalina deixava escapar que também foi parteira. “Panhrou” muitos meninos, mas preferia trabalhar com barro, porque enquanto parteira tinha que, muitas vezes, atravessar um córrego cheio no escuro da noite, acompanhar as mulheres e junto com elas esperar.

– **Mestra Lia Borges** – Galheiros, Diamantina

Maria Vieira de Araújo Borges – Nascimento: 1930

Mestra Lia é apanhadora de sempre-vivas, pequeninas flores naturais da vegetação de campos de altitude, do cerrado. As sempre-vivas permanecem muito tempo íntegras depois de secas e por isso são muito utilizadas para arranjos e enfeites. Dona Lia começou a atividade aos 10 anos, quando já aguentava sair e fazer grandes caminhadas, acompanhando a mãe, ajudando a “panhar” as pequenas flores. A coleta das flores exige longas caminhadas nos campos. É preciso se proteger do sol com grandes chapéus e roupas que cobrem os braços e as pernas e ter muito cuidado com as cobras. Mestra Lia diz que, naquela época, o trabalho que havia era esse. “E é um serviço mais leve”, observa ela. Reafirma sua felicidade ao ver que o trabalho artesanal da comunidade deu muito certo

e tem trazido renda para todos os que nele trabalham. Seus filhos seguem seu ofício e cuidam para que ela não vá para o campo, especialmente sozinha, para colher as flores, mas, longe das vistas deles, Mestra Lia confessa que escapa e vai para o campo, dizendo que foi procurar uma vaca que sumiu, em meio aos campos floridos.

18ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2017

– **Mestre Paulo** – Guaranilândia, Jequitinhonha

Paulo Oliveira Costa – Nascimento: 1954

Mestre Paulo, mais conhecido no município de Jequitinhonha (MG) como Paulinho do Guarani, nasceu em Guaranilândia. Mestre Paulo trabalha com argila há cerca de 50 anos e a vê como seu remédio diário e sua fonte de saúde. A arte que pulsava desde a infância em Mestre Paulo foi herança deixada pela bisavó, pela avó e continuada pela mãe, Maria Flora Costa, artesã e paneleira reconhecida, que vendia seus produtos na cidade de Almenara, levados em canoa pelo rio Jequitinhonha. A base de sua aprendizagem teve origem indígena, pois ele é descendente do cacique Ari-Ari, pelo lado da sua bisavó, que era cabocla. Ainda criança, quando brincava ao lado da sua avó, iniciou a confecção de panelinhas e vasos. Aos 11 anos, já modelava panelas, jarros e moringas, que eram vendidos em Almenara. Autodidata na ampliação de sua produção de objetos utilitários, passou a produzir peças decorativas e diversas esculturas. Aprimorou-se em esculturas sacras, salientando as imagens de São Francisco. Ainda conserva, em sua rotina de trabalho, as maneiras indígenas de lidar com o barro, as formas e o tipo de forno. Assim vive Mestre Paulinho, às margens do Rio Jequitinhonha, retratando com fidelidade o cotidiano local e regional, contando e resgatando a história do Vale.

– **Mestra Adelícia** – Almenara

Adelícia Amorin – Nascimento: 1935

Mestra Adelícia nasceu no distrito de Pedra Grande, município de Almenara. Faz da sua vida uma eterna colcha bordada de memórias, flores coloridas e arte. De um carisma encantador e de uma bondade cativante, Mestra Adelícia vive sua vida no Vale do Jequitinhonha de maneira pacata, tendo a pesca e o bordado como grandes prazeres da vida. Filha de empregados em uma fazenda da região, Brasilino Alves Cordeiro, vaqueiro, e Davina Cordeiro de Amorim, costureira, Mestra Adelícia aprendeu a bordar observando os ricos jogos de cama e mesa dos patrões. Aos 13 anos, Mestra Adelícia e sua família se transferiram para Almenara. Ao chegar à cidade, foi contratada para bordar o enxoval da filha

de um doutor, adotando de vez o ofício. Com a vida já mais calma e os filhos criados, Mestra Adelícia continuou a bordar e desenvolver seu trabalho, fazendo jogos de cama e mesa, almofadas, roupas, bolsas e quadros. Além disso, ela se propôs a passar seu conhecimento adiante, ensinando pessoas interessadas da comunidade suas técnicas e seu ofício, estimulando em seus alunos o respeito e a valorização da arte manual do bordado. Mestra Adelícia acredita que o bordado precisa falar e ser ouvido e, ao criar sua arte colorida e viva, coloca nas cores essa responsabilidade de comunicar e interagir. Desenhando flores, o ambiente ao redor e elementos do Vale do Jequitinhonha, Mestra Adelícia transforma sua casa em um verdadeiro jardim, um mundo totalmente seu, colorido e acolhedor, que é aberto a quem quiser conhecer e aprender mais desse ofício.

19ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2018

– Mestra das Dores – Berilo

Maria das Dores – Nascimento: 1955

Mestra das Dores nasceu em Roça Grande, município de Berilo, onde morou até aproximadamente os 13 anos. Depois se mudou para Engenho Velho onde se casou e constituiu uma bela família de 7 filhos, 20 netos e 4 bisnetos. Em torno dos 10 anos de idade, iniciou seu trabalho na roça. Plantavam de tudo um pouco para o sustento da grande família. Muitas vezes, a produção era insuficiente, sendo necessário comprar alguma coisa para inteirar. O algodão sempre foi parte integrante da vida de Mestra das Dores que conta com alegria e orgulho como as mulheres de sua família preparavam as peças para o uso familiar. Da plantação à colheita, o descaroçar, a batida do algodão, o puxar do fio na roca, as espessuras dos fios (os de urdir e os para tampar), os panos prontos e a confecção das roupas. Os panos utilizados na feitura das roupas eram brancos. Para as calças, saias e listras nas camisas masculinas era usado o preto. Para pintar o pano de preto, segundo Mestra das Dores, era necessário que a roupa estivesse pronta. Socava-se e cozinhava a casca da aroeira, molhava bem a peça naquela tintura e colocava no sol para queimar. “Depois de seca, a roupa era mergulhada num mingau de barro que pegavam da lagoa e deixava de um dia para o outro.” Após esse tempo, lavavam bem a peça e a cor estava ali – pretinha. O barro não deixava a cor desbotar. Outras vezes tingiam as linhas, da mesma forma. As roupas brancas eram lavadas com sabão de coada (feito da cinza do fogão, “tiravam o líquido forte e cozinhavam com a mamona até o ponto de doce”; deixavam de um dia para o outro para endurecer). O uso desse sabão deixava as roupas alvinhas. Mestra das Dores guarda boas lembranças desses tempos, principalmente de quando lavava as roupas no rio Araçuaí ou, na época

das águas, no córrego pertinho de casa. Hoje ainda planta algodão, pouco, pois a escassez da chuva não permite uma boa colheita. Como bisavó, vó e mãe, percorre todo o processo aprendido com elas. Tinge seus fios da mesma forma que elas, buscando no mato angico, tingui, jenipapo, jatobá, aroeira, vários tipos de mangueira (“cada espécie produz um tom diferente”). Repassa com orgulho os conhecimentos recebidos pelas mulheres de sua família a todos que querem aprender. Suas filhas também conhecem bem o ofício. Ainda hoje produz suas peças, apesar de as vendas terem caído muito. Com sua comadre Selma trabalha todo dia, sem esmorecer – “vai cortando um dedo, emendando o outro e tocando o barco pra frente”.

– Mestra Terezinha – Presidente Kubitschek

Maria Terezinha Alves – Nascimento: 1952

A Comunidade Quilombola de Raiz, situada na Serra do Espinhaço, na zona rural do município de Presidente Kubitschek, Alto Jequitinhonha, se autodetermina “Apanhadora de flores sempre-vivas e quilombola”. A Comunidade preserva técnicas e saberes seculares sobre o manejo sustentável da terra, a produção de alimentos e insumos para sua sobrevivência, respeitando a natureza e o território em que vive. Mestra Terezinha, nascida e criada no Quilombo de Raiz, desde criança se dedicou à panha de flores sempre-vivas. Em 2002, começou a fazer artesanato com capim-verde/capim-de-cheiro, como conta sua filha Erci. Em 2006, passou a utilizar o capim-dourado, ou sedinha (*Syngonanthus nitens*), como é conhecido pelos moradores, na confecção de seu artesanato. Considerada uma das lideranças femininas na manutenção dos saberes tradicionais da comunidade e na dedicação da transmissão intergeracional de conhecimentos em manejo, panha e utilização do capim dourado na confecção de peças artesanais, incentivou a criação de chapéus, cestas, descanso de painéis, bijuterias, potes, fruteiras e outros objetos que hoje fazem parte da grande variedade de produtos comercializados pela Associação de Artesãos de Presidente Kubitschek. Os conhecimentos sobre a arte e a técnica do artesanato com o capim dourado levaram Mestra Terezinha a se especializar em confecção de bolsas. Emocionada pelo seu reconhecimento na 19ª Feira de Artesanato da UFMG, relatou: “Estou muito feliz por estar aqui sendo reconhecida pelo meu trabalho. Essa é uma forma de me sentir valorizada e de mostrar a riqueza do trabalho de nossa comunidade”.

20ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2019

No ano de 2019, tanto a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha quanto o Programa Polo Jequitinhonha, até então coordenado por Marizinha Nogueira, passaram a integrar a estrutura da Diretoria de Ação Cultural da UFMG, atual

Pró-Reitoria de Cultura. A partir desse momento, a coordenação da Feira passou a ser exercida por Sérgio Diniz.

Em decorrência dos rearranjos institucionais e da rearticulação do evento, a 20ª edição, realizada em 2019, não prestou homenagem aos mestres e às mestras. A ausência interrompeu um ciclo de reconhecimento mantido desde 2009. Em 2022, após o intervalo provocado pela pandemia de covid-19, a Feira retomou a concessão de títulos e homenagens e renovou seu compromisso com a valorização dos detentores dos saberes tradicionais do Vale do Jequitinhonha.

21ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2022

Texto: Sérgio Diniz

– **Mestra Gel Pataxó** – Aldeia Cinta Vermelha, Araçuaí

Gesilene Pataxó – Nascimento: 1977

Liderança Pataxó, Gesilene Braz da Conceição é mestra detentora de saberes ancestrais que estruturam a vida de sua comunidade na Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, em Araçuaí. Desde os oito anos, dedica-se ao artesanato e ao ensino do ofício para os mais jovens de sua comunidade. A partir da adolescência, começou a comercializar suas criações para ter uma renda, o que dificultou a continuidade dos seus estudos. Os percalços, porém, não a fizeram desistir e, após 20 anos sem estudar, conseguiu concluir os estudos pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) e realizar o sonho de se formar em Pedagogia e se tornar alfabetizadora. Hoje é professora da educação infantil em sua aldeia, realizando um sonho antigo.

– **Mestra Elza Có** – Jequitinhonha.

Elza Pereira de Andrade – Nascimento: 1935

Aos 91 anos, dona Elza Có, é uma artesã nascida e criada no município de Jequitinhonha. De família humilde, sendo a sexta de 22 filhos, aprendeu desde cedo a costurar e bordar. Sua habilidade precoce pela arte não se limitou à produção de bordados, tricôs e cortes de costura, mas se estendeu à criação de cerâmicas e argilas, com as quais ajudou a sustentar sua família. Mais tarde, aos 59 anos, passou a coordenar o evento anual Boi de Janeiro e as negas de Heraldo em seu município. Devido aos seus feitos, Elza Có recebeu o título de símbolo cultural de Jequitinhonha. Hoje, apesar da idade avançada, Elza não quer descançar e pretende continuar com seus projetos, como afirma em entrevista no canal da Cultura UFMG.

22ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2023

– **Mestre Frei Chico** – Holanda

Frei Chico (1940-2023)

Frei Chico nasceu em 1940 na pequena cidade de Zoeterwoude, próximo a Haia, Holanda. Veio para o Brasil em 1967, em plena ditadura militar, e foi para o Vale do Jequitinhonha em 1968, fixando morada em Araçuaí. De início, apaixonou-se pela riqueza e diversidade da cultura da região. Mais do que isso, Frei Chico entendeu que a cultura, passada de geração a geração, é a voz do povo: os cânticos de ofício, o manuseio do barro e sua transformação em peças artesanais, as danças e os cantos de congado, a benzedeira, as folias. Trouxe a vivência do povo para sua prática religiosa, rompendo com antigos cânones da Igreja Católica da época, como a não participação de leigos nas celebrações, o uso do sincretismo e das artes, principalmente a música, a teatralização e a literatura oral. Foram esses os meios que ele encontrou para se aproximar do povo, fazer-se compreender, ser aceito e integrado na comunidade. Junto a Lira Marques criou o Coral Trovadores do Vale em 1970. O Grupo mantém-se na ativa e é um dos mais importantes de Minas Gerais. Ao mesmo tempo que o Frei se tornava uma referência para todo o povo do Vale do Jequitinhonha, ele também se dedicava à sua atividade intelectual, como pesquisador da cultura popular. Lançou diversos livros e por quarenta anos fez uma vasta pesquisa que resultou na publicação do *Dicionário da Religiosidade Popular*, com 1.150 páginas e mais de 8 mil verbetes. Sobre esse trabalho, Frei Chico afirmava: “aprendi que quem pretende entender a religiosidade popular e ter o direito de explicar seus significados há que se tornar simples com os simples e pobre com os pobres”. Em janeiro de 2023, Frei Chico faleceu, deixando-nos um legado de amor às mulheres e aos homens do povo do Jequitinhonha, a gente simples com quem ele muito aprendeu sobre um Brasil que pouco está nos livros e nas mídias, um Brasil que luta para sobreviver e que, ao mesmo tempo, cultiva suas raízes e conserva sua identidade cultural como uma forma de resistência. Na 22ª edição da Feira do Vale do Jequitinhonha na UFMG, em maio de 2023, prestamos uma singela e carinhosa homenagem a Frei Chico, com as presenças ilustres de Lira Marques, Coral Trovadores do Vale, Olegário Alfredo e Rubinho do Vale. Durante a Feira, peças do Frei, pertencentes ao acervo do Museu de Araçuaí, Um Presente de Frei Chico e Lira Marques, foram expostas e tiveram uma expressiva visitação. Para todos nós, ficam a saudade, a gratidão e a certeza de que Frei Chico foi uma pessoa iluminada. Que o que ele fez por Araçuaí e por todo o Vale do Jequitinhonha permaneça, e espraie, e repercuta, e viva.

23ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2024

– Mestra Dona Izabel – Itinga

Izabel Mendes da Cunha (1924-2014)

Por sua importância como mestra e inspiradora de gerações, a UFMG prestou homenagem a dona Izabel Mendes da Cunha, durante a 23ª Feira, em 2024, quando se celebrou o centenário de seu nascimento. Nascida em 3 de agosto de 1924, na zona rural do município de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, a menina Izabel aprendeu a trabalhar o barro com sua mãe, criando vasilhames e figuras de presépio, que continuou produzindo mesmo depois que se casou e mudou-se para Santana do Araçuaí, município de Ponto dos Volantes. A dedicação ao trabalho, a criatividade e o zelo com que fazia suas peças logo lhe garantiram espaço em feiras de cidades vizinhas. Suas noivas, feitas em grandes formatos, marcaram definitivamente seu estilo. A disponibilidade de dona Izabel para ensinar fez com que ela se tornasse mestra no ofício e, entre seus principais discípulos, destacam-se seu genro João Pereira, suas filhas, Glória e Maria, e seu filho Amadeu. Muitos dos membros da Associação de Artesãos de Santana do Araçuaí aprenderam direta ou indiretamente com ela, alçando o distrito à condição de importante polo produtor de artesanato em cerâmica. Em 2004, Dona Izabel obteve o 1º lugar no Prêmio para o Artesanato da América Latina e Caribe, da Unesco; no ano seguinte recebeu a Ordem ao Mérito Cultural do Governo Federal, em reconhecimento à sua ação em favor da cultura brasileira. No ano de 2009, foi laureada com o Prêmio Culturas Populares, do Ministério da Cultura brasileiro. Em 2012, foi mestra homenageada na 14ª edição da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG.

Sobre o início de seu trabalho com o barro, dona Izabel deu depoimento, transcrito em parte aqui, ao Museu da Pessoa,¹ publicado em 29 de julho de 2007:

(...) eu tinha muita vontade de brincar com boneca. Vivia falando em boneca, mas eu não sabia como é que era. Nesse tempo, essas bonecas que hoje em dia tem de plástico, de louça, e de massa e tudo o que tem, nesse tempo, lá para as roças, para a gente, não existia. Ninguém ouvia falar nisso. Eu ouvia falando em boneca, eu “ponhava” era sabugo de milho. Meu pai colhia os milhos, debulhava para dar às criações. Eu guardava aqueles sabugos, enrolava um pedacinho, retalhinho de pano na cintura. Ou, então, um pedacinho de papel. E falava que era boneca. Eu falava: “Boneca deve ser assim”.

1 Museu da Pessoa: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/a-bonequeira-do-vale-do-jequitinhonha/>.

Depois, via a minha mãe mexendo, fazendo o barro, puxando assim, montando aquelas vasilhas. Aí, eu falava: “Eu vou fazer uma bonequinha de barro, para eu brincar.” Minha mãe pega esse barro e mexe com ele assim. E eu vou é fazer boneca. Fazendo a imaginação, fazendo a experiência. Aquele barro lá era difícil de achar onde que nós morávamos. Era meio difícil na fazenda em que nós morávamos, era meio difícil.

E a minha mãe brigava quando a gente ia apanhar um bolinho de barro, fazer um brinquedo. Ela brigava com a gente. Ela ralhava com a gente, porque ela estava assando o barro dela, que o barro estava difícil. Quando ela saía, que ela ia lá almoçar, ia fumar um cigarro, eu pegava um bolinho de barro e escondia. A hora em que o menino dormia, eu botava o menino na cama, o menino deitava no meu colo. Dormia, eu botava na minha cama para dormir, e ia fazer a bonequinha. E eu falei: “Vou fazer a boneca.” Sem nunca saber que ia fazer de barro, a gente fazia a boneca de barro, né? Fazia aquelas bonequinhas, pequenininhas. Aí, enchia de gosto de ter aquilo para mim!...

Eu gostava muito de ver aquelas mulheres que estão com o menino no braço, no colo da mãe. Era a coisa mais bonita que eu achava: minha mãe, essa que estava com o nenenzinho, e eu achava bonito quando ela pegava ele, esse nenenzinho dela. Eu falava, eu pensava, eu achava isso bonito. Aí, eu pensava assim: “Eu vou fazer é uma boneca, como se fosse uma mãe, amamentando a criança.” Eu pegava o barro, e fazia. E fui fazendo os pequeninhos. E, das pequenininhas, eu peguei a fazer grande. E, quando eles descobriram aqui, eu não fazia as bonecas. Eu só fazia as outras peças, que eu falo para você. Eu sabia fazer as bonecas, mas eu não fazia porque ninguém não dava valor.

Foi imaginação. Eu pensava e fazia. Eu fazia o rosto como fosse o rosto de uma pessoa. Agora, eu pego o barro e faço. Se já tem referência, não pensa em nada e faz. Só pensei e faz o rosto. Eu falava assim: “Vou fazer o rosto de uma pessoa.” Então, vinha uma pessoa e falava: “Olha! Tá parecendo Fulano. Olha! Tá parecendo Ciclano.” Tem hora em que eu faço elas alegres, sorrindo. Outras morrem de rir. Tem hora em que eu faço outras sérias, bem sérias. Eu faço outras com raiva, tudo eu faço. E no dia que eu não estou muito alegre, não tem jeito de elas ficarem... (risos)

Ensinei meus filhos todos. Ensinei os vizinhos aqui. Aqueles que quiseram, eu ensinei para eles. Agora, um está ensinando outros, e outros

estão ensinando os outros e eles estão merecendo tudo. Eu tenho... Que prazer. Não ficou só para mim. Ficou para todos, né?

Mestra Izabel faleceu no município de Ponto dos Volantes, aos 90 anos, no dia 30 de outubro de 2014.

24ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2025

– Mestre Gilson – Itaobim

Gilson Alves Menezes – Nascimento: 1966

Artesão da taboa, Gilson é sobrinho de dona Maria Gomes Dias, a dona Pretinha, célebre artesã do Vale, homenageada na Feira de 2012, quando já completara 104 anos. O envolvimento da família de Gilson com o artesanato em taboa, entretanto, vem desde o século XIX, por meio de seus avós e bisavós.

Em sua cidade, Gilson já ensinou mais de 40 pessoas a trabalhar a taboa. Além disso, ele já ministrou oficinas em São Paulo, Goiás, Bahia e em muitas cidades do interior mineiro. Em seu ateliê, são oito artesãos, entre familiares e pessoas próximas, produzindo peças diariamente. Atualmente, seu artesanato está presente em diversos estados brasileiros e em outros países, como França, Itália, Portugal e Estados Unidos. No ano de 2024, Gilson deu um depoimento à UFMG, do qual transcrevemos parte:

Eu vou fazer 60 anos. Nasci em 1966. Eu sempre trabalhei com artesanato, desde os 14 anos. Naquele tempo criança trabalhava pra ajudar os pais; isso era uma saída que a gente tinha na vida. E meus pais, meus avós, desde os anos 1940, já trabalhavam com artesanato: eles faziam cestas, peneira, vassoura, jacá, jiqui, faziam cangalha, muitos tipos de cestaria pra vender na Feira. E fazia esteiras de taboa, pra vender na Feira também. Com o passar dos anos, eu e meus irmãos começamos a aprender com eles a fazer artesanato, eu comecei com 14 anos. Ajudava meu pai, tirava tábua pra fazer canoa, fazer colher de pau, gamelas, cuias e as esteiras e vassouras de capim pra vender na Feira. Foi daí que eu comecei. Quando eu completei 18 anos, novinho, eu conheci a Antônia, que é minha esposa. Ela vivia sozinha, tinha três criancinhas pequenas, de 9 meses, 3 anos e 5 anos. E quando eu completei 20 anos eu resolvi casar com ela. E aí nós fomos trabalhar pra sustentar a casa e nossos filhos. Nós fizemos adobe, fizemos as telhas e nós mesmos levantamos uma casinha de dois cômodos onde nós fomos morar; era um quarto e uma cozinha e a sala era o terreiro, mesmo. La debaixo dos pés de árvore era a sala. Banheiro era os

matos. E nós fomos vivendo. A gente foi fazendo o artesanato; nós fazíamos esteira e vassoura, pra vender na Feira, pra sustentar as crianças, né? Era o que nós tínhamos pra fazer naquele tempo. E na época de roça a gente plantava milho, arroz, feijão, abóbora, gergelim, amendoim, pra poder tirar o alimento pras crianças. E o que a gente vendia de esteira e vassoura que nós fazíamos, dava pra comprar as outras coisas. E aí, com o passar dos anos, com o mais velho dos nossos filhos já com 18 anos, nós fundamos a associação, a gente já tava morando aqui na Estação da Luz. Antes, a gente sempre morou na Fazenda São João Grande e na Fazenda Minas Novas, aqui em Itaobim. Quando a associação foi fundada, chegou um pessoal do Programa Artesol – Artesanato Solidário – de São Paulo e perguntou, junto com a técnica da Emater, e perguntaram se a gente queria aprender a fazer caixinhas, cestaria. Como a gente já sabia fazer cesta de taquara, de cana brava e fazer peneira, ficou fácil pegar a técnica pra fazer o artesanato que eles propunham.

(Depoimento de Gilson Alves Menezes à UFMG, em abril de 2024).

– Mestre Geraldo da Viola – Turmalina

Geraldo Batista de Souza – Nascimento: 1953

Antes de se dedicar à construção de violas, violões, bandolins e rabecas, Mestre Geraldo da Viola trabalhou por muitos anos como motorista de caminhão e na fabricação de carrocerias de caminhão e móveis. Ele só começou a se dedicar à artesanania de instrumentos musicais aos 50 anos de maneira autodidata, uma vez que não é músico e tampouco sabe afinar os instrumentos, e afirma que a recebeu de herança do bisavô, José Vieira. Ao longo dos anos, Mestre Geraldo não tem se furtado a passar seu conhecimento a todos aqueles que o procuram. À Feira na UFMG ele chegou há alguns anos, muito mineiramente, e conquistou a todos com seu jeito sereno e uma humildade cativante. Prestes a completar 73 anos em 2026, Geraldo da Viola se orgulha da família que construiu ao lado de sua esposa, Maria Helena, composta por cinco filhos, oito netos e uma bisneta, bem como por lhes deixar um legado de amor ao trabalho e à cultura.

25ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha UFMG – 2026

– Mestra Joana – Alto Lourenço, Turmalina

Maria Joana Rodrigues da Trindade – Nascimento: 1962

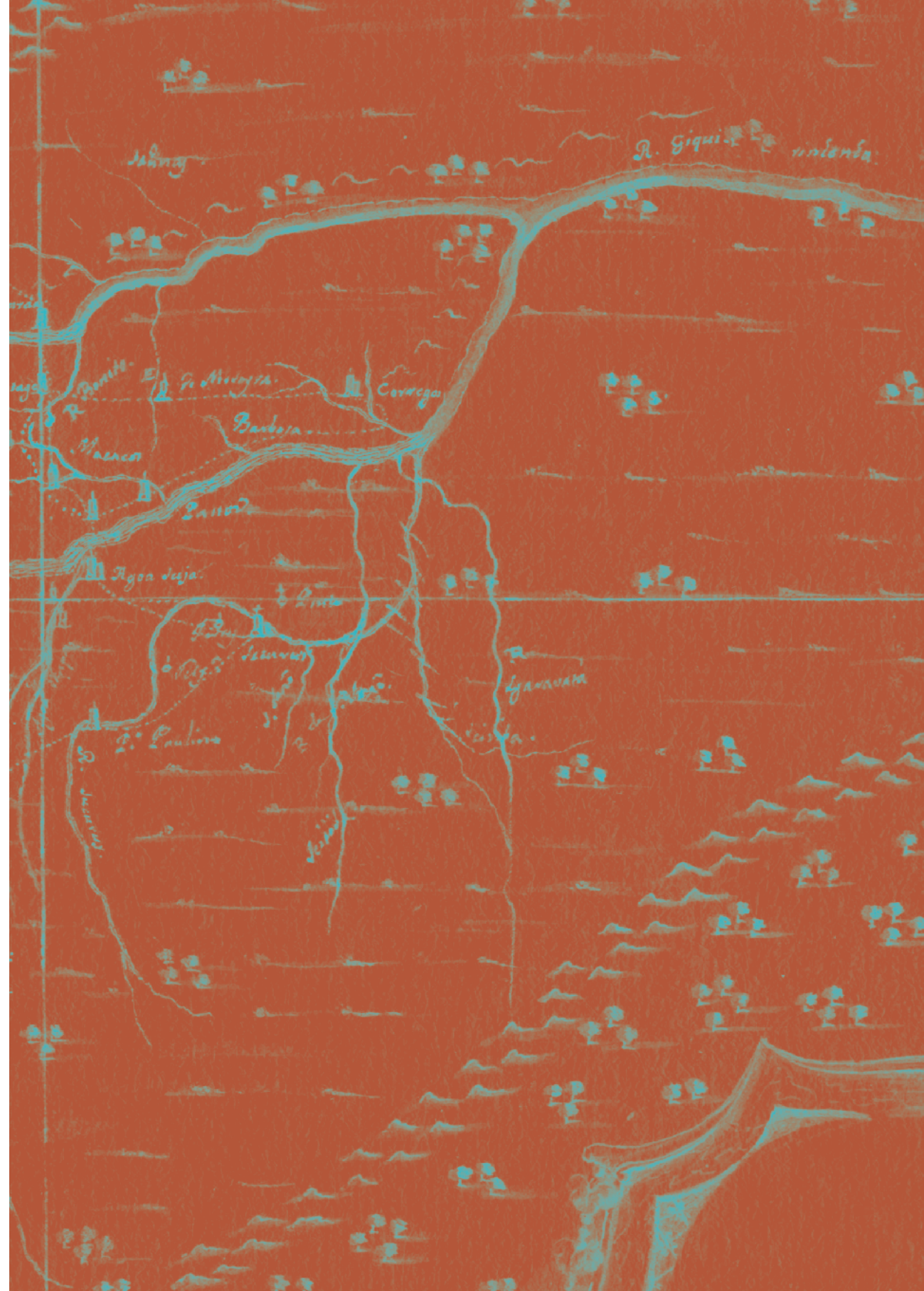
Mestra Joana está presente na Feira desde sua primeira edição, no ano 2000. Nascida numa família de lavradores, desde cedo ela ajudava os pais no plantio

de cana, arroz, milho, feijão e algodão, que a mãe fiava para fazer roupa para os filhos. A bordar, ela começou ainda menina, por volta dos 8, 9 anos de idade. Eram bordados ainda sem muita forma, que ela trocava por roupas e alimentos. Com o passar dos anos, aprendeu a tirar desenhos de livros e com o bordado foi criando seus oito filhos, que lhe deram sete netos.

Sempre entusiasmada, com uma palavra amiga e um sorriso no rosto, a querida Mestra Joana tem grande clientela, e suas peças estão hoje espalhadas em residências de diversos estados brasileiros e países como Itália, França e Portugal.

Com mais de cinco décadas dedicadas ao fazer e ensinar, Mestra Joana não se furta em transmitir seus conhecimentos, seja em oficinas realizadas em diversas feiras, seja na porta de casa, onde quem chega é sempre bem recebido. Com uma postura sempre positiva diante da vida, ela tem muita consciência da importância de seu trabalho, tanto para si e para sua equipe de seis bordadeiras quanto para levar o nome de sua cidade e do Vale aonde for, como pode ser comprovado neste seu depoimento à UFMG:

O nosso trabalho tem a cara de Turmalina. O nosso trabalho, quando é visto, já é sabido que é nosso, que é de Turmalina. Eu aprendi que parece que a fortaleza das mulheres do Vale é expressada no bordado e no trabalho delas. Certa vez, uma senhora me disse: “Oh Joana, você é forte demais, muito guerreira, forte demais, porque sair de turmalina, de ônibus, carregando esse monte de volume, você tem que ser corajosa demais.” A isso, respondi: “Eu não faço as coisas pensando que não vai dar certo não, eu penso que vai dar certo e acaba dando certo.”





ASSOCIATI
ASSOCIAÇÃO DAS ARTESANAS DE TAMBORÃO
www.grupomorearte.com.br
morearteassociati@hotmail.com
RUA RAMOS, 511 - FLORESTA COPOLANDIA
TAMBORÃO - SP - BRASIL
FONE: (11) 3845-2271
(11) 9117-8873
(11) 9041-7483































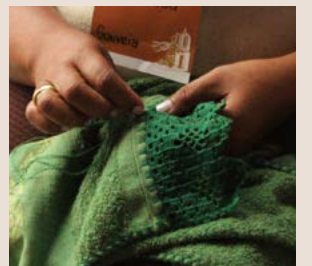




















**ENTRE O VALE E
A UNIVERSIDADE**
MEMÓRIAS DE 25
ANOS DA **FEIRA DE
ARTESANATO DO
JEQUITINHONHA**
NA UFMG

HOMENAGEADOS

- 2009 Mestra Duquinha
Mestre Ulisses Pereira
- 2010 Mestra Ana do Baú
Mestra Zefa
- 2011 Mestra Geralda
Mestra Zizi
- 2012 Mestra Izabel Mendes
Mestra Pretinha
- 2013 Mestre Antônio
Mestra Lira
- 2014 Mestra Noemisa Batista
Mestre Ulisses Mendes
- 2015 Mestre Valmir
Mestre Zé do Ponto
- 2016 Mestra Lia Borges
Mestra Vitalina
- 2017 Mestra Adelícia
Mestre Paulo
- 2018 Mestra das Dores
Mestra Teresinha Alves
- 2022 Mestra Elza Có
Mestra Gel Pataxó
- 2023 Mestre Frei Chico
- 2024 Mestra Isabel Mendes
- 2025 Mestre Gilson Alves
Mestre Geraldo da Viola
- 2026 Mestra Joana Trindade



Mestra Izabel Mendes



Mestre Antônio



Mestra Lira



Mestra Isabel Mendes



Mestre Frei Chico



Mestra Pretinha



Mestra Elza Có e Mestra Gel Pataxó



Mestre Ulisses Mendes



Mestra Duquinha



Mestra Zefa



Mestra Geralda



Mestra Zizi



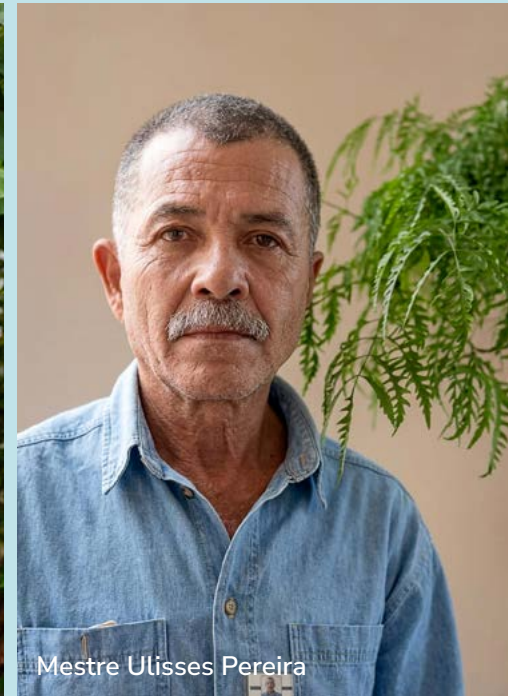
Mestra Ana do Baú



Mestra das Dores



Mestra Adelícia



Mestre Ulisses Pereira



Mestre Zé do Ponto



Mestra Terezinha



Mestra Lia Borges



Mestre Paulo Oliveira



Mestra Vitalina



Mestre Gilson Alves



Mestra Joana Trindade



Mestre Valmir



Mestra Noemisa Batista

PERSPECTIVAS EM FOCO:

O ARTESÃO, A ARTESÃ, A FEIRA, A ARTE, AS PESSOAS

Mestre Ulisses Mendes (Itinga)

Nossa cerâmica mostra a característica do Vale, o dia a dia do Vale, o que representa a mulher do campo, o homem do campo. É mais ou menos como se fosse um retrato do cotidiano: um retrato das pessoas, um retrato da vida, a expressão, o sotaque, a riqueza. Essa riqueza cultural, essa mestiçagem da cultura e do costume.

Armando Ribeiro (Padre Paraíso)

O que eu faço e acredito que muito dos meus amigos e conhecidos fazem é dar continuidade a esse grande rio de criatividade, cultura e resistência que é o Vale do Jequitinhonha.

Maria do Carmo Barbosa, artesã (Turmalina)

Eu já vim várias vezes; a Feira aqui é uma Feira muito boa, além de ser o encontro dos amigos do Jequitinhonha, porque aqui a gente encontra todo mundo, além de ser um ponto de venda muito bom. Eu trabalho com cerâmica há mais de 20 anos e tenho o prazer de ter uma filha que é artesã também e já ter passado esse conhecimento para ela. Para mim isso é um orgulho muito grande, eu tenho sempre essa preocupação de estar sempre repassando, porque o nosso artesanato é de tradição e a gente não pode deixar morrer essa história. Trabalho com todas as peças que a gente tem: bonecas, flores, vasos. Eu aprendi desde criança, minhas pecinhas de brincar de casinha eu fazia de barro, e isso ficou assim na memória. Aí eu cresci, fui aprender com a minha saudosa Tia Rosa, aprendi com ela os primeiros passos de como moldar, de como usar o oleiro, de como fazer o oleiro.

Marinha Costa, artesã (Almenara)

Nosso trabalho funciona assim: a gente trabalha para gente e trabalha também para quem se aproxima da gente, que precisa... a gente ajuda. A gente vende para gente, doa para aquelas pessoas que não podem comprar alguma coisa e que quer usar e precisa, ensina para quem quer aprender sem cobrar nada. Isso é um amor... passar nosso conhecimento para outras pessoas para que a história não acabe, não fique só na gente quando morrer. E o nosso trabalho, a gente compra a matéria-prima, tecido, linha, essas coisas, e transforma ela na arte, para ela poder entrar no artesanato, na sociedade. Então a gente tem prazer de fazer a peça colorida, para quando chegar aqui algum detalhe ter a ver com a sua casa, com a casa do outro ali, com o banheiro, com o quarto... E a gente trabalha e faz tudo: colchas, bolsas, panos de prato, capas de almofada, pecinhas pequenas, tudo enfim que a pessoa precisa... A gente trabalha com muito amor. E graças a Deus as pessoas que nos ajudam muito, nós já estamos bem hoje, graças a Deus, estamos participando da Feira aqui da UFMG, que é uma grande riqueza para nós. É uma data que a gente já fica em um ano e imaginando o que vai trazer no outro, como vai ser, porque é uma grande família.

Inaguimar Moreira, artesã (Itinga)

Meu trabalho vem hoje divulgando o nosso município, a nossa cultura de Itinga. É um trabalho todo feito manualmente, considerado um dos primeiros tipos de artesanato do mundo, que é a peça de gamela. A gente vem sempre expor aqui na Feira. Teve essa parada de dois anos, que não aconteceu a Feira em função da pandemia, mas sempre é constante para a gente. É muito bom estar aqui, a gente vem certo de que vai levar um dinheiro para casa, a gente pode vir certo disso, preparar o artesanato e vir. Porque a gente sabe que vai levar um dinheiro para casa, um dinheiro que vai ajudar e muito no nosso dia a dia a colocar comida na mesa de cada um que vem aqui. E considerando esse lado de reencontrar os amigos, então, a gente não tem nem uma explicação do quanto é bom. Porque a gente conseguiu a amizade ao longo do tempo, então aqui a gente tem a oportunidade de encontrar pessoas de quase todo o Vale do Jequitinhonha.

Mestre Antônio (Minas Novas)

Já andei fazendo alguns trabalhos aqui na Universidade... É fantástico. Fechando assim, com chave de ouro. Eu desço para o Jequitinhonha, naquela pontinha

lá embaixo, feliz e um pouco do meu coração aqui na Universidade eu deixo. Eu deixo um pedaço do meu coração e vou levando uma porção de coração da Universidade para lá também, porque alimenta a minha mente. A linha minha aqui do Jequitinhonha foi uma linha que veio de um passado, antes do finado, nosso saudoso Zumbi dos Palmares que veio de uma linha da escravidão, foi um grande defensor dessa classe, principalmente desse pessoal nos quilombos, essas histórias todas. E no meu Jequitinhonha tinha história do meu tataravô, bisavô, que vai e passa de pai para filho e acaba que eu entro nessa linha, que eu fui agraciado como mestre. Estou dando esse segmento, já até agora que eu estou nessa idade já chegando aos 80 e ainda estou fazendo essa compartilhã... eu não estou só compartilhando, eu também estou sendo compartilhado. É um colher e devolver, eu vou colher de você e estou devolvendo para você.

Nino Aras, artesão (Diamantina)

É um evento que todos os anos proporciona geração de trabalho e renda e uma oportunidade para os artistas mostrarem seus trabalhos e a cultura da nossa região. Eu participo da Feira desde 2015, coordenando o artesanato de Diamantina, e como músico eu me apresentei aqui pela primeira vez em 2010. Essa dualidade que eu trago “artesão/músico” ajuda a trazer uma projeção muito grande no meu trabalho e na representatividade que leva para todas as cidades do Vale do Jequitinhonha. A arte enquanto característica nossa do Jequitinhonha, ela também nos traz, ela é o nosso fator de sobrevivência, sobrevivência de várias famílias. Então, é muito importante que a gente tenha oportunidades como essa.

Altivo Barbosa Pinto, agricultor familiar (Padre Paraíso)

A nossa participação aqui começou em 2001, uma relação muito próxima com o Programa Polo Jequitinhonha da UFMG, que já atuava na região. Participamos trazendo nossos produtos na área da alimentação, como mel, doces, farinha, polvilho, própolis. A nossa participação tem sido muito boa, e a nossa relação com a UFMG tem sido uma parceria muito interessante e muito afirmativa no Vale do Jequitinhonha. Estão muito bons os nossos produtos esse ano. Que os moradores de Belo Horizonte e região venham participar, venham conhecer, venham conhecer a nossa história, a nossa história de produção, a nossa história geográfica, o nosso clima, porque tudo se baseia em uma produção muito natural da nossa região.

Mestra Joana Trindade (Turmalina)

A Feira é um lugar onde a gente não só vende, a gente encontra amigos, faz mais amizade. É um ponto de encontro e uma troca de experiência também. A Feira cresceu demais da conta, está uma Feira enorme de grande, com grupos diferentes. São do Vale, mas são pessoas que a gente não conhecia. Hoje a gente já conhece, fez amizade com todo mundo, aqui é uma família. É muito prazeroso trabalhar com o artesanato, é um trabalho que a gente faz com muito carinho, faz porque gosta também. Dá uns trocadinhos para nós, e não sou só eu que faço também não, eu tenho uma turma de mulheres que me ajuda a produzir essa quantidade de mercadoria que eu tenho. Meu trabalho é algodão tecido no tear, a gente fia o algodão, tece o pano no tear e depois aí já vem a minha parte, que é o ponto cruz; aí eu bordo, faço crochê, faço o ponto cruz. Aí eu faço capa de almofada, caminho de mesa, colchas, toalhas de mesa, tapetes e cortinas.

Quero mesmo agradecer, moça (Marizinha), e dizer que ninguém melhor do que você sabe o tanto que vocês aí, você com sua equipe, com sua turma toda, nos ajudou a desenvolver nosso artesanato. Eu não sei se você lembra, desde a primeira Feira, o envolvimento que vocês tiveram, desde o começo, com a gente para a gente sair daquela pobreza que a gente tinha. Hoje a gente fala com a boca cheia, a gente fala de vocês, da forma que vocês acharam para desenvolver nosso trabalho e mostrar para o mundo que a gente existe. Isso é muito importante para nós e nós estamos aí; o resultado disso é o crescimento de cada um de nós. Então, é muito bom a gente saber onde a gente pode apoiar, e para isso a gente já teve esse apoio, e está tendo, e que Deus abençoe que sempre nós vamos ter. Isso que valorizou nosso trabalho é força para a gente poder continuar na luta, trabalhando, fazendo coisa bonita, atendendo nossos clientes, agradecendo à clientela que a gente conseguiu; é muito importante para nós. Conseguimos melhores condições de vida para nós do Vale do Jequitinhonha. Graças a Deus, eu tenho condições de pôr uma comida melhor na mesa para meus filhos e dar um sustento bem melhor para os meus filhos. E atrás de mim, tem muitos, muitos, muitas pessoas que estão aí nessa luta de mostrar o trabalho, e eu me sinto realizada. Sonhos realizados, porque meu sonho era ver o artesão poder crescer e isso eu estou vendo através de vocês, principalmente de você, Maria Alice, Terezinha. Nossa, se a gente for citar, tem gente demais e vocês vêm vindo nos puxando para cima. Se nós não tivéssemos o apoio que temos, nós não estaríamos na altura em que estamos. E que Deus abençoe você, te dê muita saúde, muita paz, muita sabedoria que você já tem também, né? Que Deus te dê paz, não tenho palavras, que Deus abençoe você muito!

Serginho e Marizinha, em nome de vocês dois, eu agradeço toda a equipe da UFMG que contribuiu para que essa Feira acontecesse. Eu estou muito satisfeita com tudo, não só com a venda, porque dinheiro não é tudo, mas pelo carinho e respeito que cada um teve com a gente, artesãos do Vale do Jequitinhonha, e eu estou passando aqui para agradecer a todos. Que Deus abençoe todos, eu estou muito feliz de ter a honra de participar dessa Feira, desde o primeiro momento da Feira, a primeira Feira, nós estamos na 21ª Feira e eu ainda estou conseguindo participar, agradeço a Deus por tudo, agradeço a vocês, pela oportunidade para nós. Você pode ter certeza de que todos os artesãos do Vale do Jequitinhonha estão muito satisfeitos, é um ponto de encontro como a gente sempre fala, é um espaço família e de coração, eu estou muito satisfeita, Deus abençoe vocês todos, que Deus ilumine sempre que vocês possam contribuir sempre, e a gente podendo fazer a nossa Feira, nossos encontros muito felizes... eu estou muito satisfeita, muito obrigada, que a luz divina ilumine toda a equipe da UFMG, família, que proteja todas as famílias. Um abraço grande e que Deus abençoe!

Wilson Dias (músico)

Já tive o privilégio de participar por algumas vezes aqui da Feira, e a minha relação com o artesanato vem assim ainda no ventre da minha mãe, que fazia umas moringas bem legais de barro, para a gente poder preservar a aguinha fresca lá na roça. Isso remonta a essa história. a gente estar aqui parece que puxa o fio da meada. A Feira não é só o artesanato, traz memórias, traz seres vivos que nos remetem a uma história tão bonita e tão necessária para a gente aprender, reaprender a valorizar de onde a gente veio e o que a gente quer de verdade. A cultura popular, de modo geral, seja em todos os sentidos, no artesanato, na música, na literatura, ela é o maior patrimônio que o nosso povo brasileiro tem. Por que não dizer para o mundo? E a gente poder hoje estar aqui no meio do povo, cantando para o povo, reunindo as pessoas. Isso tem uma importância extraordinária, isso cura, isso salva.

Thiago Tomaz de Souza Chaveiro (Diretor de Artesanato Mineiro da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais)

É com imenso prazer, em nome da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Governo de Minas Gerais, que a gente consolida mais uma parceria na 21ª Feira do Artesanato Vale do Jequitinhonha com a Universidade Federal de Minas Gerais na Pampulha. Tenho certeza de que a gente passa de uma década de parceria, e a Feira, para mim, não só para mim, mas para todo mundo, tanto

os artesãos como os visitantes, ela já faz parte do calendário... Sentimos muito a ausência desses dois anos de pandemia, e essa retomada foi esperada por todos, e a gente já pensa ansiosamente que já está chegando de novo, que volta para o calendário oficial para maio do ano que vem. O estímulo dos artesãos e a ansiedade do público foram muito grandes, e a satisfação dos artesãos presentes está muito grande com a parte da comercialização. A gente fica muito feliz com isso, com a retomada da economia, principalmente nesse pós-pandemia, que a gente já começa a sentir que as coisas já estão voltando ao seu estágio natural e assim a gente torce que perpetue daqui para frente. A gente vê isso como uma oportunidade ímpar: a promoção e a comercialização do artesanato. A gente só tem a agradecer à Universidade por essa sensibilidade e essa oportunidade.

André Luiz Rezende Cruz (servidor da Procult/UFMG)

Tecer a arte. Relacionar-se com gente. A Feira do Vale do Jequitinhonha conecta a UFMG a um mundo de possibilidades no campo das artes. O processo de colaboração neste evento se coaduna ao contexto dos afetos, tão fundamental na aproximação e na relação com o produtor de artesanato.

O Vale, muitas das vezes noticiado às “margens” da economia mineira, não escapa de estar ao “centro” como polo rico em produção de arte. Participar de um evento como este não é agir com distanciamento profissional, ao contrário: é “fazer com” é “estar com”, numa premissa de fazer-se tocar pelo outro, fazer-se sentir sua gente tão amada.

Nesse sentido, é de fundamental entendimento que a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha, nas suas diversas edições realizadas na UFMG, é bem mais do que produção e geração de renda, é pulsação, é o encontro de sentimentos que transitam no abraço caloroso, no sorriso sincero, no bate-papo com seu povo e nas sensações que emergem nos dias de dedicação a este evento.

Mas tudo isso não caminha distante da ética, que é a linha primordial na condução de um trabalho coerente e de sistematização plural, promovido por uma equipe séria e comprometida com planejamento, comunicação, organização e logística de uma Feira que a cada ano se aprimora em vertentes de cuidado e respeito aos participantes. Além dessas questões apontadas, a Feira é hoje de fundamental importância no sentido de evitar o apagamento das origens populares e resistentes da nossa cultura, abrindo espaço para a notoriedade da produção artística e cultural do Vale do Jequitinhonha.

Rosângela da Silva Santos (servidora Procult/UFMG)

A Feira do Jequitinhonha UFMG representa o quê?

Oportunidade de mostrar parte do trabalho e da cultura desenvolvido no Vale?

Divulgação dos trabalhos de artesanatos realizados pelo Vale?

Propiciar aos artesãos uma forma de captação financeira mais real e certa?

Acho que representa muito mais que isso. Representa interação entre culturas, conhecimento, desenvolvimento, empatia, simpatia e principalmente experiências. A cada edição, aprendemos mais e adquirimos novas experiências com os feirantes. É impressionante a boa vontade de repassar ensinamentos, seja através de suas peças, seja pelos causos e conversas. Trata-se de um povo que utiliza sua sabedoria para emanar bem-estar, simplicidade e ao mesmo tempo grandeza. Grandeza de espírito, de vivência, de ter certeza de que mesmo com toda dificuldade esse trabalho vale a pena. E a razão disso é fazer o que ama, o que gosta e fazer bem-feito. Colocar em cada peça sua marca pessoal, sua forma de lidar com o material e com o processo de cada trabalho. Portanto, a Feira representa um evento muito diferente do que acontece durante o ano na UFMG. Sua especificidade ultrapassa os muros da Universidade, atingindo também o público externo. E este alcance não se trata só do ponto de vista de visitação, mas de forma geral, seja na constante ampliação do alcance que atinge, seja do ponto de vista do retorno financeiro. A originalidade do artesanato é a marca registrada da Feira do Vale do Jequitinhonha. E isso a torna mais atrativa sempre. Nós, que trabalhamos na produção deste evento, nos sentimos privilegiados pela convivência diária durante a semana e lamentamos sempre quando é hora de despedir. Mas temos o consolo de que no próximo ano teremos chance de adquirir mais conhecimento. Por outro lado, os artesãos podem ter a certeza de que a UFMG estará sempre à disposição para ajudar na divulgação do artesanato do Vale do Jequitinhonha na próxima edição.

Lúcia Fantinel (visitante)

Está linda aqui a Feira. Minha relação como professora que fui do Instituto de Geociências é de frequentadora e admiradora desse trabalho dos artistas e das artistas que aqui expõem. Acompanho desde as primeiras edições, inclusive as atividades artísticas, que muito aprecio também. Acho que a Feira fala muito de nós, fala muito de Minas e do seu povo. As artistas, os artistas que aqui expõem e vendem seus trabalhos, as suas obras, mostram para a gente uma relação dessas populações com seus territórios. Agora mesmo, estava conversando com

a Maria do Carmo, e ela me falava de como ela trabalha a argila próximo de onde reside para produzir o que está aqui exposto. Então para mim essa Feira fala muito de nós, de Minas, de nós mesmos, desses artistas, dessas artistas e de um importante papel de uma universidade pública federal, como a UFMG, na relação com as populações e seus territórios.

Fátima Valéria (visitante)

Eu estive pela primeira vez na Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha no ano de 2022. Achei muito interessantes os trabalhos, de muito bom gosto, diversificados, onde você pode apreciar, onde você passa ali pelo corredor e pode apreciar... Tem desde alimentação, como geleias, até bordados, trabalhos de escultura. Mostra bastante a variedade do artesanato da região. Uma outra coisa que achei bem bacana foi essa iniciativa da Universidade de ter um projeto de valorizar o trabalho daqueles artesãos de uma região do nosso estado. O local também onde acontece esta exposição, que é o espaço universitário, um espaço de cultura; isso você traz para os universitários, já que muitas vezes as pessoas não podem ir ao Vale. Você traz trabalho dessa região para que pessoas de outras localidades possam apreciá-lo.

Giselli M. (bolsista)

Se o artesanato é uma celebração das formas e dos signos, um tipo de festa do objeto, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha foi, para mim, em 2018, quando integrei como bolsista a equipe de produção do evento, uma festa da memória como coisa tangível, da beleza como matéria crua e multiplicada, do trabalho como tempo contínuo.

Nesse movimento de desdobrar as definições tantas vezes rasas da palavra, a Feira e os seus protagonistas trouxeram à tona as membranas culturais, sociais e econômicas que envolvem o ofício e me ensinaram o que é artesanato.

Quatro anos depois, revisito os cenários, os nomes e as histórias moldadas pelas mãos de seu João, de seu Ulisses, de dona Izabel, reconstruo a geografia dos fios entrelaçados por Joana e entendo mais uma vez que o Vale do Jequitinhonha é esse lugar em que a criação é sagrada e, sobretudo, é um gesto assombrosamente terreno, humano.

Camila Magalhães (bolsista)

Para escrever este relato, revisei fotos e vídeos que fiz na minha viagem ao Vale do Jequitinhonha em 2017 pelo Projeto Saberes Plurais. Fomos eu, Terezinha e Cida serpentear pela região, visitando as moradas daqueles que criam os tão conhecidos artesanatos de Jequitinhonha. As cores, os cheiros, os sorrisos e os abraços hospitaleiros vivenciados nos seis dias de viagem inundaram a minha memória. Não por acaso, duas memórias construídas junto a duas mulheres da região são as que mais enchem meu coração de saudade.

Dona Adelícia Amorim, bordadeira de Almenara, foi uma das artesãs homenageadas na Feira daquele ano. O quintal de sua casa, maior que o mundo, como diria Manoel de Barros, nada mais é que uma extensão de sua aura. Flores, frutas e borboletas coloreem aquele universo, e daí entendemos que a beleza de seus bordados corresponde à beleza com que Adelícia olha para o mundo. Ainda trazendo Manoel de Barros, “a gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor”.

E é como acontece com Dona Adelícia: amor pelas cores, pelo bordado, pela família, amor em fazer o bem. Amor presente em tudo o que faz, como aquele delicioso bolo que ela fez para nos receber, o famoso “fiz um bolinho simples aqui pra gente tomar um cafezinho”. Bolo que me inundou de carinho em forma de gostosura e que guardo tão saudosamente na memória.

Também pelo paladar me inunde de amor por Lena, de Padre Paraíso. Já se passaram seis anos, mas até hoje considero Lena uma amiga querida. Alimento o desejo de um dia poder voltar à sua casinha para comer novamente seu frango ensopado e colher, em seu quintal, as mexericas que nos alimentaram por dias ao longo da viagem. Enquanto Adelícia transpõe seu quintal nas linhas dos bordados, Lena o transpõe nos mais deliciosos quitutes. Não me esqueço dela, cheia de orgulho, nos mostrando como estavam os preparativos para a Feira naquele ano: polpas de fruta congeladas para as geleias, farinha e urucum moídos, embalagens compradas e estocadas. Suas delícias têm fama, e não é raro que ela venda todo seu estoque antes que a Feira termine.

Trago essas lembranças, pois elas simbolizam o que de mais valioso aprendi naquele tempo. Vivenciar a Feira enquanto bolsista e poder viajar ao Vale me fez compreender que a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG é muito mais do que artesanato: ela é sobre pessoas. Pessoas que despejam energia, amor e dedicação naquilo que dá sentido às suas vidas, que é o artesanato.

Longe de mim fazer romantizações – esse projeto traz renda e sustento para as pessoas envolvidas, o que é de extrema importância. Mas saibamos também reconhecer a potência dos afetos, das conexões e do bem-querer.

Vida longa à Feira de Artesanato do Vale na UFMG!

Rogério Botter (bolsista)

Minha experiência com o Vale do Jequitinhonha foi transformadora. Como pesquisador de Cultura e aluno do curso de Artes Visuais da UFMG, minha ideia de arte era uma, antes de ser contemplado com a bolsa de pesquisa Saberes Plurais, e outra depois.

Em agosto de 2018, tive a oportunidade de trabalhar como bolsista que viria a desenvolver as tarefas de *social media*, *designer* gráfico, ilustrador, *videomaker* e contribuir com várias outras funções no escritório do Projeto Saberes Plurais, na Biblioteca Central da UFMG. Em uma equipe com várias forças, senti que poderia contribuir com o meu olhar e minha bagagem cultural adquirida no curso da Belas Artes. Descobri que o que eu viria a aprender seria muito mais rico do que eu poderia imaginar. Fui apresentado ao Vale do Jequitinhonha, por meio de fotos e vídeos da equipe de bolsistas anterior. Fiquei fascinado com a possibilidade de poder participar da nova geração de bolsistas e de conhecer e registrar aqueles mestres e mestras para as gerações posteriores. Naquele período, minha concepção de arte mudou. Aprendi que a arte no Vale é uma arte colaborativa, comunitária, transmitida. Essa era diferente da que eu conhecia. A minha era individual, ensimesmada, exclusiva. Essas características me incomodavam e me fizeram questionar minha profissão como artista. Aprender como a arte do Vale do Jequitinhonha é algo ensinado, compartilhado e construído em comunidade foi o que me motivou a seguir o meu sonho.

Madeleine Iracema (bolsista)

No ano de 2016, me candidatei para a vaga de bolsista no Programa Polo Jequitinhonha da Universidade Federal de Minas Gerais. Enquanto escrevia a minha Carta de Intenção, formulava um texto que buscasse expressar os motivos que me moviam a atuar no Programa. Aquela jovem universitária compreendia a riqueza da ancestralidade africana e dos povos originários que habitaram e habitam no sertão mineiro.

Hoje, relendo esse documento, em minha memória passa um filme daquela época, como a arte e oralidade do Vale foram apagadas dos meus livros de escola. O pouco que eu conhecia da região estava nos noticiários estigmatizados pela extrema pobreza e descaso público.

A alegria e o desejo de mundos diversos me chamavam para a aventura desde o primeiro contato com a equipe da Feira; eu admirava os bastidores, era um lugar de enfrentamento e afeto. As pessoas conduziam o evento com unhas e dentes, ofícios para planejar, manter e executar a 16ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG. Contribuímos muito como bolsistas; a tarefa de que eu mais gostava era entrar em contato com as artesãs e os artesãos, 45 associações de 23 municípios. O exercício de dialogar com os jequitinhonhenses me tirava da zona de desconforto, pois elas e eles eram bastante amáveis, que o trabalho se fazia por si só. Havia as especificidades do território. Como muitas e muitos moravam na zona rural, o acesso à internet e telefonia eram dificultados.

O Vale do Jequitinhonha que eu conhecia através dos olhares de todas as pessoas envolvidas, à medida que a Feira se aproximava, eu conseguia enxergar por mim mesma. Naquela Feira eu conheci o pedacinho do Vale representado por várias pessoas, em sua maioria grandes mulheres, recitando a sua poesia potencializada pela vivência de barro, sempre-viva e bordados transformados em saberes geracionais.

Ridalvo Felix de Araujo (bolsista)

Ser/Tão com os Povos do Vale! Amor e calor, gaitadas e expressões de vidas pela criação com o barro, a madeira, o crochê, a fibra da bananeira, o tecer... e tantas outras formas e componentes que, pelas tecnologias desenvolvidas no Vale do Jequitinhonha, constituem uma diversidade que me (en)cantou e (en)canta. Sim! Além de tudo isso e muito mais, o Vale é e sopra cantos!

Uma região civilizada por povos originários e africanos que, ao longo dos séculos, manteve e recriou sua existência pelas formas de compartilhar o dia a dia. Os povos do Vale me proporcionaram um caminho diferente de sentir Belo Horizonte desde 2014. Como nordestino advindo do Cariri, localizado no sul do Ceará, que chegou aqui em Minas Gerais no ano de 2011, comecei a perceber que poderia ser alimentado pelo axé (energia vital) durante o mês de maio de todo ano. O amor e o calor, as expressões de vida do Povo do Vale se mostraram semelhantes e tão próximos do que é ser caririense do Ser/Tão nordestino, que o meu reencontro com o Vale em Belo Horizonte foi como estar com o meu Cariri em Minas. Afetos, abraços,

alegrias, pinturas, amores, descobertas e a espera para o mesmo encontro no ano seguinte passaram a fazer parte do que eu colhia e cuidava pelo resto do ano. Sou grato, Povos do Vale, por tudo o que vocês me fizeram sentir e viver até o dia de hoje!

Pelas terras, matas e chão, Água que nos alimenta
E convoca o poder da criação,
Agradeço ao Vale e aos seus Povos por me fazer re-viver meu Ser/Tão.

Nayara de Oliveira Santos (bolsista)

A experiência de trabalhar na Feira do Jequitinhonha foi, para mim, um resgate às minhas raízes. Nascida em São Paulo, filha de mãe paulistana e pai mineiro, tive um pedaço das minhas origens no Vale do Jequitinhonha (Almenara). Pelo fato de ter sido criada longe de minha família paterna, até então essas memórias ancestrais estavam adormecidas. Nesse sentido, a Feira assim como o Programa Saberes Plurais foram fundamentais em minha trajetória de despertar em mim a busca com essa conexão.

É de se notar o importante papel da Feira como uma experiência cultural enriquecedora, em amplo sentido, pela valorização do artesanato como fonte de renda para as regiões locais do Vale, pela emancipação de mulheres artesãs que estiveram presentes e são peças fundamentais para os eventos, entre outros fatores.

Meus agradecimentos à UFMG por meio da Pró-Reitoria de Extensão, ao Programa Saberes Plurais, Polo Jequitinhonha, à Diretoria de Governança Informacional e à Diretoria de Ação Cultural da UFMG, por possibilitarem essa experiência. Agradeço, em especial, a Cida, Terezinha e Marizinha, que, durante esse processo, foram mais que coordenadoras: com olhares sensíveis e cuidadosos, elas nos guiaram diante desse processo de forma horizontal, humana e democrática, estreitando laços entre os artesãos e toda a equipe. Toda a experiência foi fundamental para minha formação enquanto pesquisadora de tradições/saberes populares, bem como para uma formação humanitária.

Levo comigo memórias doces, de leveza, muito encanto e beleza desses artistas de diferentes gerações e regionalidades com suas obras, as riquezas de Minas Gerais. Memórias essas marcadas por seu Ulisses e João Alves com seus contos encantadores, Armando Ribeiro e suas obras transcendentais, a serenidade de seu Gilson e família, a doçura de dona Lena, a beleza e espiritualidade dos indígenas Aranã, Pankararu-Pataxó, entre muitos outros artistas que fizeram e continuam fazendo história.

A Feira consolidou-se como espaço de aprendizagem e de circulação de saberes, com atividades realizadas em diferentes ambientes de formação, convivência e produção cultural. Para além da Praça de Serviços da UFMG, onde a Feira tradicionalmente ocorre, mestres e mestras conduziram oficinas, visitas e aulas abertas em outros pontos do Campus Pampulha, entre eles, a Biblioteca Universitária e a Escola de Belas Artes.

Essas experiências aproximaram artesãs e artesãos, estudantes, pesquisadores e demais integrantes da comunidade. O contato direto favoreceu o compartilhamento de conhecimentos e abriu novas possibilidades de diálogo entre os saberes tradicionais e acadêmicos.

DESAGUAR SABERES

TEREZINHA MARIA FURIATI

Oficinas

Ao longo de suas edições, a Feira promoveu as seguintes oficinas:

Pigmentos naturais para algodão e argila (9ª Feira / 2008): ministrada por Joice Saturnino, professora de Arte da Fibra da Escola de Belas Artes, para as artesãs e os artesãos participantes da Feira. A atividade ocorreu na Escola de Belas Artes da UFMG.

Processo tradicional da produção cerâmica – da modelagem à queima (9ª Feira / 2008): ministrada pelo Mestre Ulisses Mendes, do município de Itinga, aberta à participação de todos que se interessassem. A oficina aconteceu na Praça de Serviços, durante a Feira.

A taboa e suas diversas possibilidades (9ª Feira / 2008): ministrada por Gilson Alves Menezes, da comunidade da Estação da Luz, município de Itaobim. Aberta ao público, a atividade foi realizada na Praça de Serviços durante a Feira.

Tecelagem em diferentes teares (10ª Feira / 2009): duas oficinas ocorreram simultaneamente durante todo o período de funcionamento da Feira. Na primeira, artesãs de Berilo trabalharam com seus próprios equipamentos e materiais, entre eles tear de baixo liço, navetes, algodão pardo e algodão tingido com pigmentos naturais. A segunda foi conduzida pela professora Joyce Saturnino e por bolsistas da Escola de Belas Artes, com tear de alto liço e experimentações de pontos e materiais. As atividades percorreram todas as etapas da tecelagem, desde a montagem do tear e da urdidura até a retirada e o arremate do tecido. Participaram artesãs e artesãos expositores, além de integrantes da comunidade universitária.

O fazer tradicional cerâmico do Vale do Jequitinhonha (10ª Feira / 2009): ministrada pelo Mestre Ulisses Mendes, do município de Itinga, para estudantes da Escola de Belas Artes e artesãs e artesãos expositores. A oficina ocorreu na própria Escola.

Técnicas diversas utilizadas na fabricação cerâmica (10ª Feira / 2009): ministrada por João Cristelli, professor de cerâmica da Escola de Belas Artes, para artesãs e artesãos participantes da Feira. A atividade também foi realizada na Escola.

O bordado como contrapartida (11ª Feira / 2010): ministrada pela artesã e artista Maria Amélia Martins Guimarães, filha de Adalgisa Martins Guimarães, grande bordadeira do município de Jequitinhonha. Voltada às artesãs e aos artesãos expositores, a oficina tomou o bordado como ponto de partida para a criação de estandartes e se constituiu como espaço de experimentação coletiva.

Fortalecimento do associativismo e produção cultural (12ª Feira / 2011): conduzida pela equipe da Diretoria de Ação Cultural (DAC) e destinada às artesãs e aos artesãos participantes. A atividade ocorreu na Biblioteca Universitária, no Campus Pampulha.

Artesanato cooperativo: fortalecimento do associativismo para o desenvolvimento da produção artesanal no Vale do Jequitinhonha (13ª Feira / 2012): ministrada por Terezinha Furiati nos municípios-polo de Diamantina, Itaobim e Turmalina.

Trançado em couro na confecção de banquinhos (13ª Feira / 2012): ministrada pelo Mestre Zé do Ponto para um grupo de alunos da Escola Saci, de Juiz de Fora, em visita previamente agendada.

Bordado livre (17ª Feira / 2016): ministrada por um grupo de voluntárias do Sesc Floresta, na Praça de Serviços.

Bordado (18ª Feira / 2017): ministrada pela Mestra Adelícia Amorim Rocha (Almenara), na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

Taboa (18ª Feira / 2017): ministrada pelo artesão Gilson Alves, de Itaobim, na Faculdade de Ciências Econômicas.

Aulas abertas

Na 14ª Feira, realizada em 2013, a Escola de Belas Artes recebeu quatro aulas abertas:

Cores e formas da terra: ministrada pela Mestre Maria Lira Marques, de Araçuaí.

Contos e cantos: a cultura musical do Vale do Jequitinhonha: ministrada pelos Mestres Maria Lira Marques e Antônio Luiz de Matos, de Minas Novas.

Artesania de objetos sonoros e a escuta da natureza: ministrada pelo Mestre Antônio Luiz de Matos.

A cultura musical das crianças em Araçuaí: ministrada pela Mestra Maria Lira Marques.

Visitas, exposições e encontros

Em várias edições, a Feira recebeu instituições de ensino e grupos de mulheres, que se inscreviam nas oficinas ou solicitavam visitas guiadas. Participaram dessas atividades a Escola Municipal de Educação Infantil Alaíde Lisboa e a Escola Municipal de Educação Infantil Maria Sales Ferreira, ambas de Belo Horizonte; o Centro Pedagógico da UFMG, presente em diferentes oficinas; e a Escola Saci, de Juiz de Fora.

A programação abrigou ainda exposições fotográficas. Na 14ª Feira, em 2013, “Vale: Vida” apresentou imagens de Lori Figueiró. No ano seguinte, durante a 15ª edição, “Noemisa: Vida e Obra” reuniu registros de Foca Lisboa, Vilmar de Oliveira e Lori Figueiró.

Para receber as mostras, foi criado um espaço próprio na Praça de Serviços, integrado à Feira. O local também acolheu o **Bate-papo com os Mestres e artesãos**, sessões de exibição de DVDs e outras atividades dedicadas aos artistas populares do Vale.

Registros e lançamentos

A partir de 2012, com a aprovação do Programa Saberes Plurais no Edital Proext/MEC/SESu, bolsistas e integrantes da equipe passaram a registrar a trajetória dos mestres de ofício do Vale do Jequitinhonha. O trabalho desenvolvido pelo programa, em articulação com o Projeto Artesanato Cooperativo, documentou 16 mestres e deu origem a uma coleção de cartões-postais. Concluída em 2015, a coleção foi lançada oficialmente durante a 17ª Feira, em 2016.

A publicação reúne todos os mestres homenageados pela Feira até aquele momento, além de outros artesãos reconhecidos pela excelência de seu trabalho, mas que ainda não haviam recebido a homenagem da UFMG. A programação também incluiu o lançamento de DVDs dedicados aos mestres homenageados e de produções audiovisuais sobre o Vale:

Documentário Os Meninos e o Boi (15ª Feira / 2014): produção sobre o município de Rubim.

Documentário Yékity, de Marco Diniz (20ª Feira / 2019): poema visual no qual a vida no Vale do Jequitinhonha é contada, fio a fio, por seus habitantes.

Na avaliação das próprias artesãs e dos próprios artesãos, o conjunto dessas iniciativas ajudou a fazer da Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG seu principal espaço de divulgação e comercialização.

ARTESANATO EM TEMPOS PANDÊMICOS: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DO PROGRAMA POLO JEQUITINHONHA

DANIEL REIS SILVA
BÁRBARA EMÍLIA RIBEIRO DA SILVA
BÁRBARA PAIXÃO DE ALENCAR
DAYANNE GOULART CORTEZ
LAURA RIBEIRO MELO
LUIDY SIQUEIRA SANTOS

Daniel Reis Silva Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UFMG. Coordenador do Projeto Suporte de Comunicação do Programa Polo Jequitinhonha. | **Bárbara Emília Ribeiro da Silva** Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. | **Bárbara Paixão de Alencar** Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. | **Dayanne Goulart Cortez** Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais. | **Laura Ribeiro Melo** Graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal de Minas Gerais. | **Luidy Siqueira Santos** Graduando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Realizada anualmente desde 2000, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG tornou-se uma das principais oportunidades para artesãos da região divulgarem e comercializarem seus trabalhos. A Feira concretiza parcerias com os municípios e os artesãos, buscando fortalecer o associativismo, e conta anualmente com um público de aproximadamente 15 mil pessoas que entram em contato com a produção de mais de 90 artesãos da região. Considerando o artesanato como estratégia para geração de renda, o Programa Polo Jequitinhonha entende a iniciativa como um passo fundamental para reforçar a atuação autônoma daquela população.

Esse alcance, no entanto, sempre dependeu do encontro. Como pensar a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha sem o encontro entre diferentes realidades e cores, sem os artesãos e a troca com o público, sem a descoberta de peças, as homenagens, os momentos festivos e as solenidades que marcam e conferem identidade ao evento? Em outras palavras, como imaginar a Feira sem a presença, sem a sociabilidade direta, as trocas de afeto e conhecimento? Eram essas as perguntas que ocupavam o centro das preocupações do Programa Polo Jequitinhonha após o cancelamento da edição 2020 da Feira de Artesanato, em decorrência das medidas de isolamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde como forma de enfrentar a pandemia de covid-19. Em um momento marcado pelas incertezas globais e pelo medo, nosso desafio era pensar formas de mitigar os danos da ausência de eventos para o artesanato do Vale.

Se, por um lado, o mundo caminhava para uma acelerada adoção da lógica digital como forma de lidar com o isolamento social, por outro, o Programa era confrontado com uma realidade distinta: muitos dos artesãos e associações parceiras ainda não dispunham dos recursos e conhecimentos necessários para acompanhar esse movimento.

Frente a esse cenário, o Programa realizou um diagnóstico¹ das dificuldades enfrentadas pelas artesãs, pelos artesãos e pelas associações. Os resultados orientaram duas frentes de trabalho: estimular a comercialização do artesanato do Vale no ambiente digital e ampliar o conhecimento das associações sobre o funcionamento e o uso das plataformas, de modo a fortalecer sua autonomia em longo prazo. Dessas diretrizes surgiram duas ações: a **Mostra Virtual de Artesãos** e os **Tutoriais Polo de Internet para o Artesanato**.

¹ SILVA, Daniel Reis; HENRIQUES, Márcio Simeone. **Públicos em movimento**: comunicação, colaboração e influência na formação de públicos. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Diagnóstico de um cenário pandêmico

Em conjunto com a Diretoria de Ação Cultural, atualmente Pró-Reitoria de Cultura, o Programa Polo decidiu focar as etapas seguintes do diagnóstico na compreensão sobre como a pandemia estava afetando a vida e os negócios desses públicos com os quais foram construídos, durante décadas, um relacionamento forte.

O levantamento combinou contato telefônico direto e um questionário com perguntas quantitativas e qualitativas. Durante duas semanas de agosto de 2020, a equipe realizou ligações orientadas por um roteiro previamente definido. A pesquisa abordou desde aspectos pessoais – “Como você está conseguindo se manter nesse período?” – até as estratégias utilizadas para divulgar e comercializar os trabalhos. Os participantes também foram convidados a sugerir formas de apoio que o Programa poderia oferecer naquele momento. Muitas respostas apontaram para a necessidade de ampliar a presença digital e criar uma feira virtual de artesanato.

Finalizada essa etapa, a análise dos dados revelou duas questões centrais. A primeira era a necessidade de dar maior visibilidade ao artesanato do Vale. Até então, a comercialização dependia principalmente das feiras presenciais e das lojas mantidas pelas associações, ambas duramente afetadas pela pandemia. Muitos entrevistados descreviam a situação como extremamente grave e buscavam alternativas no ambiente virtual para continuar vendendo. Poucas associações, contudo, dispunham de canais digitais estruturados. Mesmo aquelas presentes no Facebook ou no Instagram ainda encontravam dificuldades para comercializar seus produtos por essas plataformas.

A segunda questão estava diretamente relacionada à primeira: a dificuldade dos artesãos de lidarem com tecnologias digitais. Constatou-se tanto limitações da infraestrutura tecnológica no Vale, na medida em que parte significativa da população reside em zonas rurais que possuem acesso precário à internet, quanto a falta de preparo e conhecimento dos sujeitos envolvidos para lidar com estratégias digitais de venda, especialmente ao redor de questões logísticas e operacionais. Dessa forma, a pesquisa confirmou uma hipótese de baixa competência digital por parte daquele público – considerando a competência digital como “conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes, estratégias e sensibilização de que se precisa quando se utilizam as TICs e os meios digitais para realizar tarefas, resolver problemas, se comunicar, gestar informação, colaborar, criar e compartilhar conteúdo.”² Parte significativa dos entrevistados demonstrava interesse

e já buscava ingressar nesse ambiente para reduzir os impactos da pandemia sobre a geração de renda. Ao mesmo tempo, relatava dificuldades e insegurança diante de tecnologias com as quais ainda tinha pouca familiaridade.

Para complementar esse diagnóstico, foi necessário um olhar crítico e atento também para as nossas próprias capacidades de ação em um ano atípico e pandêmico. Nesse sentido, era fundamental reconhecer que as equipes do Programa Polo não poderiam estar fisicamente no Vale, o que dificultaria sobremaneira esforços de coleta e articulação de iniciativas. Para um programa alicerçado na construção conjunta e na troca constante de conhecimentos, no qual é habitual a atuação em campo, essa limitação era impactante. Mais ainda, era preciso considerar o corte de recursos para o ensino superior ocorrido no Brasil, o que limitava ainda mais o escopo de nossa atuação e o universo de possíveis ações. Nesse panorama, a ideia de uma Feira virtual, por exemplo, se revelava impossível de ser executada, com desafios logísticos e tecnológicos que a atual equipe do Programa não conseguiria resolver sem uma articulação fina com os artesãos do Vale e uma preparação ampla. Perante a gravidade do problema imediato, uma solução cara em longo prazo não era viável. Ao contrário, era necessário algo específico e rápido, que mitigasse os riscos iminentes.

Com base em um mapeamento de públicos do Programa, que incluía artesãos, associações, moradores do Vale do Jequitinhonha, órgãos municipais de cultura do Vale e a comunidade acadêmica da UFMG, e dentro de um horizonte possível de atuação, o Programa Polo optou por planejar suas ações ao redor de dois conjuntos de públicos. O primeiro era composto pelos artesãos e associações de artesanato que tentavam adentrar nos meios digitais, superando entraves e dificuldades diversas, tanto de estrutura tecnológica quanto de conhecimento. O segundo grupo era composto pelos sujeitos que acompanham as ações do Programa Polo e a comunidade acadêmica da UFMG, em geral, concentrados em Belo Horizonte e já sensibilizados para questões acerca da cultura do Vale. Esse grupo correspondia a uma parcela importante do público que tradicionalmente frequentava a Feira, adquiria as peças e mantinha contato direto com seus criadores.

Perante esse diagnóstico, foi desenhado um planejamento estratégico centrado em duas diretrizes: a) ampliar a visibilidade do artesanato do Vale do Jequitinhonha em um ano pandêmico, no qual as feiras presenciais não ocorreriam; e b) apoiar artesãos e associações na criação ou no fortalecimento de sua presença digital, inclusive para a comercialização dos produtos. As mídias digitais foram compreendidas como instrumentos de comunicação e mobilização capazes de aproximar esses dois grupos e sustentar, ainda que de outra forma, o caráter participativo das ações do Polo.

2 FERRARI, A. **Digital competence in practice**: an analysis of Frameworks. Sevilla: JRC IPTS, 2012.

Tais diretrizes resultaram em duas iniciativas complementares, executadas no segundo semestre de 2020: a **Mostra Virtual de Artesãos** e os **Tutoriais Polo de Internet**. A primeira divulgava artesãs e artesãos independentes, mestras e mestres de ofício e associações, buscando alcançar possíveis compradores. A segunda oferecia orientações sobre o uso das ferramentas digitais, com o propósito de ampliar a autonomia dos participantes e suas possibilidades de comercialização.

A Mostra Virtual de Artesanato do Vale do Jequitinhonha

Propondo-se como uma das frentes de atuação do Polo, de modo a ampliar os canais de comunicação e divulgação do artesanato do Jequitinhonha, a Mostra Virtual configurou-se como uma série de publicações sistematizadas e orientadas para a divulgação semanal de artistas e associações do Vale nas redes sociais, como Instagram e Facebook, e no site do Programa Polo. A iniciativa de manter presente a cultura material do Vale nos meios digitais a partir da divulgação virtual é vista como um potencial fator de fomento à movimentação econômica da renda dos artesãos, de resgate à troca de conhecimentos e de incentivo às relações comerciais entre artesãos e clientes, preservando as relações culturais e de subsistência regional diante da situação pandêmica global. Nesse sentido, as diretrizes de planejamento e execução da Mostra Virtual seguiram três processos-chave: a) definição dos critérios de postagens; b) coleta e tratamento dos dados obtidos e c) publicação dos materiais.

Em um primeiro momento, determinaram-se quais informações seriam destacadas na Mostra. As mestras e os mestres de ofício da região foram listados e, em seguida, tal lista foi complementada com as principais associações de artesanato do Vale. A ideia era apresentar breves informações sobre o artesão/associação trabalhado, fotos de suas peças e meios de contato para compra dos produtos. Com base no planejamento de reuniões remotas semanais, definiu-se a divulgação de dois artesãos e/ou associações por semana. As postagens seriam realizadas a partir das peças e influências culturais dos artesãos selecionados, utilizando para isso os canais de comunicação já estabelecidos do Programa Polo: sua página no Facebook, seu perfil no Instagram e seu site oficial.

Definidos os critérios de postagens e a agenda de divulgação, passou-se para a segunda etapa do projeto: a coleta e o tratamento de materiais para a confecção dos *posts*. Essa etapa se mostrou desafiadora pela dificuldade de contato com artesãos e pela escassez de materiais de qualidade para a divulgação. A coleta

foi estruturada a partir de contatos realizados por Whatsapp e/ou ligação telefônica e buscava conseguir uma média de 4 a 10 fotos e/ou pequenos vídeos que fossem ilustrativos dos trabalhos dos artesãos, capazes de despertar o interesse e a paixão dos diferentes públicos alcançados pelos conteúdos.

Além do material audiovisual, foram recolhidas inscrições textuais curtas para apresentar, de maneira objetiva e contextual, quais são as influências, origens e atuações dos agentes artísticos selecionados. Para tal feito, foram realizadas entrevistas com os artesãos e mestres de ofício. Essas informações foram complementadas com conteúdo textual e imagético derivado de outras ações do Programa Polo nos últimos anos, como o projeto Saberes Plurais. Assim, foi possível montar uma base de dados com informações reunidas e atualizadas sobre o artesanato no Vale do Jequitinhonha, ampliando a presença digital de associações e mestres da região a partir da inter-relação entre os projetos digitais já realizados pelo Polo.

Contando com publicações semanais simultâneas nas três plataformas assinaladas, os materiais da mostra virtual foram postados na quarta e/ou sexta-feira. Todas as postagens foram feitas em dias letivos e em horário comercial, entre 12h e 18h, visto que o potencial de alcance e visualização tende a ser maior. Definidos horários, dias e sequência das publicações, todos em uma ordem lógica e voltada para o impulsionamento e a divulgação dos saberes do Vale, os conteúdos começaram a ser postados em agosto. No total, foram realizadas 28 postagens de mestres de ofício e/ou associações de artesanato, abarcando 18 municípios das regiões do Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha.

Tutorial Polo de Internet para o Artesanato no Vale do Jequitinhonha

Durante o processo de diagnóstico, foram observadas e catalogadas diversas dificuldades de artesãos e associações acerca de acesso e utilização de plataformas online. Em especial, detectou-se uma grande defasagem de conhecimento técnico específico na população de idade mais avançada, que apontava que a realidade das redes digitais ainda era muito distante de seu cotidiano.

A segunda frente de nosso planejamento estratégico para o contexto pandêmico, que visava minimizar esses problemas, foi nomeada Tutorial Polo de Internet para o Artesanato no Vale do Jequitinhonha. A iniciativa visava produzir e distribuir pequenos tutoriais, em formato de pílulas de vídeo compartilhadas pelo WhatsApp e pelo Youtube, com o objetivo de auxiliar o uso das tecnologias e das mídias digitais pelo setor do artesanato do Vale. Com conteúdos

diversos, as pílulas abordavam desde questões simples, como conectar o celular na internet e utilizar o WhatsApp, até conteúdos mais avançados, que envolviam a criação de lojas virtuais, as estratégias para divulgação nas diferentes redes e a utilização de plataformas de pagamento, como o PayPal, para efetuar transações pela internet. Grande parte desse conteúdo foi levantado durante o processo de diagnóstico, apontado pelos próprios sujeitos como defasagens a serem superadas.

Em termos de sua distribuição, optou-se por priorizar uma estratégia de contato direto via WhatsApp, na medida em que essa emergiu como a plataforma mais utilizada pelos artesãos em nossa pesquisa diagnóstica. Apesar de trabalhosa, essa distribuição trazia benefícios diversos, permitindo o fácil encaminhamento por parte daqueles sujeitos para suas redes de conhecidos, além da facilidade de encontrar o conteúdo em momentos futuros, algo que muitas vezes é complexo em plataformas que enfatizam linhas do tempo. Os tutoriais foram, também, postados no YouTube e no Facebook, além de serem catalogados em uma aba exclusiva no website do Programa Polo, o que garantiu a construção de um memorial de vídeos.

A elaboração dos vídeos foi pensada a partir de três ordens de dificuldade: básico, médio e avançado. Tais categorias foram criadas para contemplar os níveis de conhecimento sobre internet, auxiliando tanto os sujeitos com dificuldades maiores quanto as associações que já utilizam a internet, mas que nunca haviam tido contato com ferramentas de venda naquele ambiente.

Na categoria básica, estão questões não necessariamente relacionadas com negociações e presença estratégica em plataformas, mas sim de acesso cotidiano e tarefas aparentemente banais, como criação de conta no Google ou os motivos para usar Facebook e como trabalhar com ele. Já as categorias intermediárias e avançadas abordavam conteúdos focados na necessidade dos artesãos para efetuarem e ampliarem suas vendas online, incluindo estratégias de postagens e ferramentas diversas.

A coleta de materiais para a confecção dos vídeos se deu nos próprios sites divulgados pelo projeto. A grande maioria dos sites utilizados já disponibiliza um tutorial prévio escrito, demonstrando como realizar as ações (criar conta, fazer amigos) em seu site, e este material foi usado na criação dos vídeos – operando quase como uma tradução daquele conteúdo para um público leigo. Vídeos mais avançados, por sua vez, demandaram um estudo maior e a busca em outros sites e materiais disponibilizados na internet voltados para o *e-commerce*.

A distribuição dos vídeos ocorreu nas segundas e quintas-feiras e passou por algumas adaptações. Inicialmente, a ideia era montar uma linha de transmissão com múltiplos destinatários, mas como muitos sujeitos não possuem nossos números, a alternativa foi o envio manual para os contatos do Programa Polo a cada semana. No total, foram produzidos 31 vídeos. O contato mais pessoal auxiliou no acompanhamento sobre a satisfação da iniciativa. A cada duas semanas de divulgação dos vídeos, foram realizadas ligações para associações a fim de acompanhar o avanço do projeto. Tais contatos eram guiados por perguntas como “Você está conseguindo entender os vídeos?”, “Você está recebendo os vídeos?” e “Existem dúvidas ou sugestões em relação aos vídeos?”. Assim procuramos realizar uma ação o mais participativa e inclusiva possível, buscando construir o projeto conjuntamente com aquelas pessoas, fazendo com elas e para elas.

Avaliação e considerações

O processo de avaliação do presente projeto foi realizado durante o mês de janeiro de 2021 e consistiu principalmente nas interpretações métricas e no contato direto de bolsistas com os artesãos e as associações identificados anteriormente. Em termos de métricas, as ações resultaram no aumento de mais de 60% no engajamento e 125% no alcance das páginas do Programa Polo Jequitinhonha.

Já as entrevistas foram conduzidas a partir de uma planilha central e de um roteiro predefinido de perguntas. No total, foram coletadas 37 respostas. O roteiro trazia perguntas sobre como foi o ano de 2020, como estavam as vendas e como estava o uso da internet. Além disso, foram feitas questões específicas sobre os dois projetos, pedindo a avaliação de 1 a 5 para suas ações, além de testemunhos sobre o impacto das ações. Em geral, as notas foram bastante positivas (média de 4,1 e 4,0), e foi possível coletar informações importantes, especialmente acerca da distribuição.

Um dos desafios enfrentados no processo de avaliação foi a limitação do contato pelo telefone. Diversos artesãos apontaram um aumento de vendas e a utilização dos conhecimentos adquiridos pelos tutoriais, além de vendas advindas da Mostra Virtual. As associações, em especial, elogiaram bastante os tutoriais e se mostraram ao público com maior apropriação do material criado. Todas elas manifestaram o desejo de continuarem a receber os tutoriais, inclusive apontando novas temáticas, a partir de seus problemas específicos, que poderiam ser abordadas.

O processo de avaliação nos permitiu pensar em formas de avançar os projetos nos anos seguintes. Uma questão bastante significativa foi a dificuldade de acesso dos artesãos aos conteúdos digitais, mesmo com todos os cuidados durante o processo. Tivemos, assim, um número significativo de pessoas que afirmavam que tinham “perdido o celular” ou não tinham recebido os conteúdos, o que nos desafia a pensar em alternativas para o processo de capacitação desses sujeitos. Também foi possível observar que o principal impacto de nossas ações foi detectado em associações de artesanato, grupos que estão articulados e, de certa forma, mais preparados para enfrentar os desafios decorrentes da presença e venda digital.

Também foi possível reconhecer que cada associação de artesanato tem a sua singularidade, relativa não apenas ao artesanato, mas também em relação a seus conhecimentos, infraestrutura e verba. Dessa forma, um trabalho mais focado no atendimento individualizado de associações, que permitiria lidar com suas questões próprias e construir um conhecimento ainda mais atualizado sobre as dificuldades do artesanato do Vale do Jequitinhonha nessa transição para o online, seria interessante no futuro.

Ao fim, as ações realizadas foram importantes também para revelar os limites de nossa atuação enquanto um programa de extensão em um cenário pandêmico e de corte de verbas. Em especial, torna-se cristalina a incapacidade de sanar problemas estruturais, frutos de políticas públicas incipientes e da desigualdade da distribuição de renda e de oportunidades. Contudo, acreditamos que as nossas medidas causaram impactos sociais e atuaram para mitigar, ainda que de forma limitada, os riscos e prejuízos oriundos da pandemia e do cancelamento das feiras presenciais de artesanato. Além disso, as ações foram importantes como elementos de relacionamento com os públicos do Programa Polo, demonstrando para os artesãos e as associações que elas não enfrentam sozinhas as incertezas e os medos daquele momento histórico.

Camponesa e cantadeira,
é princesa e lavadeira,
lutadora, plantadora,
professora, secretária,
operária brasileira,
doutora, raizeira e
rezadeira, seu trabalho
é como galho da roseira
que dá flor a vida inteira,
sua voz é uma canção
companheira do meu coração.

UMA MULHER DO JEQUITINHONHA

RUBINHO DO VALE

Músico, compositor e pesquisador da cultura popular brasileira, com trajetória dedicada à valorização da cultura popular do Vale do Jequitinhonha. Seu trabalho reúne música, memória e saberes populares, contribuindo para a preservação e difusão do patrimônio cultural mineiro.



Esses versos pertencem à música “Maria da Dores”, que compus em 1982 para minha primeira viola, batizada com esse nome tão lindo e significativo.

Hoje dedico-os a outra Maria das Dores: Maria das Dores Pimentel Nogueira, nossa Marizinha. Companheira das mulheres do Vale, das artesãs e dos artesãos, das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais, dos jovens, de todas as pessoas do Jequitinhonha que sonham com dias melhores e fazem da sua arte uma forma de resistência e sobrevivência.

Criada por Marizinha e suas companheiras e companheiros da extensão e da cultura da Universidade, a Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha na UFMG nos ensinou a amar ainda mais nosso querido Vale. A Feira nos deu a oportunidade de conhecer melhor e de perto artesãs e artesãos, mestras e mestres da cultura popular, do rico artesanato do Vale. Também nos mostrou que a Universidade pode e deve estar mais perto do povo, das comunidades, que pode fazer ações para o desenvolvimento humano, social e econômico das pessoas.

Já tive o privilégio de cantar na Feira e sou muito grato por isso. Já me emocionei, já chorei vendo o brilho no olhar das artesãs e artesãos ao receber da Universidade o título de Mestra e Mestre da Cultura Popular e outras homenagens. Também sempre foi emocionante ver o olhar de alegria de Marizinha diante de todo esse reconhecimento dos artistas populares do Jequitinhonha.

Só pessoas corajosas e amorosas, de olhar visionário e profundo, de coração solidário e acolhedor, como Marizinha, são capazes de reconhecer o saber do povo, a arte de quem leva uma vida simples e a força que emana de cada peça de artesanato talhado, bordado, moldado a partir do barro, da linha, da madeira, do couro e de outros materiais que o povo do Vale usa para transmitir seus sentimentos e sonhos.

Doutora Maria das Dores Pimentel é, na verdade, uma mulher do Jequitinhonha. Não nasceu no Vale, mas o Jequitinhonha nasceu dentro dela. Floresceu na sua caminhada, brilhou em suas falas e atravessou suas publicações. O Vale sempre esteve com ela.

A força espiritual do nosso artesanato está e estará sempre com ela. O amor de Marizinha pelo Jequitinhonha permanecerá em nossos corações, na lembrança afetuosa dos artesãos e artesãs do Jequitinhonha.

Siga na Paz e na Luz, querida Marizinha. Jamais esqueceremos o seu amor pelo Jequitinhonha.

Iconografia | Referências

O projeto gráfico utiliza imagens de Acervos vinculadas à Bacia do Rio Jequitinhonha como matéria-prima estético-conceitual, submetidas a intervenções de design e composição visual livre, não constituindo registro documental estrito dos textos. As fontes originais encontram-se creditadas:

Mapa

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa, Portugal).

[Carta da Capitania de Minas Gerais entre os rios das Velhas e o Araçuaí].

SOARES, Diogo. Ca. 1734/1735. Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita.

(Ficheiro: PT-AHU-CARTM-161-00020_m0005.jpg)

Mapa Rio Jequitinhonha e Rio Araçuaí.

Peixes

Auchenipterus (Pseudauchenipterus) jequitinhonhae

Tetragonopterus jequitinhonhae

Wertheimeria maculata

STEINDACHNER, F. 1877

Die Süßwasserfische des südöstlichen Brasilien (III). Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Mathematisch-Naturwissenschaftliche Classe v. 74 (1. Abth.): 559-694, Pls. 1-13. [Also as a separate, pp. 1-136, Pls. 1-13. Abstract in Anzeiger Akad. Wiss. Wien v.13 (no. 24). Disponível em: Steindachner 1877– Die Süßwasserfische des südöstlichen Brasilien (III). Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften.pdf

Leporinus steindachneri

Leporinus crassilabris

BORODIN, N. A. 1929 (Apr.)

Notes on some species and subspecies of the genus *Leporinus* Spix. Memoirs of the Museum of Comparative Zoology v. 50 (no. 3): 269-290, Pls. 1-17

E61 **Entre o Vale e a Universidade: memórias de 25 anos da Feira de Artesanato do Jequitinhonha na UFMG** [recurso eletrônico] / organizadores Cleomar Poletto, Maria das Dolores Pimentel Nogueira, Sérgio Renato Diniz Araújo, Terezinha Maria Furiati.

Belo Horizonte : Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, 2026.

1 recurso online (184 p. : il. color., pdf).

Modo de acesso: World Wide Web.

Disponível em: <https://www.cultura.ufmg.br/>

ISBN 978-65-88671-15-3 (digital)

1. Artesanato – Jequitinhonha, Vale do (MG e BA). 2. Cultura – Minas Gerais. 3. Jequitinhonha, Vale do (MG e BA) – Usos e costumes. I. Poletto, Cleomar. II. Nogueira, Maria das Dolores Pimentel. III. Araújo, Sérgio Renato Diniz. IV. Furiati, Terezinha Maria. V. Universidade Federal de Minas Gerais. Pró-Reitoria de Cultura. VI. Título.

CDD 745.5(815.13)(061.4)

CDU 381.18098151